

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS – CSHNB
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

LETÍCIA MENDES LEAL

DE BURITI A IPIRANGA: Entre a cidade visível e a invisível (1956-1980)

PICOS, PI

2013

LETÍCIA MENDES LEAL

DE BURITI A IPIRANGA: Entre a cidade visível e a invisível (1956-1980)

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura
Plena em História, do Campus Senador Helvídio
Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí.
Orientadora: Prof^a. Ms. Marylu Alves de Oliveira.

PICOS, PI

2013

Eu, **Letícia Mendes Leal**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI, 24 de abril de 2013.

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

L435e Leal, Letícia Mendes.
De Buriti a Ipiranga: entre a cidade visível e a invisível (1956-1980) /
Letícia Mendes Leal. – 2013.
103 f. : il ; 30 cm.

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do
Piauí. Picos-PI, 2013.
Orientador(A): Prof. Ms. Marylu Alves de Oliveira

1. História - Piauí. 2. Ipiranga do Piauí - Memória. 3. Cidade –
Emancipação Política - Sensibilidades. I. Título.

CDD 981.812 22



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos dezesseis (16) dias do mês de abril de 2013, na sala do Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de: **LETÍCIA MENDES LEAL** sob o título: *DE BURITI A IPIRANGA: Entre a cidade visível e a invisível 1956-1980*

A banca constituída pelos professores:

Orientadora: Marylu Alves de Oliveira
Examinador 1: Nilsângela Cardoso Lima
Examinador 2: Ada Raquel Teixeira Mourão

Deliberou pela reprovação do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 30.

Picos (PI), 16 de abril de 2013

Orientador (a): Marylu Alves de Oliveira
Examinador (a) 1: Nilsângela Cardoso Lima
Examinador (a) 2: Ada Raquel Teixeira Mourão

Dedico esse trabalho a Deus, meu Pai, Criador e Sustentador da minha vida. Sem sua presença seria impossível buscar meu lugar ao sol, voar com o vento do novo dia e ir em busca dos meus sonhos e esperanças. À meu namorado **RONALDO** pelo apoio, estímulo e incentivo nas horas mais difíceis. Pela compreensão, tolerância e paciência com minha ausência.

AGRADECIMENTOS

Tudo começa com um sonho. Sonhamos e o nosso grande Deus ajudou-nos a concretizar, por isso Ele é nosso general, autor e consumidor de nossa fé. Grande inspirador e fortalecedor desta pesquisa, sendo meu orientador e guia espiritual.

Não poderia deixar de expressar todo o meu agradecimento àqueles que, de alguma maneira, direta ou indiretamente, contribuíram para a construção e conclusão deste trabalho.

Agradeço à minha família, pelo companheirismo, amizade, confiança. E em especial à minha mãe pelas conversas, atenção, conselhos; por todas as vezes que abriu mão dos seus sonhos para poder realizar os meus, e por ter iluminado os caminhos obscuros com afeto e dedicação para que eu pudesse conseguir os meus objetivos.

Aos meus avós maternos – Mundinha e Faustino – meus grandes amigos, por terem me incentivado a prosseguir na jornada, mostrando que esse caminho deveria ser seguido sem medo, independentemente dos obstáculos. Pela coragem e história de vida, em que sempre me espelharei!

Agradeço a Ronaldo, pelo amor a mim dedicado, por todo apoio e paciência nos momentos de aflição, assim como o incentivo de que tudo daria certo. Obrigada meu amor, meu amigo com quem sempre pude contar (quantas vezes foi comigo procurar fontes para que esse trabalho fosse realizado), sou grata ainda pela compreensão da minha ausência, por aguentar todo meu estresse e desabafo, por cada abraço ser sinônimo de amor, paz e segurança.

À querida e linda professora Marylu Alves de Oliveira, que foi essencial para a construção deste trabalho. Que apesar de estar muito ocupada com o doutorado e neste semestre ter ficado com um número grande de orientandos, topou esta caminhada, fez a diferença, por seus ensinamentos, esclarecimentos e paciência. A você Marylu, que me orientou brilhantemente, contribuindo assim, para o sucesso desse trabalho, obrigada pela compreensão e por fazer de tudo para que se tornasse possível nossos encontros, onde fazia sugestões muito relevantes. Sou grata pelas significativas orientações teóricas e pelo elevado nível intelectual de suas aulas.

Aos professores do curso, por contribuírem de forma grandiosa para meu conhecimento, em especial a querida professora Nilsângela, que gentilmente aceitou fazer parte da banca examinadora. Obrigada, grande mestra, pelas preciosas aulas de História do Piauí, permeada de amplo conhecimento que foram essenciais para a construção desta pesquisa.

Aos amigos de curso, especialmente Aylla Mara, Lívia e Vanessa pela cumplicidade, amizade. Por acreditarem em mim, mesmo quando eu fraquejava. Obrigada pela paciência e por guiar minha escrita deste trabalho. Eternamente “quarteto fantástico”, obrigada meninas por contribuírem de forma imprescindível para minha formação, por cada trabalho realizado juntas, levarei vocês para sempre no meu coração e na minha história.

Vanessa, obrigada por gentilmente ceder seu precioso tempo comigo, por cada leitura, pela formatação, pelas conversas, por sempre me incentivar na produção deste trabalho. Pelas horas que passou de sonho para me ajudar. Agradeço ainda a seu marido Ismael que gentilmente estava sempre por perto para nos ajudar. A Íris Marianne, que me cedia sua mãe, sempre muito alegre e receptiva me acolhia na sua casa.

Aos professores que compuseram a Banca de avaliação: Nilsângela Cardoso Lima, Ada Raquel Teixeira Mourão e Francisco de Assis Nascimento por aceitar o convite, podendo assim, colaborar com o meu trabalho.

Aos entrevistados, por toda disposição de seu tempo para me ceder relatos, informações, lembranças, fotografias, que foram uma das bases para constituir este trabalho monográfico.

Agradeço ainda à Mirlande, pelas mensagens de ânimo e palavras de que tudo daria certo, à Rosinha que tantas vezes me ajudou servindo como intermediária para que eu pudesse utilizar os livros da biblioteca da UFPI.

A Marília, que gentilmente aceitou fazer as revisões gramaticais desta pesquisa.

Concluir essa etapa de minha vida não foi fácil; tive que lidar com muitos desafios, noites em claro, perdas de pessoas muito importantes na minha vida (como está sendo difícil aceitar sua ausência Madrinha Cenaide), foram muitas as dificuldades. Porém, tendo uma alegria enorme por ter conseguido chegar até esse momento. Hoje tenho certeza de que para conquistarmos algo na vida não existe nada que nos impeça, basta termos a certeza daquilo que queremos e um Deus e amigos que nos auxiliem nessa busca.

A cada instante a cidade compreende mais do que o olho pode ver, mais do que o ouvido pode escutar-disposições e perspectivas que esperam ser exploradas. Nenhum elemento viveu por se próprio; revela sempre ligado ao seu meio ambiente, a sequencia do acontecimento que o levaram a ele, à lembrança de experiências passadas. Cada habitante teve relações com partes de sua cidade e a imagem que tem dela esta banhada de lembranças e significados. [...]

CHOAY, Françoise (2005)

RESUMO

Nesta pesquisa procuramos compreender o processo de ocupação do antigo povoado Buriti, que deu origem à atual Ipiranga do Piauí e sua emancipação política, bem como perceber as transformações urbanísticas ocorridas entre os anos de 1956 a 1980, a partir do enfoque da História Cultural, tendo como base a pesquisa de fontes documentais, orais e visuais. Através do método/técnica da história oral, buscamos fazer uma construção do passado por meio das lembranças, relatos e experiências vivenciadas pelos entrevistados, bem como o uso de fotografias dos espaços que possibilitou uma visualidade sobre a cidade. Adotamos, ainda, antropologia histórica, com o intuito de fazer uma análise minuciosa dos detalhes de uma sociedade. O presente trabalho busca fazer uma abordagem histórica sobre a construção da cidade, tentando compreender também como essa materialidade foi percebida pelos cidadãos, assim como a construção das memórias e sensibilidades naquele período em estudo, revelando-nos uma multiplicidade de olhares sob a urbe ipiranguense.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade; Ipiranga do Piauí; Memória; Emancipação política; Sensibilidades.

ABSTRACT

This research sought to understand the process of occupation somewhat Buriti, which led to the current Ipiranga Piaui and political emancipation, as well as realize the urban transformations that occurred between the years 1956 to 1980, from the viewpoint of Cultural History, with based on the research of documentary sources, oral and visual. Through the method / technique of oral history, we seek to make a construction of the past through memories, stories and experiences by respondents, as well as the use of photographs of spaces that allowed for a visual on the city. We adopted yet, historical anthropology, in order to make a thorough analysis of the details of a society. This study aims to make a historical approach on the construction of the city, trying to understand how that materiality was also perceived by townspeople, as well as the construction of memories and sensitivities that period under study, showing us a variety of looks in the metropolis ipiranguense.

KEYWORDS: City; Ipiranga Piaui, Memory; Emancipation policy; Sensitivities.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 01: Mapa de localização da cidade de Ipiranga	14
Ilustração 02: Croqui indicando passagens de lugares dos italianos	25
Ilustração 03: Usina Elétrica do povoado Ipiranga nos anos de 1950	41
Ilustração 04: Recorte do Jornal de Picos	42
Ilustração 05: Portaria de nomeação de delegado de ensino para o povoado Ipiranga.	45
Ilustração 06: Mercado Público de Ipiranga do Piauí 1951.	46
Ilustração 07: Praça de Nossa Senhora da Conceição em Ipiranga do Piauí, 1968.	68
Ilustração 08: Marcos Siqueira Cortez filho da depoente Rita Cortez, em 1978.	69
Ilustração 09: Crianças na fonte luminosa da Praça de N. S. da Conceição, 1970.	70
Ilustração 10: Casal de namorados sentados na Praça N. S. da Conceição, 1973.	72
Ilustração 11: Casal na fonte luminosa da Praça N. S. da Conceição, 1973.	72
Ilustração 12: Casal de namorados na Praça Nossa Senhora da Conceição em 1973.	72
Ilustração 13: Fachada da Igreja Matriz N. S. da Conceição, Ipiranga do Piauí 1972.	76
Ilustração 14: Fachada da Igreja Matriz N. S. da Conceição, Ipiranga, 2007.	76
Ilustração 15: Reformando a Igreja Matriz N. S. da Conceição, Ipiranga, 2012.	79
Ilustração 16: Fachada da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, Ipiranga, 2013.	79

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Exportação da borracha de maniçoba no Piauí.	29
Tabela 02: Imposto sobre a exportação da borracha do Piauí 1906 – 1913.	30

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 OCUPAÇÃO, ECONOMIA E RELIGIÃO.....	20
1.1. A ocupação do povoado Buriti.....	20
1.2. A Chegada dos italianos	22
1.3. Extração da borracha impulsiona o crescimento do povoado.....	26
1.4. A importância da religião na comunidade.....	31
1.5. Decadência da Borracha.....	37
2 IPIRANGA: A Cidade Sonhada.....	40
2.1 Os incrementos tecnológicos e socioculturais no povoado Ipiranga.....	40
2.2 Os desejos de se tornar cidade	47
2.3 As dificuldades encontradas para emancipar o povoado Ipiranga.....	49
2.4 A emancipação política de Ipiranga do Piauí	55
2.5 Ações de Fausto: as transformações urbanísticas de Ipiranga.	59
3 IPIRANGA DA SAUDADE: a cidade construída a partir da memória de seu povo.....	62
3.1 Um novo olhar sobre a temática cidade: representações de sensibilidade.....	62
3.2 Múltiplos olhares, diversas memórias e uma cidade: IPIRANGA.....	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
FONTES E REFERÊNCIAS.....	86
ANEXOS.....	90

INTRODUÇÃO

(...) A cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimões das escadas, nos bancos da praça, nas antenas dos para raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras.

Ítalo Calvino – Cidades invisíveis

As cidades são espaços onde a história é construída no dia-a-dia, ou seja, no cotidiano e nas experiências concretas das pessoas que a habitam. Nela encontramos as pessoas comuns, os poetas, os sonhadores, enfim, personagens que criam e recriam suas histórias a partir do lugar em que vivem. A cidade visível com suas ruas, praças, clubes, igrejas e construções, “é por excelência o lugar que melhores condições tem de produzir um ambiente fértil para o desenvolvimento das ideias, das imagens e das representações”¹. Ítalo Calvino diz que “(...) jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve. Contudo, existe uma ligação entre eles”². Assim, através de discursos e imagens, os homens criam representações que expressam sonhos, desejos e esperanças.

As cidades podem ser um objeto de estudo em que podemos explorar suas várias relações, sejam elas políticas, econômicas, sociais, culturais, entre outras, apresentando-se como um campo de pesquisa interdisciplinar. De acordo com esta perspectiva, a História Cultural toma a cidade como um objeto de reflexões onde se estuda, sobretudo, as representações que se constroem na e sobre a cidade.³

Dentre as inúmeras possibilidades oferecidas por esse objeto de estudo, escolhi trabalhar com a memória de alguns sujeitos históricos, que vivenciaram/sentiram as transformações no espaço da cidade. O presente texto monográfico é revestido de caráter singular, uma vez que se trata sobre o estudo do nascimento de uma comunidade no sertão do Piauí. Analisa de forma específica o processo de ocupação do povoado “Buriti”, recebendo posteriormente o nome de Ipiranga do Piauí⁴, emancipação política, transformações

¹SOUZA, Célia Ferraz. Construindo o espaço da representação: ou o urbanismo da representação. In: SOUZA, Célia Ferraz, PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Orgs.) *Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997. p.109.

²CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.59.

³PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.p.69-98

⁴O município de Ipiranga do Piauí possui uma extensão territorial de 528 km², situa-se na microrregião de Picos -PI, segundo os dados do IBGE (2010) sua população é de 9.327 habitantes. A cidade encontra-se localizada na BR-316, estrada que liga Teresina a macrorregião de Picos. Ipiranga localiza-se no sudeste do estado, e tem

urbanísticas e como os indivíduos se percebem diante desta materialidade na qual a cidade é erigida.

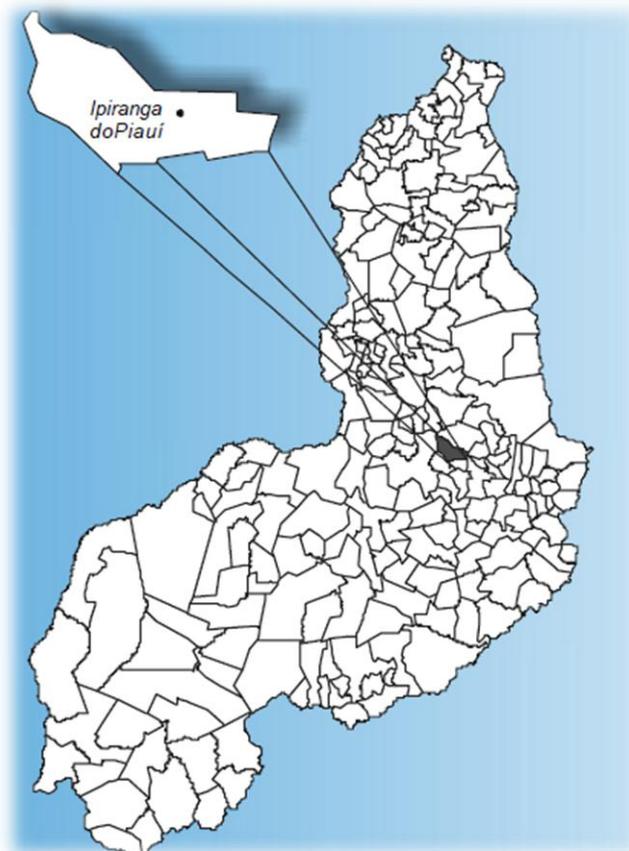


Ilustração 01: Mapa de localização da cidade de Ipiranga
Fonte: Aguiar, Robério Bôto de. Projeto de Cadastro de Fontes por água subterrânea do Estado do Piauí: Diagnóstico do município de Ipiranga do Piauí. Fortaleza: CPRM, 2004.

Do ponto de vista cronológico, utilizou-se um recorte temporal que privilegiou os anos de 1956 a 1980, necessários para entendermos as articulações políticas até a emancipação da atual cidade de Ipiranga, percebendo ainda as mudanças ocorridas com o advento da municipalidade e como os munícipes perceberam as edificações e transformações no espaço urbano. Identificando, assim, uma única cidade sendo produzida em várias através dos discursos dos habitantes ipiranguenses. A escolha do recorte temporal dessa pesquisa se justifica em função de nesse período ter se instalado um comitê no povoado que passou a trabalhar em prol da emancipação, bem como para podermos entender as representações em volta da cidade.

como limites ao norte o município de Inhumas, ao sul Dom Expedito Lopes e São João da Varjota, ao leste São José do Piauí e Santana do Piauí, e a oeste Oeiras, e dista cerca de 262 km de Teresina. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=220480>>. Acesso em: 05 de abril de 2013.

A reflexão em torno dessa temática de estudo, justifica-se, principalmente, pelo interesse pessoal e também pelos laços naturais da pesquisadora com a cidade. Deve ressaltar ainda a ausência de estudos anteriores relativos ao assunto. Somando-se a isso, este trabalho constituirá numa contribuição de grande relevância ao conhecimento historiográfico, não só para a história de Ipiranga, como também para a história do Piauí, uma vez que se apresenta como mais um suporte para os estudos sobre as cidades, neste Estado.

Este estudo é de grande relevância social, uma vez que este trabalho procura compreender o processo de emancipação política do antigo povoado, buscando perceber como os cidadãos enxergaram as transformações que a cidade passou após sua emancipação, contribuindo assim, para a construção da memória e da história da sociedade ipiranguense. Nesse sentido, os objetivos desta pesquisa é compreender como se deu o processo de ocupação do antigo povoado Buriti, que deu origem a atual Ipiranga do Piauí, assim como entender como ocorreu o processo de emancipação política do município de Ipiranga, apontando ainda como as transformações urbanísticas da cidade foi percebida pelos cidadãos.

Não pretendo encerrar ou delimitar o assunto estudado como se estivesse restrito apenas ao que está registrado aqui, mas sim proporcionar e ampliar o leque de possibilidade para futuras pesquisas, as quais poderão ter novas interpretações e/ou preencher eventuais lacunas.

A produção historiográfica, nos últimos anos, vem se debruçando sobre a compreensão das sensibilidades, uma vez que, através desta conseguimos encontrar traduções das subjetividades e dos sentimentos materializados, objetividades palpáveis, que operem como a manifestação exterior de uma experiência íntima, individual ou coletiva. Recuperar sensibilidades não é sentir da mesma forma, é tentar explicar como poderia ter sido a experiência sensível de outra época pelos rastros que deixou. Neste sentido, para a construção deste trabalho, tive nos vestígios deixados pelas fotografias e conversas com alguns cidadãos ligados à cidade do período em estudo, a possibilidade de capturar a partir desta sensibilidade relacionada a experiências vivenciadas na pequena urbe. A memória, neste estudo foi fundamental.

No livro *Ipiranga do Piauí: Recordações da Cidade e do Campo: terra de Brejos e Buritizais*⁵ de João Borges Caminha, este faz uma narração descritiva da geografia física, humana e política, da fauna e da flora de Ipiranga, onde é perceptível que, por não ter formação de historiador, o autor não se preocupou em fazer uma discussão historiográfica e

⁵ CAMINHA, João Borges. *Ipiranga do Piauí: Recordações da cidade e do campo: terra de Brejo e Buritizais*. Teresina: Gráfica do Povo/EDUFPI, 2009.

nem propôs ao leitor uma análise aprofundada do que se estava sendo narrado. No entanto, por não existirem outros estudos sobre a cidade, fomos a campo realizar um trabalho de investigação em que personagens foram ouvidos por meio de entrevistas.

Foram, então, entrevistadas nove pessoas que de alguma forma, tiveram uma parte de sua trajetória de vida nesta cidade. Seus nomes, a seguir, estão citados em ordem alfabética: Carolina Francisca de Moura (88 anos), José Albino de Carvalho Mendes (80 anos), José da Silva Borges (52 anos), Lucas Cortez Rufino (87 anos), Maria Rita Siqueira Cortez (65 anos), Maria Rosa da Damascena Moura (61 anos), Raimunda Mendes de Lima (66 anos), Teresa de Jesus Silva dos Anjos (69 anos), e Teresinha Maria de Carvalho Santos (70 anos). Os critérios utilizados para a seleção dos entrevistados foram: indivíduos que viveram entre os anos de 1956 a 1980 em Ipiranga, participaram da comissão criada em 1956 em prol da emancipação política da cidade, possuir fatos de suas vidas relacionados aos espaços criados a partir das transformações urbanísticas, fazer parte de segmentos sociais diferenciados.

Sendo assim, para a realização deste trabalho, utilizamos como método/técnica de construção histórica a história oral⁶, como forma de ajudar a construir nossas fontes e, assim, compreender a história da cidade de Ipiranga.

Utilizamos-nos dos relatos orais dos que participantes da construção da história da urbe, pois a documentação e estudos escritos sobre a comunidade são restritos e não oferecem possibilidades de discussão. Associado a isto entendemos que a memória é “[...] um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”⁷, já que a partir dela que podemos fazer uma construção do passado.

Utilizamos-nos da história oral, pois concordamos com Lucília de Almeida Neves Delgado de que esta é:

[...] um procedimento integrado a uma metodologia que privilegia a realização de entrevistas e depoimentos com pessoas que participaram de processos históricos ou testemunharam acontecimentos no âmbito da vida privada ou coletiva. Objetiva a construção de fontes ou documentos que subsidiam pesquisas ou formam acervos de centros de documentação e de pesquisa. Não é a História em si mesma, mas um dos possíveis registros sobre o que passou e sobre o que ficou como herança ou como memória.⁸

Dessa forma, segundo a percepção de Delgado, a história oral é um procedimento ou mesmo um caminho para a produção do conhecimento histórico que se dá pela construção de

⁶ FREITAS, Sônia Maria de. *História Oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas, 2002.

⁷ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5ª ed. Campinas: Unicamp, 2003, p. 419.

⁸ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 18.

fontes e documentos. Assim, por ser “[...] um método de pesquisa, no qual se faz uma gravação sonora de uma entrevista sobre experiências diretas ocorridas durante a vida de uma testemunha ocular”⁹, a empregamos por entender que ela pode contribuir para que as lembranças dos entrevistados proporcionem um diálogo entre presente e passado.

Foram realizadas também pesquisas documentais – cinco livros de atas da Câmara Municipal de Oeiras, quando Ipiranga era apenas um povoado pertencente à Oeiras – contendo atas de reuniões que discutiam o projeto que pleiteava a criação da cidade de Ipiranga. Atas que falam da presença da comissão criada em prol da emancipação política do povoado, composto por ipiranguenses. Já na Câmara Municipal de Ipiranga foram utilizados – livro de atas de posses solenes dos prefeitos de Ipiranga – livro borrador, destinado ao registro de despesas da Prefeitura Municipal em 1963. Destaca-se também as revistas comemorativas, notas de jornais que abordam a cidade de Ipiranga e fotografias como fonte para construção deste trabalho.

Baseamo-nos, ainda, na antropologia histórica apresentada no livro *O grande massacre dos gatos*¹⁰ de Robert Darnton, que é aquela que busca analisar e interpretar os mínimos detalhes que compõem uma sociedade, fazendo, com isso, uma descrição densa para que, assim, possamos ter uma ideia de como se articulou as relações políticas e sociais da cidade.

Entre as muitas possibilidades de estudar cidade optamos pela História Cultural, através da perspectiva compreendida por Sandra Jatahy Pesavento que a define como objeto de múltiplos discursos e olhares. Pesavento aborda a cidade como espaço de experiências, construção de saberes e reflexões que estão muito além do espaço físico, dando forma e significados a sentimentos, a sociabilidades que se constituem em representações¹¹.

A leitura do livro de Eliane Rodrigues de Moraes *De Papagaio a Francinópolis*¹² tornou-se determinante nesta pesquisa, pois as ideias da autora contribuíram para pensarmos a nosso tema, uma vez que em sua obra, ela aborda a temática do processo de ocupação do povoado Papagaio, apresentando seus primeiros povoadores, fazendas da região, a importância da feira, o crescimento do povoado até a emancipação política, itens também desenvolvidos neste trabalho.

⁹CRUIKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: revelando algumas questões. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (Org.). *Usos e abusos da história oral*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 151.

¹⁰DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

¹¹PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades Visíveis, Cidades Sensíveis, Cidades Imaginárias. *Revista Brasileira de História*. UFRGS, v.27, n.53. 2007, p. 17.

¹²MORAIS, Eliane Rodrigues de. *De Papagaio a Francinópolis*. Teresina: EDUFPI, 2008.

Como referências bibliográficas, foram essenciais os texto de Sandra Jatahy Pesavento, Ítalo Calvino, com a obra *Cidades invisíveis*, e o livro “O que é cidade” de Raquel Rolnik. Ambos, em sua perspectiva, discutem ou mesmo pontuam aspectos importantes que nos ajuda a entender o espaço da cidade, e ainda como este pode ser percebido de múltiplas formas.

O nosso trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro procuramos apresentar um panorama de como se deu o processo de ocupação do território do povoado Buriti, primeiros moradores, a formação de currais trazendo assim uma abordagem das fazendas de gado que se constituiu como modelo dominante do povoamento do estado do Piauí, apontada por Luiz Mott¹³. Aborda ainda a importância da extração da borracha de maniçoba na comunidade, elemento que impulsionou a atração de pessoas para a região, resultando na imigração de italianos para a comunidade, contribuindo para o crescimento do povoado. Ainda no primeiro capítulo é destacada a importância da religião no povoado, ressaltando a mediação dos religiosos, no processo da mudança de nome do povoado Buriti para Ipiranga. Para isso, utilizamos, dentre outros os textos de Teresinha Queiroz, Graziani Gerbasi Fonseca, Mafalda Baldoino, Raquel Rolnik, Zeny Rosendahl, Lewis Munford, Murilo Marx e Michael Pollak.

No segundo capítulo buscamos entender como se articularam os desejos do povoado Ipiranga se tornar cidade, nascendo assim um comitê que passou a trabalhar visando à emancipação política da cidade. Percebermos que, devido disputas políticas, foram travados quase cinco anos de luta, sendo finalmente emancipada e instalada em 15 de dezembro de 1962. Apresentamos ainda que o município passou por transformações urbanísticas. Para construirmos este capítulo recorreremos às revistas comemorativas da cidade, livro de Caminha que apresenta uma descrição física, humana, da fauna e flora de Ipiranga, livros de atas da câmara de Oeiras e Ipiranga, fotografias da casa da cultura, de onde pudemos visualizar os primeiros prédios públicos da localidade, jornais com matérias sobre a cidade e depoimentos como o de Lucas Cortez Rufino, um dos membros da comissão em prol a emancipação política.

No último capítulo, abordamos depoimentos de pessoas que vivenciaram o processo de transformações urbanísticas da cidade e percebemos pelas narrativas o entrelaçamento de várias cidades, como: cidade visível e invisível, a cidade antiga e moderna, possibilitou reconhecer ainda nos discursos dos depoentes a cidade como espaço da cultura histórica. Para

¹³MOTT, Luiz R. B. *Piauí colonial: população, economia e sociedade*. Teresina, Projeto Petrônio Portella, 1985.

isso, discutimos, com a Sandra Pesavento, que afirma que as cidades trazem consigo sensibilidade, representações e maneiras de como os cidadãos se percebem a partir da urbe.

1 OCUPAÇÃO, ECONOMIA E RELIGIÃO

1.1 A ocupação do povoado Buriti

O nascimento da comunidade Buriti remonta ao século XVIII e está intrinsecamente ligada ao comércio e a extração do látex, realizado na época em Oeiras, quando esta ainda era capital do Piauí. O produto extraído da maniçoba foi encontrado em grandes quantidades nas chapadas, da qual se extraía excelente borracha¹⁴.

Por volta do ano de 1780, tropeiros¹⁵ provenientes do município de Valença do Piauí se dirigiam a Oeiras para venderem gêneros diversos e terminavam por acampar, tanto na ida quanto na volta, às margens de uma pequena vertente formada pelas águas que corriam do brejo, a meio caminho da antiga capital piauiense. Esse brejo ficava localizado na bacia do rio Corrente, nas nascentes do Riacho Engano, localizado a 60 quilômetros de Oeiras. De acordo com a memória coletiva do povoado, o lugar passou a ser chamado de “Furta-lhe a Volta” porque “furtava a volta”, ou seja, diminuía a distância¹⁶.

Apesar do trânsito de pessoas já existente naquela época, somente no final do século XIX é que se intensifica o processo de ocupação, de maneira que contribuiu para o surgimento do povoado. Ainda não existiam estradas ou qualquer outra coisa que caracterizasse como um povoado. Acredita-se que os primeiros currais que surgiram foram instalados nas proximidades do riacho Frade, subafluente do Canindé, num local conhecido como Curral do Meio. Mais tarde, o lugar que abrigava os currais de gado passou a ser chamado de “Buriti”, devido à grande quantidade de buritizeiros nos seus brejos¹⁷.

Luiz Mott¹⁸ afirma que a fazenda de gado foi o germe do povoamento do Piauí, constituindo a partir daí o modelo dominante de ocupação do território. Mott ainda aponta que os lugares escolhidos, de forma geral, para instalação de uma nova fazenda, certificavam-se da existência de boas aguadas¹⁹, construía-se em primeiro lugar um curral onde pudessem ser abrigados os bezerros logo que nascidos. As demais instalações vinham com o tempo e os

¹⁴ NASCIMENTO, Luciano Barbosa do. 40 anos de crescimento. In: *Revista Ipiranga*, Ed.01. Picos: Artecó – Publicidades, Dez. 2002.

¹⁵ Indivíduos que compravam e vendiam “tropas” de gado.

¹⁶ Idem, p.6.

¹⁷ Idem, p.8.

¹⁸ MOTT, Luiz R. B. Estrutura demográfica das fazendas de gado do Piauí colonial: um caso de povoamento rural e centrífugo. Op. Cit., 1985. p.72.

¹⁹ Aguadas são mananciais onde os animais bebem água. Bras. (NE) Lugar onde existem cacimbas, fontes ou poços. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio*: o minidicionário da língua portuguesa. 4ª ed. rev. Ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p.25.

progressos da criação²⁰. A partir das afirmativas, pode-se entender e observar a importância dos currais que se formaram no povoado Buriti, sendo estes importantes para ocupação do local.

Segundo João Batista Fontes Soares²¹, as viagens com destino à cidade de Oeiras quase sempre eram motivadas pelas feiras do local, que aconteciam de forma rara, pois os sítios e fazendas que existiam na época no povoado Buriti eram autossustentáveis, isto é, produziam praticamente tudo que consumiam. Na maioria das famílias, o que se comprava obrigatoriamente era o sal e, algumas vezes, tecido para roupas mais sofisticadas.

Os primeiros habitantes do pequeno povoado Buriti foram os irmãos André e Jeremias Bulcão²², que chegaram à região por volta do ano de 1878, atraídos pelos vales úmidos e pela grande quantidade de maniçoba. Na época, a borracha dava grandes lucros e os irmãos Bulcão se empenharam na extração do látex.

Durante a segunda metade do século XIX, ocorreram alterações conjunturais na economia piauiense. Foi a fase das maiores exportações da borracha de maniçoba, atividade que marcou o início da integração do Estado ao mercado mundial, de uma forma contínua, inaugurando novo período da história econômica do Piauí, agora centrado no consórcio pecuária-extrativismo²³.

Segundo Teresinha Queiroz²⁴, a borracha passava de núcleos de menor relevância - como era a situação do povoado Buriti, pertencente à cidade de Oeiras - para núcleos de maior importância, até a chegada aos grandes centros exportadores, num processo de concentração que atingia o ápice nas cidades portuárias, onde apenas alguns grandes comerciantes controlavam a exportação. A princípio, apenas homens trabalhavam na extração e assim improvisavam ranchos para cozinhar e dormir. Mais tarde, chegaram as mulheres e, a partir daí, foram erguidas rusticamente as primeiras casas.

As residências iniciais começaram a ser feitas mais próximas às fontes d'água; esta prática é bastante comum entre aqueles que ocupavam terras e erigiam uma fazenda, curral, uma vez que este recurso é indispensável na vida do ser humano. A partir de 1900, o povoado já contava com muitos habitantes e mais famílias chegaram para somar e enriquecê-lo, tanto

²⁰ MOTT, Luiz R. B. Fazendas de gado do Piauí: 1697 - 1762. Op. Cit., 1985.p.61.

²¹ SOARES, João Batista Fontes. Um pouco da história local. In: *Revista Origem*. De onde vem o nome do cantinho que eu moro? Ed.01. Picos: Gráfica Brito. Nov. 2009.p.03.

²² CAMINHA, João Borges. Op. Cit., 2009. p.56.

²³ QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Economia piauiense: da pecuária ao extrativismo*. 3 ed. rev. Teresina: EDUFPI, 2006.p.52.

²⁴ Idem, p.35.

socioeconomicamente como culturalmente, como foi o caso das famílias Soares, Mendes, Fontes, Borges Leal, Almeida, Rufino, Rêgo e Cortez²⁵.

1.2 A chegada dos italianos

Além da família Bulcão, os italianos Vicente e Mateus Cortez e os senhores Justino Borges e José Ribeiro também se instalaram na zona dos brejos do povoado Buriti, segundo os registros da *Revista Ipiranga*²⁶.

Sobre os italianos, segundo Fonseca Gerbasi²⁷, estes chegaram a Picos em 1870, intensificando-se entre 1885 e 1896, e estendendo-se a sua instalação no município até 1905. Dessa maneira, muitos acabaram por se estabelecer não apenas na cidade, mas também em municípios vizinhos, como apresenta Maria Mafalda Baldoino de Araújo²⁸, quando diz que a família Cortese vivia atrelada ao trabalho da terra, fixando-se no município de Ipiranga do Piauí.

Graziani Gerbasi Fonseca no seu livro “Os Italianos de Picos: Esboço para a História das relações entre o Golfo de Policastro e o sertão nordestino a partir de 1870”, baseado na história oral, lembranças, relatos e casos retirados das memórias de pessoas “daqueles tempos”, descendentes dos protagonistas e dos coadjuvantes, fez um levantamento de dados sobre Vincenzo Cortese e Maria Augusta de Alencar. Segundo pesquisas, imigraram para os sertões nordestinos, por volta de 1887, juntamente com dois irmãos e uma irmã: Biagio, Matteo e Maria Giuseppa; mas, durante a viagem a irmã contrariou aos três rapazes e, por isto, foi despachada de volta, na mesma embarcação.

De acordo com Fonseca, ninguém sabe se chegaram todos juntos, ou em diferentes datas. Seriam filhos de Maria Rosa Magaldi e de Giuseppe Cortese, fazendo parte de uma numerosa família, que obtinha a sobrevivência através de atividades rudimentares: agricultura alimentar, latoaria artesanal e, principalmente, a pesca da sardinha, na costa de Policastro. Face às condições de vida que lhes apresentavam, os irmãos entraram nas correntes migratórias do Brasil, com a expectativa de encontrar boas terras, estabelecerem-se como agricultores para, posteriormente, trazerem seus pais ao Brasil.

²⁵ SOARES, João Batista Fontes. Um pouco da história local. In: *Revista Origem*. De onde vem o nome do cantinho que eu moro? Ed.01. Picos: Gráfica Brito. Nov. 2009.p.04.

²⁶NASCIMENTO, Luciano Barbosa do. 40 anos de crescimento. In: *Revista Ipiranga*, Ed. 01. Picos: Artecom - Publicidade, Dez. 2002.p.8.

²⁷FONSECA, Graziani Gerbasi. *Os italianos de Picos: esboço para a história das relações entre o Golfo de Policastro e o Sertão Nordestino a partir de 1870*. Teresina: EDUFPI, 2004. p.247.

²⁸ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoino de. Italianos em Picos-PI: imagens e narrativas. In: *Gente de longe histórias e memórias*. Teresina: Halley, 2006. p.374

Não se sabe como, chegaram aos sertões do Cariri²⁹. Relatos apresentados por Graziani Gerbasi Fonseca apontam que perambularam por vilas, fazendas e pequenas cidades oferecendo serviços de latoaria e quaisquer outros que envolvessem metais, engrenagens, engenhos, etc. “Terra havia muito; mas ocupá-las e delas tirar sustento era missão acima de suas possibilidades, pois, nem mulher tinham ...”³⁰ Além do mais, não dominavam as técnicas da agricultura tropical que, ainda por cima estava sendo afetada por repetidos períodos de severa estiagem. Para sobreviverem, tiveram que aceitar os mais rudes e pesados ofícios braçais, trabalhando principalmente nas plantações de cana de açúcar e engenhos de rapaduras existentes nos brejos da região do Araripe.

Escaparam, enfim. Além disso, aprenderam os segredos da agricultura e da vida sertaneja. Ainda em 1887, Matteo, o mais velho, “arranjou uma mulher, no Exu (PE), e por lá mesmo se arranchou”³¹. Com isso, os outros irmãos, pelo menos, adquiriram um ponto de referência, enquanto continuavam a dar voltas pelos brejos e fazendas, procurando clientes para os serviços que mais gostavam de fazer e preparar: tachos, panelas e caldeiras.

Um dia, segundo Fonseca, cruzaram como o Jacome Stoppelli, que se compadeceu da situação deles, e os convidou a tomar conta de umas terras incultas, recém-adquiridas “no interior de Picos, lá para as bandas de Valença... lugar frio, embrejado, terra boa para canavial”³².

Vincenzo e Biagio arriaram suas montarias e seguiram com Jacome. Foram conhecer os brejos de Buriti e, de fato, constataram as suas qualidades. Mas, desanimaram, pois o lugar era remoto e completamente deserto, impróprio para o trabalho de dois rapazes solteiros. Biagio retornou ao Araripe. Vincenzo resolveu ficar em Picos, trabalhando com Jacome e Raffaele Reinaldo, integrando-se aos seus já bem estruturados esquemas de comercialização.

De acordo com as informações de Fonseca, por volta de 1892, quando já era um homem de uns 30 anos de idade, Vicente Cortez – seu nome traduzido – casou-se com uma irmã da sua cunhada, Maria Augusta Alencar, que naquelas alturas também tinha se mudado

²⁹O território do Cariri, está localizado na região sul do Estado do Ceará, zona semi-árida, tem como limites ao sul, o estado de Pernambuco; a oeste, o estado do Piauí, a leste, o estado da Paraíba e ao norte, os municípios de Aiuaba, Saboeiro, Jucás, Cariús, Cedro, Lavras da Mangabeira e Ipaumirim. O território do Cariri abrange 28 municípios do Ceará são eles: Abaiara, Barbalha, Caririçu, Crato, Farias Brito, Granjeiro, Jardim, Juazeiro do Norte, Missão Velha, Várzea Grande, Aurora, Barro, Brejo Santo, Jati, Mauriti, Milagres, Penaforte, Porteiras, Altaneira, Antonina do Norte, Araripe, Assaré, Campos Sales, Nova Olinda, Potengi, Salitre, Santana do Cariri e Tarrafas. In: BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. *Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável: Território Cidadania do Cariri* – MDA/SDT/AGROPOLOS. Fortaleza: Instituto Agropolos do Ceará, 2010.p. 19.

³⁰FONSECA, Graziani Gerbasi. Op. Cit., 2004. p. 188.

³¹Idem, p. 188.

³²Idem, p. 189.

para a cidade de Picos, local onde continuou prosperando nos negócios. Contudo, depois da morte de Raffaele Reinando os negócios ficaram abalados, os seus herdeiros não estavam se entendendo e os ganhos tornaram-se insuficiente para a família que ia aumentar.

Em 1905, nasce o terceiro filho do casal, que foi batizado e teve como padrinhos: Pedro Paulo de Oliveira Lopes e Ana Josefa de Hollanda. Neste momento, Vicente prestou atenção aos acontecimentos à sua volta e, levando em conta o casamento de sua cunhada Mariquinha com seu patrão Jacome, a grande demanda de látex de maniçoba no mercado mundial, as boas relações estabelecidas com nativos das bandas de Valença do Piauí e um certo surto de progresso nacional, tomou a grande decisão de aceitar aquele convite que lhe havia feito Jacome 15 anos antes. Vendeu a casa recém-comprada, arrumou os pertences e mudou-se com a família para os brejos do Buriti, em 1905.

Instalando um entreposto de arrecadação de produtos do extrativismo e da agropecuária, Vicente Cortez montara aos poucos, as bases para a produção dos próprios alimentos: roças, canaviais, animais etc., ao mesmo tempo em que outros pioneiros também chegavam ao lugar empenhados na mesma aventura: José Ribeiro de Almeida, José do Rêgo, Joaquim Rufino da Silva e outros, com respectivas mulheres e filhos.

Assim, estabelecido o casal, criaram seus filhos nas labutas da terra, educando-os na religião católica; entretanto, Vicente Cortez não viveria para concretizar seus sonhos, tendo falecido em 1909.

Maria Augusta, a viúva de Vicente Cortez, teve de enfrentar grandes dificuldades para sustentar a família. Jacob, o primogênito, tinha apenas quinze anos e o caçula Oriel, quatro. As dificuldades só não foram maiores porque receberam grandes ajudas de sua irmã Mariquinha Stoppelli, proprietária das terras. Por sorte, logo em seguida chegariam duas outras famílias de imigrantes, irmãos do falecido Vicente: a Maria Giuseppa Cortese (vinda de Campos Sales, a mando de Braz Cortez) e Mateus Cortez, que depois de haver mudado de Exu para Picos, instalaria-se em Buriti em 1909, residindo todos na mesma gleba de terra.

Gerbasi Fonseca apresenta o acontecimento do falecimento de Vicente Cortez e a vinda de Mateus para Buriti: “Mateus viu-se na obrigação de transferir-se para Buriti, a fim de assumir o lugar do irmão na condução dos negócios que tinham em comum e no trato das terras do concunhado Jacome Stoppelli como fez de fato”³³.

³³ Idem, p.204.

Também em referência ao mesmo tema, “*A imigração de italianos para o Brasil*”, particularmente a família Cortez, podemos observar, a partir das entrevistas concedidas para a construção deste trabalho, que muitas famílias vieram da Itália para o Brasil, desembarcando dos navios no Rio de Janeiro e espalhando-se pelo território nacional. Uns foram para o Sul, outros vieram para o Nordeste, estabelecendo-se pelo Pernambuco, especialmente na cidade de Exu. Depois, saíram daquele espaço partindo rumo às regiões do Ceará, como Campos Sales e Crato, e, destes lugares, alguns se dirigiram para o Piauí.

A imagem a seguir representa um croqui³⁴ de parte do Nordeste Brasileiro com indicação dos lugares onde os italianos de Picos passaram, moraram ou comercializaram segundo Graziani Gerbasi Fonseca.

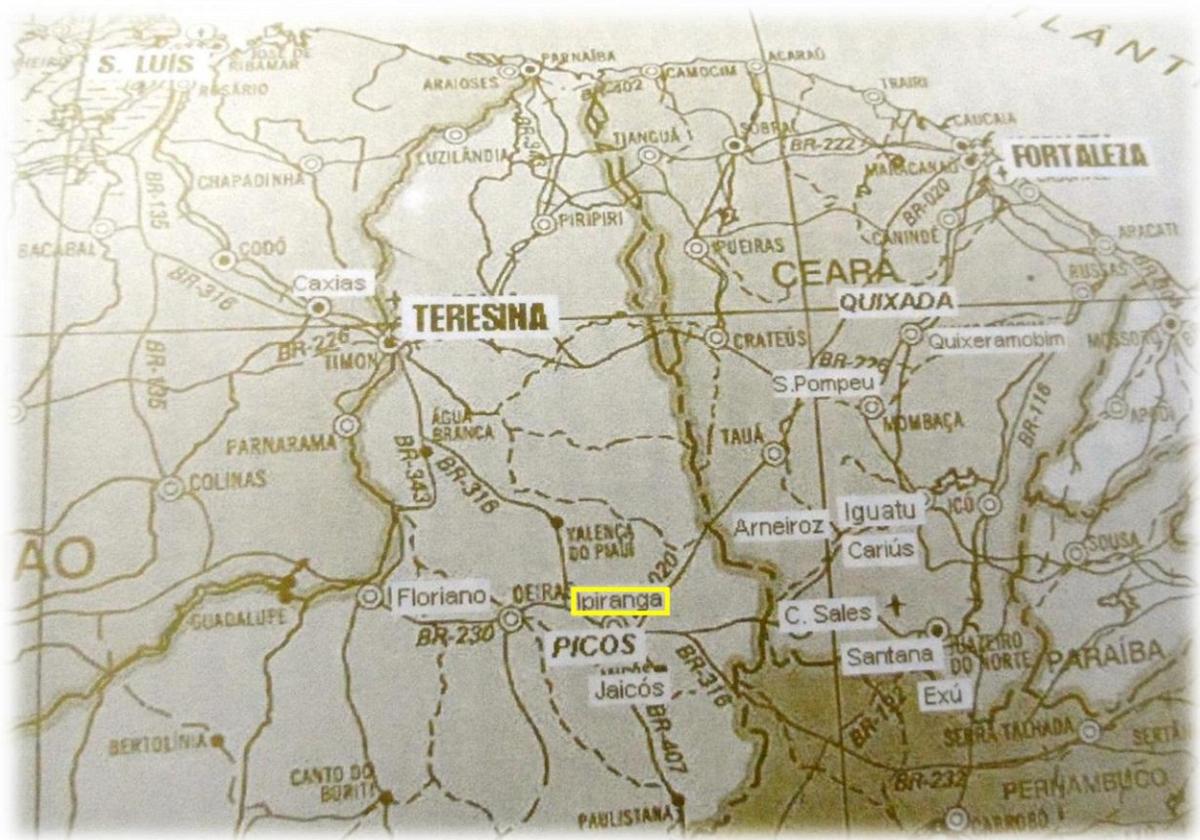


Ilustração 02: Croqui de parte do Nordeste Brasileiro indicando passagens de lugares dos italianos.

Fonte: Fonseca, Graziani Gerbasi. *Os italianos de Picos: esboço para a história das relações entre o Golfo de Policastro e o Sertão Nordestino a partir de 1870*. Teresina: EDUFPI, 2004.¹

³⁴ Croqui é um esboço, em breve traços, de desenho ou de pintura. Um croqui geográfico é um desenho que pode ser realizado a mão livre, com o objetivo de fazer uma representação simples do espaço geográfico. In: SAMPAIO, Fernando dos Santos. *Para viver juntos: geografia, 6º ano: ensino fundamental*. 1. ed. rev. São Paulo: Edições SM, 2009.

A partir de uma análise do croqui é possível identificar que os italianos não só passaram como também moraram e comercializavam no antigo povoado Buriti, já identificado no croqui com o nome de Ipiranga.

O entrevistado Lucas Cortez Rufino³⁵ elucida os interesses dos italianos, seus antepassados, em imigrarem para o antigo povoado Buriti: “Atraídos pela influência à exploração da borracha de maniçoba que tinha aqui em abundância e era uma grande coisa para o comércio, e ficaram por aqui trabalhando, aí gostaram e se deram bem, que eram meus antepassados, Lucílio Cortes e Matheus Cortes”³⁶.

O depoente a princípio, aponta que os italianos que aqui chegaram, não tiveram nenhuma dificuldade quanto a questão de legalização da terra. Sendo também um atrativo, pois como disse; o entrevistado Lucas Cortez Rufino, “quem chegava aqui poderia se arrancar, pois havia espaço”³⁷.

Araújo³⁸ ressalta a participação dos italianos na economia piauiense no período da exploração extrativista da borracha de maniçoba, assim como desenvolvimento das atividades desses numa área de destaque pela comercialização da borracha de maniçoba, cera de carnaúba, algodão, couro e outros, nos primeiros anos do século XX.

A pequena aglomeração no povoado Buriti começou com apenas três casas de palha e uma pequena barraca debaixo de duas faveiras³⁹. A barraca servia de ponto de encontro a fim de comercializar seus produtos como a borracha de maniçoba⁴⁰.

Naquele tempo, as roças de terra fresca não ofereciam condições satisfatórias para o cultivo de cana-de-açúcar, pois eram cobertas de água de tal maneira que prejudicava até mesmo a movimentação de homens e animais. A extração da borracha de maniçoba constituía-se na principal atividade econômica do local.

1.3 Extração da borracha impulsiona o crescimento do povoado Buriti

O apogeu da extração de maniçoba, que se tornou um dos principais produtos de exportação do país fez com que, nas primeiras décadas do século passado, muitos

³⁵O depoente reside na cidade de Ipiranga do Piauí, desde que nasceu em 18/10/1925. Participou da comissão em prol da emancipação do povoado Ipiranga. Foi vereador pelo partido da UDN (União Democrática Nacional).

³⁶RUFINO, Lucas Cortez. *Entrevista concedida a Leticia Mendes Leal*, Ipiranga do Piauí, 22/05/2012.

³⁷Idem.

³⁸ARAÚJO, Maria Mafalda Op. Cit. 2006.

³⁹Árvore muito comum no povoado.

⁴⁰NASCIMENTO, Luciano Barbosa do. 40 anos de crescimento. In: *Revista Ipiranga*, Ed.01. Picos: Artecom – Publicidades. Dez. 2002.

exploradores de Estados vizinhos como Ceará, Bahia e Pernambuco aportassem na região, contribuindo decisivamente para o crescimento e progresso de Buriti.

Sobre a importância da borracha de maniçoba na economia do Piauí, no período de 1900 a 1920, Teresinha Queiroz aborda que:

No Piauí, além da divulgação mais ou menos sistemática dos maniçobais descobertos, a população era incentivada a abrir novas áreas de maniçobais, e, sobretudo, realizar seu cultivo. O incentivo à produção partia, às vezes, das próprias empresas comerciais interessadas na compra da borracha⁴¹.

A partir da citação acima, é perceptível a importância da maniçoba no povoamento de determinados locais onde existia em abundância maniçobais, funcionando assim a maniçoba, como atração populacional para o local.

A ideia inicial era de que as áreas em que essa exploração fosse mais intensa, bem como nos pólos que vieram a centralizar o escoamento da produção, as atividades econômicas teriam se intensificado de tal forma que terminaram por transformá-la em áreas de atração para a população dos municípios circunvizinhos e de outros Estados. Dessa forma, além de intensificar o processo migratório interestadual, esta atividade teria provocado igualmente transferências internas de população, em nível dos próprios municípios no Estado.

Difundiu-se bastante na literatura o período da fase áurea da maniçoba, a ideia do Estado do Piauí ter se constituído na principal área de produção da maniçoba, derivada de árvores nativas. Desta forma, o Piauí apresentava-se como o Estado em que a cultura ganhou maior expressão. Sobre algumas passagens, neste sentido, são destaques: as Informações da *Enciclopédia e dicionário internacional* que dão conta da existência da maniçoba em: Quase todo o Estado do Piauí, predominando principalmente nos municípios de Oeiras, São João, Jerumenha, Paranaguá, São Raimundo Nonato, Valença, Picos, Jaicós e quase todo o Norte do Estado⁴².

Quando se pensa na produção do município de Oeiras, fica subentendido a participação do povoado Buriti, uma vez que este era um pequeno povoado pertencente à cidade de Oeiras e que teve seu crescimento alavancado pela quantidade de maniçoba que possuía.

Em 1902, acontecia no povoado a primeira feira com a participação de famílias já residentes em Buriti e por viajantes de lugares circunvizinhos que se deslocavam até o

⁴¹QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *A importância da borracha de maniçoba na economia do Piauí: 1900 – 1920*. Teresina: UFPI: Academia Piauiense de Letras, 1994. p.32.

⁴²ENCICLOPÉDIA e dicionário internacional. [S.l.:s.n], 195_. p. 6956-6960.

povoado para explorar o comércio de tecido e comparar a tão valiosa borracha comercializada.

Este é um tipo de espaço que, ao concentrar e aglomerar pessoas intensifica as possibilidades de troca e colaboração entre os homens, potencializando sua capacidade produtiva. Isto ocorre através da divisão do trabalho. Isolado, cada indivíduo deve produzir tudo aquilo que necessita para sobreviver; quando há possibilidade de obter parte dos seus produtos necessários à sobrevivência através da troca, configura-se a especialização do trabalho e instaura-se um mercado⁴³.

A feira do povoado Buriti teve seu surgimento na medida em que a atividade econômica local, a extração da maniçoba, cresceu estimulando, assim, práticas comerciais segundo o depoente Lucas Cortez Rufino⁴⁴.

Quanto à comercialização e as relações de trabalho na extração da borracha, segundo Queiroz no livro *A importância da borracha de maniçoba na economia do Piauí: 1900 - 1920*, a primeira instância de comercialização era o mercado local. O elemento inicial dessa cadeia era o maniçobeiro, que passava o produto coletado para os barraquistas ou ainda os proprietários de maniçobais, arrendatários, quizílias, zangões ou zangotes⁴⁵, a depender de sua situação no contexto da produção. Desses intermediários, a borracha passava aos comerciantes das cidades e vilas, que eram negociantes autônomos, agentes de casas exportadoras e mesmo compradores volantes.

Na maior parte das explorações, tanto os intermediários na compra da borracha quanto os produtores, iniciavam suas atividades subordinados ao sistema de endividamento. As dívidas dos maniçobeiros eram pagas como o produto colhido, entregue nos barracões. Os barraquistas, por sua vez, vendiam a borracha aos negociantes das vilas e cidades. Via de regra, era obrigatória a venda da borracha do maniçobeiro para o comerciante que lhe havia feito o fornecimento antecipado de mercadorias.

Nesse molde, a comercialização reduzia a necessidade de capital inicial, na forma monetária. A borracha funcionava efetivamente como moeda corrente, saldando compromissos entre produtores e comerciantes e, dessa forma, diminuindo a quantidade de capital-dinheiro necessária para a realização das transações comerciais, dinamizadas com seu surgimento.

⁴³ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.p.25-26.

⁴⁴RUFINO, Lucas Cortez. *Entrevista concedida a Letícia Mendes Leal*, Ipiranga do Piauí, 22/05/2012.

⁴⁵Quizílias, zangões e zangotes eram intermediários na compra da borracha. Tanto poderiam ser compradores autônomos como representantes dos comerciantes das cidades e vilas. Para maior detalhamento, ver Queiroz, Teresinha de Jesus Mesquita. Op. Cit., 1994.p.106-110.

A respeito da economia piauiense no período da exploração da maniçoba, Padre José Albino de Carvalho Mendes⁴⁶ relata em sua entrevista que: “Ipiranga nasceu de uma feira que começou a se instalar no povoado, devido o auge da borracha de maniçoba”. Segundo ele, a feira era um lugar onde se fazia a negociação da borracha. Lucas Cortez Rufino⁴⁷ acrescenta que estas eram realizadas na praça, e que, debaixo das faveiras, onde os borracheiros e maniçobeiros, como eram tratados, comercializava as mercadorias.

As principais fontes disponíveis sobre a exportação da borracha do Piauí neste período foram: a Estatística Comercial da República da Secretaria de Estado da Fazenda e o relatório de José Pires de Lima Rebello, encomendado pelo Ministério da Agricultura em 1913. Os dados apresentados são conflitantes, o que se justifica não só pela pouca exigência de sistematização estatística da época, como também pela natureza oficial desses registros, que eram organizados a partir da cobrança dos tributos estaduais e municipais, correspondendo apenas ao comércio lícito⁴⁸.

Desta forma, o povoado Buriti contribui com os dados estatísticos da exportação da borracha de maniçoba do Piauí, conforme apresenta os dados do quadro abaixo, quando Oeiras por sua vez, ocupa o quarto lugar em municípios que mais exportava a borracha de maniçoba.

EXPORTAÇÃO DA BORRACHA DE MANIÇOBA NO PIAUÍ (*em quilos)

MUNICÍPIOS	1903	1904	1905	1906	1907	1908	1909	1910	1011	1912	TOTAL
São João do Piauí	204331	216129	238013	202432	154286	165062	182559	176742	152964	107627	1800045
Floriano	151281	185648	163323	169052	172184	120339	129014	188261	223192	169388	1671682
São Raimundo Nonato	104713	99848	87102	100160	105488	130532	171981	246046	216678	107932	1370480
Oeiras	163769	145283	142601	82982	73090	34995	54047	56547	84255	69355	886924
Picos	78039	100666	76996	89405	69185	40593	62799	83710	92088	102265	795746
Valença do Piauí	42552	57915	61476	79265	78616	35772	64180	94180	64600	70275	648831
Jaicós	25433	21048	43294	38345	43305	33670	49780	78566	123420	2250	450111
Simplicio Mendes	39321	45278	57797	51945	34407	32725	45042	57290	44090	26850	434745
Paulistana	12031	18602	22892	31020	26075	18625	21983	54559	52228	48533	306548
Pedro II	27205	18021	25500	36790	32740	4170	29375	19960	38800	30700	263261

Tabela 01: Exportação da borracha de maniçoba no Piauí.

Fonte: Queiroz, Teresinha de Jesus Mesquita. A importância da borracha de maniçoba na economia do Piauí: 1900 – 1920. Teresina: UFPI: Academia Piauiense de Letras, 1994.

O quadro anterior destaca que no quinquênio de 1905 a 1910, o alto preço da borracha contribuiu para que os agricultores abandonassem outras culturas pela maniçoba, e

⁴⁶MENDES, José Albino de Carvalho. *Entrevista concedida a Letícia Mendes Leal*, Ipiranga do Piauí, 20/04/2012.

⁴⁷RUFINO, Lucas Cortez. *Entrevista concedida a Letícia Mendel Leal*, Ipiranga do Piauí, 22/05/2012.

⁴⁸QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. 2006. Op. Cit. p. 36.

em 1912, não havia um só município do Estado que não possuísse maniçobais, mais ou menos extensos.

Queiroz destaca que municípios como Oeiras, Picos e Valença mantiveram praticamente a mesma posição em termos da produção e exportação de maniçoba, conforme demonstrado estão a indicar as quantidades exportadas. Todos tiveram grande impulso em seu crescimento, que pode ser creditado à exploração da maniçoba.

Oeiras, em secular processo de decadência, acentuado pela perda da função de capital do estado em 1852, teve um surto de reflorescimento com a exploração da borracha.

Partindo de uma análise da tabela com os dez primeiros municípios que exportavam borracha de maniçoba no Piauí, podemos perceber que estes tinham como principal fonte de renda, em seus orçamentos, a receita derivada da exportação da borracha.

**Imposto Estadual Arrecadado Sobre A Exportação Da Borracha Do Piauí
1906 – 1913(*em mil réis)**

Municípios	1906	1907	1908	1909	1910	1911	1912	1913
Floriano	55:949\$700	58:124\$480	29:648\$520	***	87:661\$452	72:872\$580	51:968\$742	31:879\$038
São Raimundo Nonato	30:048\$000	30:916\$200	31:152\$240	***	94:167\$920	74:105\$160	46:344\$783	28:323\$356
São João do Piauí	57:197\$800	44:439\$480	33:195\$698	***	66:816\$136	39:826\$386	21:091\$500	16:817\$780
Oeiras	24:744\$000	22:444\$650	8:678\$200	***	30:339\$600	26:578\$200	19:912\$500	8:371\$860
Picos	26:573\$300	20:755\$500	9:619\$320	***	42:352\$200	28:961\$400	31:399\$500	11:189\$460
Jaicós	11:503\$500	12:996\$500	8:169\$600	***	35:098\$319	36:202\$300	27:088\$500	11:936\$468
Valença do Piauí	23:794\$795	23:589\$249	7:977\$095	***	41:595\$487	20:538\$000	21:712\$500	4:468\$000
Simplicio Mendes	10:999\$800	10:322\$100	7:968\$400	***	26:418\$000	14:496\$000	7:995\$000	7:597\$860
Paulistana	9:297\$000	7:849\$000	4:321\$200	***	18:650\$700	9:668\$400	9:778\$900	2:635\$500
Pedro II	11:037\$000	9:822\$000	1:034\$400	***	16:627\$200	11:886\$000	9:210\$000	770\$700

Tabela 02: Imposto sobre a exportação da borracha do Piauí 1906 – 1913.

Fonte: Queiroz, Teresinha de Jesus Mesquita. A importância da borracha de maniçoba na economia do Piauí: 1900 – 1920. Teresina: UFPI: Academia Piauiense de Letras, 1994.

Na tabela sobre o *Imposto Estadual Arrecadado sobre A Exportação da Borracha do Piauí 1906 – 1913*, é perceptível a contribuição da cidade de Oeiras nas receitas do Piauí, ocupando o quarto árvore muito comum no povoado lugar numa listagem de dez municípios. Importante ressaltar a subentendida participação nos valores dos impostos arrecadados

exposto no quadro do povoado Buriti, que até então, naquele período, pertencia ao município de Oeiras.

Ainda sobre a questão da maniçoba atrair pessoas para municípios em que se apresentavam maiores quantidades do produto, Queiroz aponta para um censo realizado nos anos de 1890 a 1929, detectando que os municípios mais populosos estavam distribuídos nas áreas do norte e do sudeste e em núcleos tradicionais como Oeiras, Valença, Amarante, Picos, Campo Maior, Barras, Jaicós e Regeneração. No caso de Oeiras, entre 1900 e 1910, foi o período mais significativo no caso da borracha, sendo que neste incremento populacional foi maior.

Desta forma, a exploração da maniçoba está ligada à ocupação e incremento populacional em várias áreas do Estado. Esse processo se manifestou não só no crescimento dos centros urbanos, na ocupação e expansão do povoamento interior, como também na criação de povoados que vieram a originar novos municípios.

1.4 A importância da religião na comunidade

Inicialmente, o atendimento religioso no pequeno povoado acontecia com a visita de vigários que vinham de Oeiras. Um exemplo é o Padre José Dias de Freitas, que viajava para esta região a cavalo. Também o Cônego Acelino Portela e Joaquim Lopes, vinham fazer as desobrigas⁴⁹ em casas particulares.

Com a criação de uma pequena feira, no final de 1902, neste lugar denominado até então de Buriti, e por iniciativa do Sr. José Neném e do José Vicente Ribeiro de Almeida, dentre outros, foram levantadas diversas palhoças, algumas delas de telha. Assim, com o aumento da população, surgiu a necessidade da criação de uma capela⁵⁰.

No dia 7 de setembro de 1903, foi celebrada a primeira missa no povoado Buriti, à sombra de uma faveira, com a presença do Vigário da Paróquia de Oeiras, Cônego Acelino Portela. No mesmo ano, já era possível verificar casas construídas com telhas e tijolos, o que

⁴⁹“As desobrigas (hoje quase em desuso) eram as visitas que os missionários faziam, em principio de cada ano, aos locais mais remotos do sertão, levando os sacramentos às populações que não dispunham de assistência religiosa regular, devido ao próprio isolamento em que viviam ou á ausência de padre na região. O nome “desobriga” refere-se ao antigo preceito da Igreja de que o católico é obrigado, ao menos uma vez por ano, a confessar-se e comungar. Nas desobrigas, além de celebrar missa, o padre fazia confissões, batizados e casamentos em grande quantidade.” In: ESCRIBANO, Francesco. Descalço sobre a terra Vermelha. Tradução Carlos Moura. Campinas: Editora da Unicamp, 2000. p. 18.

⁵⁰SOARES. Lady Ana da Silva. 40 anos da Paróquia Nossa Senhora da Conceição. Ipiranga do Piauí. In: *Revista Comemorativa*, Ed.01. Picos: Halley S.A., 2007.p.04

nos permite entender que a localidade já começava a apresentar aos poucos estruturas urbanas.

Zeny Rosendahl⁵¹ escreve sobre a origem das cidades, relacionando-as o papel sagrado que algumas urbes exercem. Ao falar de sagrado e urbano, Rosendahl coloca o templo como elemento forte de conexão entre cidade e religião. A presença do santuário ocupando o lugar central nos primeiros núcleos de povoamento. Zeny Rosendahl acrescenta que estas cidades de papel sagrado exercem um forte poder de atração para homens vindos de muito longe, atraídos pelo estímulo espiritual para compartilhar as mesmas práticas mágicas ou crenças religiosas. A estas cidades que tem origem e função religiosa, a autora atribui à definição de Cidade-Santuário. Zeny Rosendahl utiliza como referência o trabalho de Lewis Mumford⁵², onde este autor afirma que da gênese à evolução das cidades, o papel desempenhado pela religião foi essencial.⁵³

Rosendahl reflete que, ao analisarmos as atividades das cidades de função religiosa, é preciso considerar dois aspectos: a sua organização espacial interna e o papel do agente modelador, no caso os peregrinos, através da vivência do espaço sagrado. Segundo a referida autora, a religião qualquer que seja a vertente explicativa que se adote, desempenha um papel fundamental no desenvolvimento, transformação ou declínio de algumas cidades.

No caso dos moradores do povoado Buriti, ao passo que se aumentava a aglomeração populacional, crescia a necessidade de construção do templo religioso, uma vez que a maioria dos moradores eram bastante ligados à religião. Dessa, forma, os moradores ergueram uma barraca a fim de servir de local para as celebrações. A partir de então, ganhou força a ideia de construção de uma casa de orações.

Nos séculos XVII e XVIII, as práticas religiosas, principalmente no interior do país, nasciam espontaneamente da piedade popular e se desenvolveram em ampla liberdade de expressão, como aborda Rosendahl: “O povo constrói assim o espaço sagrado, evidenciando a vontade divina na escolha do lugar destinado ao culto. Enquadram-se nessas características os centros religiosos paulistas do interior”⁵⁴.

No povoado Buriti, nota-se a vontade da população e o espírito de solidariedade, quando foi proposta a ideia de se construir uma casa para a celebração de orações. Para isso, foram angariados donativos e realizados mutirões, organizados pelos moradores Pedro Paulo

⁵¹ROSENDAHL, Zeny. *Hierópolis: o sagrado e o urbano*. Rio de Janeiro: EDUERJ,1999.

⁵²MUNFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

⁵³ROSENDAHL, Zeny. Op. Cit. p.17.

⁵⁴Idem, p.35

de Oliveira Lopes e Vicente Cortez, que ergueram uma barraca de taipa e palha no ano de 1906, a fim de servir como local para as celebrações (capela). Foi neste local que o vigário Aristeu do Rêgo Barros e Cônego Acelino Portela passaram a celebrar⁵⁵.

Segundo Murilo Marx⁵⁶ a partir do momento histórico em que as cidades passaram a se originar, nota-se a presença da Igreja Católica, representada por humildes capelinhas nas fazendas do Piauí, o que possibilitou a lenta transformação do sertão “bravio” em futuros núcleos urbanos. Diante disso, o autor faz uma reflexão sobre o papel da igreja na ascensão do pequeno povoado, a condição de vila e depois cidade, uma vez que o templo religioso é uma referência de espaço socializador para a população que vivia dispersa no meio rural.

E foi na celebração de uma missa no dia 7 de setembro de 1907 que o Cônego Acelino Portela resolveu substituir o nome de Buriti, para o nome de Ipiranga, ressaltando a independência e atendendo a um pedido de Pedro Paulo como homenagem ao Capitão Tibério Ferreira Barbosa, um amigo seu⁵⁷.

Porém, alguns moradores afirmam que a escolha do nome do povoado de Ipiranga se deu em face da coincidência da data dessa celebração com a independência do Brasil. Diante do fato, a comunidade resolveu mudar o antigo nome Buriti para o de Ipiranga do Piauí, numa alusão merecida ao nome do riacho em cujas margens foi dado o grito de independência do Brasil. Importante destacar que a narrativa aqui contida é feita a partir dos relatos sobre a história do povoado, contidas na memória dos entrevistados.

Durante as entrevistas feitas com os habitantes de Ipiranga e leitura de revistas sobre a religiosidade do povo Ipiranguense, percebe-se que existe uma disputa de memória⁵⁸ no momento de explicar o porquê do nome Ipiranga.

Para o morador Lucas Cortez Rufino⁵⁹, algumas pessoas achavam feio o nome “Buriti”, então, pediram ao pároco que fizesse uma espécie de consulta popular para mudar o nome do povoado. Segundo Cortez Rufino, o Cônego Acelino Portela concordou com a ideia de mudar o nome do povoado também, pois este já estava percebendo o seu desenvolvimento.

Lucas Cortez Rufino⁶⁰ aponta que o cônego talvez também tivesse se inspirado no episódio da primeira missa celebrada no Brasil, onde muitos índios assistiram-na em cima de

⁵⁵SOARES, Lady Ana da Silva. 40 anos da Paróquia Nossa Senhora da Conceição. Ipiranga do Piauí. In: *Revista Comemorativa*, Ed.01. Picos: Halley S.A., 2007.p.04

⁵⁶MARX, Murilo. *Cidade no Brasil terra de quem?* São Paulo: Nobel: EDUSP, 1991.

⁵⁷SOARES, Lady Ana da Silva. 40 anos da Paróquia Nossa Senhora da Conceição. Ipiranga do Piauí. In: *Revista Comemorativa*, Ed.01. Picos: Halley S.A., 2007.p.05

⁵⁸POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

⁵⁹RUFINO, Lucas Cortez. *Entrevista concedida a Letícia Mendes Leal*, Ipiranga do Piauí, 22/05/2012.

⁶⁰Idem.

árvores, pois elucida o acontecimento segundo os relatos de seu avô, onde este dizia que a missa celebrada no povoado Buriti no dia 07 de setembro de 1903. No episódio, houve a participação de muita gente; o local onde ocorreu a missa era rodeado de faveiras e muita gente a assistiu em cima das árvores.

Importante ressaltar que tal fato remete à celebração da primeira missa no Brasil, pois, em ambos os acontecimentos, participantes assistiram ao evento posicionados em cima das árvores. Segundo o morador Cortez Rufino, o nome Ipiranga também relaciona-se à denominação de um rio, local onde, às margens deste, teria acontecido o grito de independência do Brasil. Dessa forma, ele acredita que o Cônego Acelino Portela teria associado os dois fatos para a escolha do nome do povoado.

Segundo nos conta o depoente Cortez Rufino, o avô dele, a princípio, o povo teria estranhado o nome. Lucas Cortez Rufino acrescenta: “Meu avô contava, que falando com ele, o Cônego Acelino, disse: mas padre esse nome é muito feio aqui é um lugar. Aí ele disse: não, mas aqui não vai para frente não, explica Seu Cortez Rufino, porque o cônego tinha conhecimento, aí estava vendo que o negócio era só a influência da borracha e essa estava breve a se acabar é uma coisa quer era passageira, ele disse: não rapaz aqui não vai para canto nenhum. Ali vai ipirangando, ipirangando, ipirangando até se acabar... no entanto, tá hoje como tá. [Risos]”⁶¹.

Quando o entrevistado acima fala em “ipirangando, ipirangando até se acabar”, ele esta se referindo à ideia do Cônego Acelino Portela que achava que o povoado Ipiranga não viveria muito, uma vez que, a borracha de maniçoba não duraria muito tempo na economia do povoado. Como explicou Lucas Cortez Rufino, para o cônego quando a fase de alta dos preços da borracha passasse, o povoado acabaria junto com o ciclo da borracha. Por esse motivo, Lucas Cortez Rufino completa dizendo que “no entanto tá hoje como tá”, ou seja, passou-se o ciclo da economia da maniçoba e povoado continuou crescendo, se tornou cidade e a cada dia que passa o Ipiranga só prospera.

A respeito das disputas de memória em torno dos motivos que levaram à escolha do nome do povoado Ipiranga, destacamos as ideias propostas por Michael Pollak. O historiador aponta a memória subterrânea, maneira como este autor chama a memória individual, em especial aquela que pode subverter a memória coletiva e iniciar assim uma disputa de memória.

⁶¹Idem.

Michael Pollak em “*Memória, Esquecimento, Silêncio*”⁶² acredita num enfrentamento entre memórias ou, por assim dizer, uma disputa entre a memória oficial e as memórias subterrâneas devido à incorporação destas memórias silenciadas, deixadas à margem. É um trabalho de trazer à tona memórias. É um embate pela afirmação e, acima de tudo, pela aquisição de uma identidade que, por dizer respeito a uma minoria, encontra-se marginalizada. Assim, a memória se enquadra de acordo com o momento que vivenciamos, as “[...] memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados, a memória entra em disputa.”⁶³

Segundo Pollak “uma vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa da memória [...]”⁶⁴ No decorrer das entrevistas realizadas para a elaboração deste trabalho, identificamos memórias distintas sobre a explicação da escolha do nome do povoado. A memória coletiva acredita que a denominação que o município possui hoje se dá em razão do nome do riacho onde ocorreu a Independência do Brasil. No entanto, alguns depoentes tratam de um fato a mais para explicar as razões para a escolha do nome do povoado, sendo assim, essa memória subterrânea acaba por subverter a memória coletiva. Esta por sua vez se torna, portanto, um elemento essencial da vida social, possibilitando ações coletivas e, até mesmo, sendo um meio com poder de transmitir e perpetuar uma memória à coletividade ou de refazer e destruir antigas identidades sociais.

No entanto, no trabalho com a memória, devemos estar sempre preparados para encontrarmos “silêncios” por parte dos entrevistados. Isso pode ocorrer por vários motivos de acordo com o texto de Pollak: lembrança traumatizante, evitar culpar as vítimas, falta de escuta, poupar a geração posterior dos sofrimentos ocorridos, situações ambíguas que geram mal entendidos (como por exemplo, assumir a história oficial, no caso de aceitar a escolha do nome Ipiranga ter si dado em decorrência do riacho Ipiranga onde aconteceu a Independência do Brasil como a memória oficial, ao invés de fazer a sua própria).⁶⁵

Essas memórias, apesar de não ditas, podem sobreviver também durante muitos anos reclusas, segundo Pollak,

Opondo-se a mais legítima das memórias coletivas, a memória nacional, essas lembranças são transmitidas no quadro familiar, em associações, em redes de sociabilidade afetiva e/ou política. Essas lembranças [...] são

⁶² POLLAK, Michael. Op. Cit., p. 3-15.

⁶³ Idem, p. 4.

⁶⁴ Idem, p. 5.

⁶⁵ Idem, p.6-7.

zelosamente guardadas em estruturas de comunicação informais e passam despercebidas pela sociedade englobante⁶⁶.

Porém, deve-se tomar cuidado com esse tipo de lembrança, necessitando saber a influência do presente sobre ela: “Distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado. Conforme as circunstâncias, ocorre a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou outro aspecto”⁶⁷. Dessa forma, podemos analisá-la de forma mais precisa em sua transmissão, o que permite sua maior organização.

A memória deve ser observada sob vários ângulos, pois é um espaço de conflitos de poderes em que a seletividade e a construção atuam constantemente. Logo, nessa discussão, percebe-se a existência de memórias que introduzem elementos antes desconhecidos a cerca da explicação para a escolha do nome do povoado, mas há também um ponto em comum. Não existe memória que elimine a ligação da denominação do povoado Ipiranga com a data 07 de setembro, dia da Independência do Brasil às margens do riacho Ipiranga. Contudo, na memória de um entrevistado, são associados acontecimentos que lembrem a história do povoado conforme a explicação do nome escolhido.

Em 1907, sob orientação do Cônego Antônio Cardoso de Vasconcelos, iniciou-se a construção da capela. Com a ajuda da comunidade da época, foram iniciados os alicerces que dariam origem a construção com melhor estrutura. Entre os mais interessados com a melhoria da capela, estavam: Pedro Paulo, Vicente Cortez, Justino Borges e Manoel Costa, que a levantaram em 23 dias. Além do trabalho voluntário, todo o material foi doado espontaneamente pela população, que apesar da pobreza, sempre estava pronta para realizar os serviços. Assim, os trabalhos da nova capela encerrados em 02 de janeiro de 1908. De acordo com a revista 40 anos da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, paralela à construção da capela foi realizado também o trabalho em mutirão para construir um cemitério, sendo este considerado um patrimônio da igreja⁶⁸, com 20 metros de largura por 25 de comprimento, sob a orientação do padre Lopes. Convém reforçar que quase todo o material foi doado pelo povo, principalmente pelas pessoas mais humildes, assim, todos eles seriam franqueados, adquirindo sepulturas gratuitas. Somente as sepulturas perpétuas pagariam a multa de 50 cruzeiros, medida utilizada para inibir a multiplicação das sepulturas perpétuas e para a

⁶⁶Idem, p.8.

⁶⁷Idem, p. 8.

⁶⁸MENDES, José Albino de Carvalho. *Entrevista concedida a Letícia Mendes Leal*, Ipiranga do Piauí, 20/04/2012

conservação do cemitério. Ambas as construções passaram a ser administradas, naquele tempo, pela Paróquia de Oeiras, uma vez que, o povoado pertencia a esta cidade.

Logo em seguida, foi celebrada a primeira missa na nova capela, onde o Padre Aristeu a abençoou juntamente a imagem de Nossa Senhora da Conceição.

A respeito da escolha da padroeira do povoado, Nossa Senhora da Conceição foi escolhida pelo povo de Oeiras, devido grande maioria dos moradores terem grande devoção por esta santa, tendo na cidade uma igreja com esse nome. De acordo com as informações dos moradores do povoado, esta imagem teria vindo da Europa, aportando no Rio de Janeiro e através da navegação costeira chegou à cidade de Parnaíba, de lá trazida pelo padre Monsenhor Lopes.

Em 1913, a igreja já contava com uma estrutura que continha o patamar, cruzeiro e estava toda caiada, faltando apenas a sacristia. Padre Lopes continuou incentivando e organizando a comunidade. A partir de 1922, foi marcante a atuação do Padre José Gomes da Silva, vigário de Oeiras, na vida religiosa do povoado. Ele desenvolveu trabalhos, preocupando-se com a fé do povo e as outras questões sociais⁶⁹.

A população do povoado Ipiranga do Piauí era muito pobre, segundo depoimentos. Era uma sociedade ruralista e se concentrava aos arredores da igreja e no mercado.

Os pobres supriam as necessidades nas casas dos ricos, os comerciantes eram poucos no povoado, os recursos para subsistência também. A vida era difícil, não existindo nenhuma facilidade por parte do governo ou do município responsável pelo povoado. João Batista Fontes Soares diz que ouviu muitas vezes seu avô, João Fontes, afirmar que quando criança, lá pela década de 1910, só os membros das famílias mais abonadas tinham mais que três peças de roupa, na maioria das vezes havia uma roupa para o trabalho e outra para as festas⁷⁰.

1.5 Decadência da borracha

No conjunto das exportações do Piauí, a borracha de maniçoba atingiu um alto nível de participação, sobretudo durante os primeiros treze anos do século, quando a tendência das exportações foi por ela determinada. O produto perdeu importância a partir do período 1913 – 1914, de crise mundial e nacional. A crise financeira do período 1913-1914, segundo

⁶⁹ SOARES. Lady Ana da Silva. 40 anos da Paróquia Nossa Senhora da Conceição. Ipiranga do Piauí. In: *Revista Comemorativa*, Ed.01. Picos: Halley S.A., 2007.p.05

⁷⁰ SOARES, João Batista Fontes. Um pouco da história local. In: *Revista Origem*. De onde vem o nome do cantinho que eu moro? Ed.01. Picos: Gráfica Brito, Nov. 2009.p.03

Queiroz⁷¹ pode ser explicada, em parte pela queda nas cotações da borracha. Entre 1917 e 1920 sua contribuição, como geradora de receita, já era pouco significativa.

A intervenção pública sobre a produção da borracha no Piauí foi irrelevante, sendo apenas de caráter legislativo. A mediação federal igualmente sem resultados práticos ponderáveis deu-se através do Plano de Defesa da Borracha, de 1912, do Ministério da Agricultura. Como estado produtor, o Piauí deveria ser beneficiado com a instalação de campos experimentais, a abertura de meios de comunicação mais eficazes, a concessão de prêmios aos cultivadores e a instalação de usina de beneficiamento. O ambicioso plano da Superintendência da Defesa da Borracha, criada como objetivo de soerguer o produto só teve execução no decorrer do exercício de 1913. Em 1914, as verbas necessárias ao seu financiamento deixaram de ser repassadas. Era o colapso da economia gumífera brasileira face à concorrência asiática conforme apresenta Teresinha Queiroz⁷².

No início da década de 1920, a borracha perdeu muito de seu valor no mercado nacional passando a ser substituída pela produção da cera de carnaúba.

A desvalorização da borracha foi sentida pelos moradores, especialmente no setor do comércio, levando algumas famílias a abandarem o local. Porém, o impacto não foi muito grande, pois, naquela altura, a comunidade já estava voltada para as atividades agropecuárias, predominando a criação de gado e a produção de rapadura e farinha de mandioca, exportadas em boa quantidade para outros estados do Nordeste.

Após o declínio da maniçoba, a população do povoado Ipiranga começou a plantar em suas roças cana-de-açúcar, passando a se envolver, a partir de então, com a fabricação da rapadura. Padre José Albino de Carvalho Mendes relata que quando chegou ao Ipiranga em 1967, existiam três engenhos de madeira na cidade. Contudo, este clérigo acrescenta que teve notícias que por volta dos anos de 1920 até 1940, período auge da produção da cana consequentemente da rapadura, que teriam existido uns 30 engenhos de madeira nessa região⁷³.

Diante do relato acima, podemos perceber que a comunidade Ipiranga continuou seu desenvolvimento econômico lentamente mesmo após a queda da exportação do látex.

⁷¹QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. 2006. Op. Cit. p. 37.

⁷²Idem, p. 38.

⁷³MENDES, José Albino de Carvalho. *Entrevista concedida a Letícia Mendes Leal*. Ipiranga do Piauí, 20/04/2012.

Em vista do que foi mencionado sobre a ocupação do povoado Buriti⁷⁴, nota-se que por volta do século XVIII ocorreu o povoamento da comunidade em estudo, e que nos séculos XIX e XX houve um maior fluxo populacional devido a extração da borracha de maniçoba. Tal fato impulsionou a atração de pessoas para aquele espaço de terra, resultando na imigração de italianos para a comunidade, tendo em vista a possibilidade de enriquecimento com a prática comercial do látex que estava em voga no período. Em virtude do crescimento do povoado nos anos de 1940 e 1950, nasceu na comunidade Ipiranga o desejo de se tornar cidade, de ser um município independente fato esse que será estudado no próximo capítulo.

⁷⁴ Buriti era o nome dado ao povoado antes da celebração de uma missa no dia 07 de setembro de 1903, quando os moradores juntamente com o Cônego Acelino Portela teria associado ao dia da independência do Brasil, que aconteceu às margens do riacho Ipiranga em São Paulo. A partir daí resolveu mudar o nome do povoado para Ipiranga do Piauí.

2 IPIRANGA: A Cidade Sonhada

2.1 Os incrementos tecnológicos e socioculturais no povoado Ipiranga

Assim como a antropologia histórica apresentada no livro *O grande massacre de gatos*, de Robert Darnton, procuramos mapear as pistas, os pormenores com riquezas de detalhes objetivando, desta forma, apresentar, analisar e compreender através de documentos e relatos o processo de transformações, desejos e emancipação política do espaço em estudo, pois como Darnton propõe “um jogo que se configura em ir ao documento, ir ao contexto e voltar ao documento para então compreender o outro.”⁷⁵

Segundo as informações da *Revista Origem*⁷⁶, as primeiras obras públicas do povoado foram criadas pela própria comunidade; posteriormente, vieram as da administração de Oeiras. Dentre as construções iniciais, a revista destaca a Capela e o cemitério de Nossa Senhora da Conceição, no ano de 1914, ambos construídos em mutirão; o poço comunitário do povoado Ipiranga do Piauí, da década de 1910, onde atualmente fica situada a Praça de Nossa Senhora da Conceição; o Grupo Escolar Monsenhor Lopes, provavelmente na década de 1940 e a Usina Elétrica⁷⁷, dos anos 1950, extinta com a chegada da energia proveniente de hidrelétrica. A *Revista Comemorativa* acrescenta que, ainda na década de 1940, foi construída, com recursos da comunidade provenientes de quermesses, a casa paroquial, sob a liderança de Dona Maria de Jesus Lopes⁷⁸. Esta casa serviu, em 1950, de residência ao Engenheiro Francisco Tomé da Frota (administrador da construção da BR-316, trecho Picos-Gaturiano-Oeiras). Importante ressaltar que o mesmo prestou relevantes serviços ao povoado, entre os quais a construção do campo de pouso de aviões⁷⁹.

Segundo a biografia de Monsenhor Joaquim de Oliveira Lopes⁸⁰, durante os períodos que Monsenhor Lopes permaneceu nas localidades Inhuma e Ipiranga, teria corroborado com

⁷⁵DARNTON, Robert Op. Cit, 1986.

⁷⁶SOARES, João Batista Fontes. Um pouco da história local. In: *Revista Origem*. De onde vem o nome cantinho que eu moro? Ed. 01. Picos: Gráfica Brito, Nov. 2009. p. 04.

⁷⁷Ver na página seguinte a fotografia da Usina Elétrica do povoado Ipiranga nos anos de 1950.

⁷⁸Dona Maria de Jesus Lopes era filha de Pedro Paulo irmão de Monsenhor Joaquim de Oliveira Lopes. De acordo com as informações dos moradores mais antigo de Ipiranga, a família Lopes foi a que mais contribuiu para o desenvolvimento religioso do local desde quando era povoado. In: SOARES, Lady Ana da Silva. 40 anos da Paróquia Nossa Senhora da Conceição. Ipiranga do Piauí. In: *Revista Comemorativa*, Ed. 01. Picos: Halley S.A., 2007. p. 05.

⁷⁹NASCIMENTO, Luciano Barbosa do. 40 anos de crescimento. In: *Revista Ipiranga*, Ed.01. Picos: Artecom – Publicidades, Dez. 2002. p. 9.

⁸⁰Monsenhor Joaquim de Oliveira Lopes ou simplesmente Monsenhor Lopes como era conhecido, nasceu em 24/02/1870 e foi ordenado sacerdote no Maranhão em 19/04/1894. Colaborou com a criação da Diocese do Piauí 20/02/1901, mas em razão da omissão do Bispado do Maranhão, que não tinha interesse em fazê-la só publicou a Bula de Criação da Diocese do Piauí em 1903. Monsenhor Lopes prestou importantes serviços a Igreja do Piauí.

o povo ipiranguense no trabalho com a agricultura, conseguindo um poço cacimbão⁸¹, com o intuito de incentivar os moradores a desenvolverem as práticas agrícolas, comandando a perfuração o primeiro poço do povoado Ipiranga, na década de 1910⁸². Graças ao esforço de Monsenhor Lopes, foi instalado no povoado a primeira Escola Pública Estadual e uma Agência Postal dos Correios, na qual o senhor Manoel Ribeiro de Almeida foi o primeiro gerente, de acordo com os dados de João Borges Caminha⁸³.



Ilustração 03: Usina Elétrica do povoado Ipiranga nos anos de 1950.
Fonte: Arquivo da Casa da Cultura Monsenhor Mateus.

Ainda novo, mas doente foi para Santa Cruz dos Milagres, prestando relevantes serviços a comunidade local. Com o agravamento do seu estado de saúde veio trabalhar no povoado Inhuma na capela e cemitério de São José. Como já residia no povoado Ipiranga seu irmão Pedro Paulo de Oliveira Lopes, passou a frequentar o povoado. Realizava missas e conseguiu por sua influência, elementos importantes para o desenvolvimento do povoado Ipiranga. Tornando-se assim Ipiranguense por pensamentos, coração e obras. Ver: Biografia de Joaquim de Oliveira Lopes. 1976, [s.n.]. Fonte: Acervo da Biblioteca da Unidade Escolar Monsenhor Lopes, na cidade de Ipiranga – PI.

⁸¹ 1. Poço ou cova grande onde se junta água. 2. São poços cilíndricos, rasos, abertos manualmente, com o uso de picareta e pá e etc. Mais utilizado pela população rural brasileira e, recebe nomes distintos, dependendo da região: cisterna, cacimba, cacimbão, poço amazonas, poço caipira, ou simplesmente poço. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: o minidicionário da Língua Portuguesa*. 7 ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.p. 117.

⁸² Biografia de Joaquim de Oliveira Lopes. 1976, [s.n.]. Fonte: Acervo da Biblioteca da Unidade Escolar Monsenhor Lopes, na cidade de Ipiranga – PI.

⁸³ CAMINHA, João Borges. Op. Cit, 2009.p. 160.

Ao tratarmos da criação da Agência Postal, foram encontrados no arquivo pessoal da família do senhor Joel Borges, uma carta em que se apresentava a data da criação da agência, constando de vinte de janeiro de mil novecentos e vinte e dois, afirmando ser Manoel Ribeiro de Almeida o primeiro agente nomeado, em vinte e nove de abril de mil novecentos e vinte e dois.

É interessante acrescentar que, em uma edição do *Jornal de Picos*⁸⁴, fizeram uma matéria pela comemoração dos 25 anos de emancipação política da cidade de Ipiranga. Na matéria em comemoração às bodas de prata da cidade, notamos uma abordagem histórica, intitulada *Histórico: de Buriti a Ipiranga*⁸⁵. Ao analisarmos o texto, é perceptível que fizeram uma nota a respeito do Sr. Monsenhor Joaquim de Oliveira Lopes, destacando suas benfeitorias para a cidade conforme podemos observar a imagem a seguir.

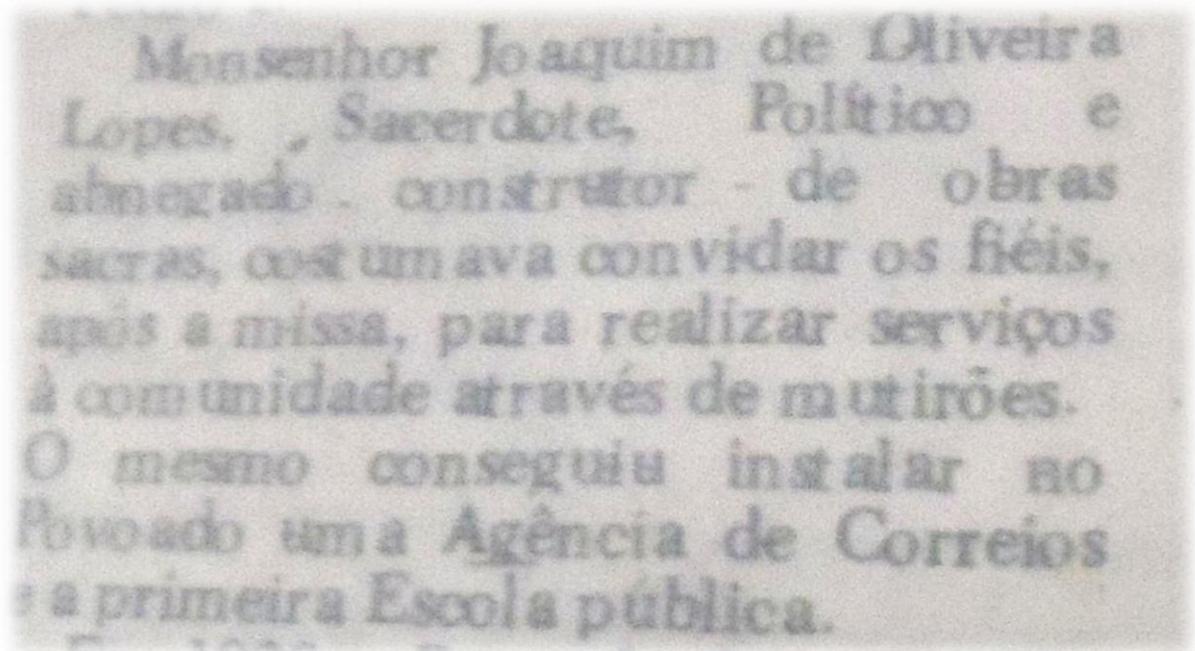


Ilustração 04: Recorte do Jornal de Picos
Fonte: Acervo da Casa da Cultura Monsenhor Mateus

⁸⁴O Jornal de Picos surgiu em 1982 na cidade de Picos - PI. O Jornal de Picos foi fundado pelo jornalista e radialista Erivan Lima e um grupo de pessoas que compartilhavam suas ideias políticas. Para maior detalhamento, ver SANTOS, Oligiane Oliveira dos. *Diretas Já: Entre as práticas e representações da sociedade picoense de 1980*. 2011. 66 f. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2011. p. 11.

⁸⁵Ver o *Jornal de Picos*, Ano VI nº 173, Picos Piauí 12,13 e 14/12/1987. Não tem o número da página da matéria do jornal porque estas notas foram recortadas. Sendo assim só é possível identificar o nome do jornal, o ano, número da edição, cidade e datas, que se encontram arquivados no acervo da Casa da Cultura Monsenhor Mateus na cidade de Ipiranga do Piauí.

Dessa forma, fica demonstrada a grande contribuição do padre Monsenhor Lopes no povoado Ipiranga.

No tocante à educação, segundo depoimento de Carolina Francisca de Moura⁸⁶, antes da instalação da primeira Escola Pública Estadual do povoado, aconteciam aulas com professor particular⁸⁷. Consoante ao ensino do povoado, Moura aponta que o primeiro professor que se tem notícias foi Antônio de Oliveira Lopes, avô da entrevistada. Segundo a depoente, seu avô era instrutor particular, pois na comunidade Ipiranga não havia escola. Sendo assim, quem quisesse pôr os filhos para estudar, necessitavam contratar professores particulares, ou então, tinha que deslocarem-se para a cidade de Oeiras. Contudo, a depoente ressalta que o número de pessoas que se dirigia à cidade para estudar era quase inexistente, uma vez que a população do povoado era em sua grande maioria rural e não dispunha de condições financeiras que permitisse colocar os filhos para estudar na cidade. O mais comum era a contratação de professores particulares, que se iam ao encontro dos alunos em suas residências para a ministração dos conhecimentos considerados básicos para o período. Moura relata que o ensino, no contexto em questão, era voltado para ensinar a ler, escrever e realizar as quatro operações matemáticas. A entrevistada acrescenta ainda a importância de saber ler e responder uma carta. Carolina Francisca de Moura destaca que era de costume os pais colocarem os filhos para estudar nos meses de março a abril e em outubro e novembro aproveitavam em média de dois a três meses de estudo, pois precisavam aproveitar o trabalho dos filhos nas lavouras. Para Moura, os pais consideravam este tempo suficiente para aprender os conhecimentos básicos que eram necessários na época.

Segundo Carolina Francisca de Moura⁸⁸, Antônio de Oliveira Lopes⁸⁹, possivelmente foi o primeiro professor do povoado e deixou frutos de seus ensinamentos que a posteriori continuaram com a prática do ensino em Ipiranga. De acordo com a depoente, Antônio de Oliveira Lopes foi professor do Monsenhor Mateus e de Celé Moura⁹⁰, que continuou com os trabalhos da educação após a morte de Antônio de Oliveira Lopes. Carolina Francisca de Moura lembra que nesse período existia a palmatória, acrescentando ainda que, por muitas

⁸⁶A depoente é natural de Ipiranga do Piauí, nasceu em 26 de fevereiro de 1925, trabalhou quando jovem como professora, casou-se com Joaquim Guedes de Moura. Seu marido foi vereador em Ipiranga por dois mandatos consecutivos, em 1967- 1971 e de 1971-1973, este ainda foi vice-prefeito em 1977-1983.

⁸⁷MOURA, Carolina Francisca de. *Entrevista concedida a Letícia Mendes Leal*, Ipiranga do Piauí, 07/02/2013.

⁸⁸Idem.

⁸⁹Avô paterno da entrevistada Carolina Francisca de Moura, é natural de Ipiranga onde permaneceu até morrer. Antônio de Oliveira Lopes é primo de Pedro Paulo de Oliveira Lopes e de Monsenhor Joaquim de Oliveira Lopes.

⁹⁰Como era conhecida Maria da Silva Rêgo natural de Ipiranga do Piauí, passou a ser chamada de Celé Moura após se casar com Luís de Moura Rabelo, ou seja, o sobrenome Moura é devido seu marido e Celé foi uma apelido a que todos carinhosamente chamavam Maria da Silva Rêgo.

vezes, a professora a chamava para bater com a palmatória nas mãos dos alunos que erravam as perguntas durante a aula.⁹¹

De acordo com Moura, depois de um tempo, enviaram uma professora de Oeiras para Ipiranga, cuja mesma se chamava Vicenza. Segundo a depoente, Oeiras só teria enviado uma professora para esta comunidade devido às exigências da população local que alegava o descompromisso de Oeiras para com o povoado Ipiranga. Moura recorda que “as aulas eram realizadas em um salão no centro do povoado para facilitar o acesso de todos, porém nem todos frequentavam as aulas, uma vez que, os mais pobres precisavam ajudar seus pais no sustento da casa”.⁹²

A partir da análise da entrevista acima, pode-se afirmar que mesmo diante da preocupação das aulas acontecerem em um lugar acessível a todos, podemos perceber, que a maioria das pessoas começavam a ajudar no sustento da casa muito cedo, fator esse que contribuiu para que nem todos pudessem frequentar as aulas. Percebe-se que esta foi uma realidade não só das pessoas do povoado Ipiranga, pois este ocorrido foi uma constante verificada em todo o Piauí desde o seu processo de ocupação e povoamento, como destaca Amanda de Cássia Campos Reis:

A condição de Capitania subalterna, aliada a outros fatores como a baixa densidade populacional, um ensino desvinculado da realidade, desinteresse da população, na sua maioria constituída por pessoas simples como vaqueiros e homens do campo foram os principais entraves para o desenvolvimento da educação formal do Piauí.⁹³

Entretanto, conforme foi mencionado anteriormente, Monsenhor Lopes conseguiu para o povoado a criação de uma escola Estadual que, segundo os documentos desta escola, teria sido construída em um terreno doado pela família Lopes. No tocante à instalação da primeira escola pública do Estado, no povoado Ipiranga, notamos que não se sabe ao certo quando esta foi instalada. Porém, de acordo com documentos⁹⁴ encontrados na Câmara Municipal de Oeiras, fica evidente que teria sido antes de 1945, pois há registros com nomeação de delegado de ensino, o que é equivalente hoje ao cargo de supervisor de ensino⁹⁵, como mostra a imagem a seguir:

⁹¹ MOURA, Carolina Francisca de. *Entrevista concedida a Letícia Mendes Leal*, Ipiranga do Piauí, 07/02/2013.

⁹² Idem.

⁹³ REIS, Amanda de Cássia Campos. *História e memória da educação em Oeiras – Piauí*: de meados do século XVIII à primeira metade do século XX. Teresina: Expansão/EDUFPI, 2009. p.89.

⁹⁴ Portaria Nº 4 de exoneração do cargo de delegado de ensino o Sr. Joaquim de Oliveira Lopes, em 01/09/1945. E portaria Nº 5 de nomeação do Sr. José Cortês Rufino, para delegado de ensino do povoado Ipiranga em 01/09/1945.

⁹⁵ Portaria Nº 5 Nomeação de delegado de ensino para a Escola Mista Singular do Povoado Ipiranga. Encontrada no arquivo da Câmara Municipal de Oeiras.

Portaria no 5
 nomeação

Antônio Barbosa de Carvalho, Prefeito Municipal de Oeiras, Estado do Piauí, usando das atribuições que lhe são conferidas por lei

Resolva nomear o cidadão José Cortês Rufino, para exercer gratuitamente as funções do cargo de Delegado de Ensino, junto à Escola Singular do Povoado Ipiranga, deste município Cuiabá - Se
 Prefeitura Municipal de Oeiras, 1.º de Setembro de 1945.

[Assinatura]
 Prefeito Municipal

Ilustração 05: Portaria de nomeação de delegado de ensino para o povoado Ipiranga.
 Fonte: Câmara Municipal de Oeiras

Segundo as fontes históricas da referida escola, esta foi fundada em 22 de agosto por volta da década de 1940, e como afirmamos anteriormente, não se sabe ao certo o ano da fundação. De acordo com nossas pesquisas, o que podemos apontar com base nos documentos existentes na escola, é que esta teria recebido como primeiro nome Escola Singular Mista. Segundo registros, os professores que passaram pela escola foram: Cinhá Torre (da cidade de Oeiras), Teresinha Frota, Marizete e Almerinda (da cidade de Teresina). Após alguns anos, a escola passou a se chamar de Escola Reunida. Na documentação da escola encontram-se alguns nomes de ex-alunos. Seriam eles: Claro da Silva Rêgo, Maria Romana do Rosário, Monsenhor Mateus Cortez Rufino e Adão Soares de Jesus.

Ainda como Escola Reunida, segundo os documentos deste estabelecimento de ensino, esta teve como diretora Teresinha de Moura Rabelo.

Podemos verificar através do relato de Lucas Cortez Rufino⁹⁶ e dos documentos da Unidade Escolar, que em 1967, na administração de Francisco de Assis Moura,⁹⁷ em gratidão aos grandes benefícios recebidos pelo Monsenhor Lopes, lançaram a ideia de homenageá-lo. Dessa forma, a primeira escola de Ipiranga passou a se chamar de Grupo Escolar Monsenhor Lopes.

A *Revista Ipiranga*⁹⁸ apresenta que nos anos seguintes à instalação da escola, o povoado obteve uma série de melhoramentos importantes. Foi ampliada a Agência dos Correios, com a instalação do Telégrafo. Graças ao esforço persistente do jovem Osmar Ribeiro de Almeida, instalaram um velho motor de luz, que iluminou por vários anos o pequeno povoado. Sob os auspícios da prefeitura de Oeiras, construíram o Mercado Público, como podemos visualizar a seguir.



Ilustração 06: Mercado Público de Ipiranga do Piauí 1951.
Fonte: Acervo da Casa da Cultura Monsenhor Mateus.

Com relação o Mercado Público do povoado Ipiranga, este foi construído quando a comunidade ainda pertencia à cidade de Oeiras. A partir da ideia do surgimento de um núcleo comercial num determinado espaço, Raquel Rolnik explica que:

A cidade, ao aglomerar num espaço limitado uma numerosa população, cria o mercado. E assim se estabelece não apenas a divisão do trabalho entre

⁹⁶RUFINO, Lucas Cortez. *Entrevista concedida a Letícia Mendes Leal*, Ipiranga do Piauí, 22/05/2012.

⁹⁷Francisco de Assis Moura foi prefeito da cidade de Ipiranga do Piauí, no período de 01/02/1967 a 31/01/1971.

⁹⁸NASCIMENTO, Luciano Barbosa do. 40 anos de crescimento. In: *Revista Ipiranga*, Ed. 01. Picos: Artecom – Publicidades, Dez. 2002.p.9.

campo e cidade, mas também uma especialização do trabalho no interior da cidade.⁹⁹

Rolnik faz um relato sobre o desenvolvimento urbano de uma cidade, a partir do processo de sedentarização do homem. É interessante ressaltar a percepção de Raquel Rolnik acerca da atração e concentração de pessoas em função do mercado, fato este parecido com o que aconteceu no povoado em estudo. Nota-se que o povoado Ipiranga atraiu moradores para o local em virtude de uma feira, que a princípio tinha como produto em destaque a maniçoba.

José da Silva Borges¹⁰⁰, ao falar sobre o mercado público de Ipiranga, lembra que em um dos espaços do mercado ficava um gerador a diesel que iluminava a cidade até por volta das vinte e uma horas da noite, como recorda: “acho que eles já sabiam até a medida certa do diesel para acabar às 22:00 hs”¹⁰¹. Borges recorda que como morava próximo ao mercado, o gerador fazia muito barulho e que expelia uma fumaça tóxica, ficando concentrada num quarto ao lado do espaço onde o gerador se encontrava. O depoente recorda que na década de 1970, quando o Brasil vivia um Regime Militar¹⁰², as pessoas que eram presas supostamente eram trancadas neste quarto da fumaça expelida pelo gerador, materializando uma forma de tortura presente na cidade de Ipiranga, durante a vigência daquele regime.

2.2 Os desejos de se tornar cidade

O povoado foi crescendo, gradativamente, de modo a não mais se conformar com sua condição, uma vez que aspirava ao status de cidade.

As cidades assim como os sonhos são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas e que todas as coisas escondam outra coisa¹⁰³.

A comunidade Ipiranga foi influenciada pelo vertiginoso crescimento populacional, fruto dos lucros da prática da extração da borracha, desenvolvimento da feira e da agricultura¹⁰⁴. Com o passar dos anos, aquele simples povoado pertencente à cidade de Oeiras

⁹⁹ROLNIK, Raquel. Op. Cit, 1988. p.26.

¹⁰⁰BORGES, José da Silva. *Entrevista concedida a Letícia Mendes Leal*, Ipiranga do Piauí, 12/03/2013.

¹⁰¹Idem.

¹⁰²O Regime militar (1964-1985) foi o período da política brasileira em que militares conduziram o país. Essa época ficou marcada na história do Brasil através da prática de vários Atos Institucionais que colocavam em prática a censura, a perseguição política, a supressão de direitos constitucionais, a falta total de democracia e a repressão àqueles que eram contrários ao regime militar. In: FICO, Carlos. *O regime militar no Brasil* (1964-1985). São Paulo: Saraiva, 1999.

¹⁰³CALVINO, Ítalo. Op. Cit, 1990.

¹⁰⁴CAMINHA, João Borges. Op. Cit., 2009.p. 59.

foi fomentando a ideia de se tornar cidade, e se tornar de fato um município autônomo, uma vez que, neste contexto o estado do Piauí vivia um período de nascimentos de várias cidades.

Assim, de acordo com os depoimentos concedidos, percebe-se que diante do argumento de vários povoados semelhantes à Ipiranga terem conseguido se tornar cidade e por causa da alegação de Oeiras não mais comportar os desejos e sonhos dos moradores do povoado, organizou-se um comitê que passou a trabalhar em prol da emancipação política da comunidade. Tal movimento possuía como líder o representante do povoado, o vereador Joel Borges do PSD (Partido Social Democrático).

Dessa forma, no dia 17 de dezembro de 1956, o vereador Joel Borges apresentou-se a sessão da Câmara Municipal de Oeiras acompanhado por uma delegação, um grupo de pessoas do povoado Ipiranga, que foram até o recinto apresentar seus anseios de independência, ou seja, sua emancipação política, como demonstra a ata da sessão a seguir:

**ATA DA PRIMEIRA SESSÃO DA DÉCIMA SEGUNDA REUNIÃO
ORDINÁRIA DA CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS ESTADO DO PIAUÍ,
NO ANO LEGISLATIVO DE MIL NOVECENTOS E CINQUENTA E SEIS.**

Realizou-se segunda-feira, dezessete de dezembro de mil novecentos e cinquenta e seis, nesta cidade de Oeiras do Estado do Piauí pelas nove horas no edifício da Prefeitura, no salão para o fim destinado, a primeira sessão da décima segunda reunião ordinária da Câmara Municipal no corrente ano legislativo. Presidiu-a o Excelentíssimo Senhor Vereador Clementino Martins. A ata da sessão anterior, foi lida e aprovada por unanimidade sem discussão. Deixaram de comparecer os senhores Vereadores Dr. Raimundo Barroso de Carvalho, Martinho Mendes de Carvalho e Antônio José Souza e Silva. Não houve matéria para expediente. No decorrer dos trabalhos esteve presente no recinto da Câmara, uma delegação composta de pessoas do povoado Ipiranga e cujos nomes adiante se vêem. Referida delegação, de que foi interprete o cidadão José Zeno de Nunes Lopes, traduzindo os anseios do povo daquele povoado, pediu à Câmara, quisesse trabalhar pela sua independência, elevando aquele povoado a categoria de cidade, à semelhança do que ocorreu com Santa Cruz, São Francisco e São José do Peixe. Terminada a oração do Senhor Zeno de Nunes Lopes falou o vereador Joel Borges que disse estar integrado na delegação do Ipiranga pelo que, pedia aos seus pares quisessem dar boa acolhida e apreciação a pretensão dos ipiranguenses. O excelentíssimo Senhor Presidente da sessão em breves palavras declarou que a Casa recebia com simpatia e o casamento a comissão de representantes do Ipiranga, e que tomando conhecimento do seu desejo, esperava que fossem encaminhados ao Poder Legislativo Oeirense os documentos exigidos por lei, comprobatórios de que o referido povoado se encontra em condições de emancipar-se. A delegação do Ipiranga, demorou-se por alguns minutos em animada palestra, tendo se retirado satisfeita. Logo a seguir foi suspensa a sessão. Para constar, eu Rita de Cássia Campos, auxiliar de escrita da Câmara Municipal lavrei a presente ata declarando que eram as seguintes as pessoas de Ipiranga que integravam a delegação atrás citada: Ademar Cortez Rufino, Antônio dos Santos e Silva, Claro da Silva Rêgo, Cícero de Moura Rabêlo, Enéas José de Carvalho, Francisco de Assis Moura, Inácio de Oliveira Lopes, João de Deus Souza, José Ribeiro de

Almeida, José Ferreira Leal, José Zeno de Nunes Lopes, José de Moura Rêgo Rabelo, Joaquim Mendes Pereira, Joaquim Rufino da Silva, João Mendes Pereira, Luiz de Moura Borges, Lucas Cortez Rufino, Licínio de Moura Rabêlo, Raimundo de Moura Rabêlo, Raimundo Coelho, Cesário Santana Lina e Tarcísio Cortez de Almeida.¹⁰⁵

Sendo assim, foi criada oficialmente a comissão em prol da emancipação política do povoado Ipiranga, esta passou a trabalhar visando estratégias para conseguir elevar o povoado à categoria de cidade.

2.3 As dificuldades encontradas para emancipar o povoado Ipiranga

Consoante as Atas da Câmara Municipal de Oeiras, percebemos que produziram projetos, e muitas resoluções que pleiteavam a criação do município de Ipiranga. Foram travados vários debates no legislativo Oeirense. De acordo com os documentos¹⁰⁶ da Câmara da cidade de Oeiras, o assunto de emancipar Ipiranga por mais recepção que este tema pareça ter dito no começo, ficou por algum tempo de lado. Por informações contidas nas atas de 1957, para um grupo de vereadores, o povoado não havia menor condição de se tornar cidade, uma vez que, não atendia aos requisitos básicos exigidos por lei, sendo assim uma perda de tempo.

De acordo com Moraes¹⁰⁷:

O dispositivo do item I, do Art. 12 da Constituição Estadual de 1947¹⁰⁸ exigem dos povoados que almejam sua autonomia político-administrativa, entre outras condições: população mínima de oito mil habitantes, renda mínima anual de vinte mil cruzeiros e patrimônio com área de quatrocentos hectares.¹⁰⁹

Entretanto, Santa Cruz, São Francisco e São José do Peixe, municípios que não atendiam aos requisitos básicos exigidos pela Constituição Estadual de 1947, segundo os entrevistados, conseguiram se emancipar conforme abordou a ata anterior, para o depoente Lucas Cortez Rufino¹¹⁰ o povoado Ipiranga também não dispunha de nenhum dos critérios exigidos por lei para a criação de um município. Entretanto, decidiram lutar em prol da emancipação, tendo em vista os exemplos recentes de povoados que não tinham sequer

¹⁰⁵Fonte: Livros de Atas da Câmara Municipal de Oeiras, 1956, p. 27.

¹⁰⁶Atas das reuniões da Câmara Municipal de Oeiras 1956 a 1957.

¹⁰⁷MORAIS, Eliane Rodrigues de. Op. Cit, 2008.

¹⁰⁸A Constituição de 1947 foi a primeira do Estado, depois da redemocratização do país. Foi promulgada em 22 de Agosto de 1947.

¹⁰⁹MORAIS, Eliane Rodrigues de. Op. Cit., 2008. p.85.

¹¹⁰RUFINO, Lucas Cortez. *Entrevista concedida a Letícia Mendes Leal, Ipiranga do Piauí, 22/05/2012.*

nenhum requisito de acordo com os elementos básicos exigidos por lei, e que, mesmo assim, conseguiriam seus desmembramentos, graças a acordos políticos.

A partir da leitura dos Livros de Atas da Câmara Municipal de Oeiras, no período de 1956 a 1959, percebemos que foram elaborados pelo vereador Joel Borges muitos projetos que trouxessem benefícios para o povoado Ipiranga. Podemos citar, dentre estes, pedidos de verbas para perfurar poços, construção de um prédio para a escola no lugar Furta-lhe-a-volta (localidade do vereador), requerimento pedindo o pagamento de vencimentos da regente do ensino professora Inês Maria da Silva e construção de um prédio para instalar uma usina elétrica. O que se percebe com o exposto nos Livros de Atas é quem nem todos os pedidos foram atendidos. Tal fato, provavelmente, desencadeou o desejo de o povoado buscar a emancipação da cidade de Oeiras.

O representante do povoado, Joel Borges, reuniu a sua comissão e promoveu uma luta para conseguir ganhar força e apoio político, deixando por um tempo as discussões na câmara em torno do projeto, passando a trabalhar possíveis acordos políticos, como afirma Lucas Cortez Rufino em entrevista.

Pelas informações contidas nos Livros de Atas da Câmara Municipal de Oeiras, na *Ata da primeira sessão da terceira reunião ordinária*, no ano de 1957, foi elaborado um projeto pelos vereadores Joel Borges e Mateus Cortez de Almeida que pleiteava uma possível demarcação de território para a criação do município de Ipiranga:

Projetos de Resolução número trinta e um, de autoria dos Senhores Vereadores Joel Borges e Mateus Cortez de Almeida, pleiteando a criação do município de Ipiranga, a ser desmembrado de Oeiras e compor-se da área formada das datas Fradinho, Furta-lhe-a-Volta, Curral do Meio, Buriti Grande e Cabeço¹¹¹.

Pelo trecho, podemos identificar um motivo que provavelmente tenha dificultado ainda mais a aprovação do projeto, em virtude da possível demarcação de área pensada para a criação do povoado Ipiranga. Esta percepção pode ser explicada pela disputa de território, uma vez que, a demarcação sugerida na ata seria incluir outras comunidades na formação do município de Ipiranga.

A partir desta ideia, analisamos cada localização das referidas comunidades acima citada. Segundo João Borges Caminha¹¹², a data ou fazenda Fradinho se constitui onde hoje se localiza o centro urbano de Ipiranga e a localidade Ponta D'água. Furta-lhe-a-Volta, hoje povoado pertencente à cidade de Ipiranga do Piauí, segundo o autor, integrava todos os

¹¹¹Fonte: Livro de Atas da Câmara Municipal de Oeiras, 1957.p. 44.

¹¹² CAMINHA, João Borges. Op. Cit., 2009.p. 61.

lugares a uma distância de até mais ou menos dez quilômetros da sede. Caminha cita as localidades de Brejo da Fortaleza, Caatinga Grande, Cabeceiras, Chapada, Cocalinho, Cocos, Contador, Corrente, Macaúba, Malhada e tantas outras localidades que constituía a data Furtalhe-a- Volta. Curral do Meio, de acordo com João Borges Caminha, era formado pelas datas ou fazendas de Areal, Mina, Jardim, Tapera do Machado e Mina Velho, que por sinal ainda hoje são povoados do município de Ipiranga. Entretanto, segundo Tonny César Barbosa da Silva¹¹³, Cabeço era o nome como era conhecida a cidade de Dom Expedito Lopes-PI, antes do processo de emancipação política, ocorrido no ano de 1963. Possivelmente, Buriti Grande era a fazenda citada na ata acima, seria a mesma comunidade que pertence hoje a Dom Expedito Lopes.

Sendo assim, provavelmente, a demarcação pensada para o território que se constituiria a criação da cidade de Ipiranga, tenha sido um grande empecilho para a aprovação do projeto que autorizaria a instalação do município. É interessante percebermos que, um pouco mais tarde, o povoado Cabeço consegue se emancipar, episódio este que Tonny César Barbosa da Silva apresenta como “fator preponderante para a criação do município de Dom Expedito Lopes, as boas relações existentes entre o líder político local com as principais lideranças locais¹¹⁴”.

Segundo os registros do Livro de Ata da Câmara de Oeiras, na sessão do dia 18 de junho de 1957, fora aberto espaço para o vereador que tivesse algo a pronunciar. De acordo com as informações contidas na ata citada, Joel Borges pediu a permanência do projeto número trezentos e vinte, na secretária da câmara, a fim de que estudassem com mais demora o assunto de que tratava o referido projeto. Todavia, seu pedido foi recusado por todos os outros vereadores, esclarecendo ser desnecessário mais demora, visto ser um assunto muito discutido entre todos os senhores vereadores. Neste dia, os vereadores da casa decidiram não aprovar o projeto que criaria o município de Ipiranga, porém, Joel Borges recusou-se a aceitar essa decisão. De modo que, segundo os registros de Livros de Atas, a sessão foi marcada para o dia seguinte para assim, resolver a situação do projeto, uma vez que o vereador Joel Borges continuaria a insistir com o mesmo. Porém, no dia seguinte, os vereadores não compareceram, não havendo quórum mínimo exigido para se realizar uma sessão.¹¹⁵

¹¹³SILVA, Tonny César Barbosa da. *A Cidade de Dom Expedito Lopes: desenvolvimento urbano e social (1964 – 1980)*. 2012. 84 f. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2012.p. 19.

¹¹⁴Idem, p. 36.

¹¹⁵Livro de Atas da Câmara Municipal de Oeiras, 1957, p. 57 – 62.

Consoante à demarcação proposta no Livro de Ata de 1957, em resposta à rejeição por parte de um grupo de políticos interessados nas localidades mencionadas anteriormente, Joel Borges debate o tema em sessão na Câmara de vereadores em Oeiras:

**ATA DA PRIMEIRA SESSÃO DA PRIMEIRA REUNIÃO ORDINÁRIA DA
CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS ESTADO DO PIAUÍ, ANO
LEGISLATIVO DE MIL NOVECENTOS E CINQUENTA E NOVE.**

Aos quinze dias do mês de Janeiro de mil novecentos e cinquenta e nove, nesta cidade de Oeiras do Estado do Piauí, pelas nove horas, no edifício da Prefeitura Municipal em um salão para o fim destinado, sob a presidência do senhor Vereadôr Doutor Raimundo Barroso de Carvalho, secretariado por mim, Vereador Clementino Martins, realizou-se a primeira sessão da primeira reunião ordinária da Câmara Municipal no ano Legislativo de mil novecentos e cinquenta e nove. Feita a chamada verificou-se o comparecimento de todos os senhores Vereadôres. A ata da sessão anterior foi lida e aprovada por unanimidade e sem discussão. Expediente: No expediente foi lido e o projeto de lei número tresentos e setenta e quatro da autoria do vereador Flavio Barbosa Siqueira, alterando e revogando dispositivos da lei numero sessenta e nove de vinte e nove de outubro de mil novecentos e cinquenta e nove. Ainda no expediente foi lido um ofício do senhor Francisco Portela Barbosa, Diretor de Expediente da Prefeitura, enviando a Câmara o balancête da receita e despesas do município durante o mês de novembro e dois abaixo assinados de pessoas residentes nos lugares Côcos, Tamanduás da Fazenda Furta-lhe-a-Volta e da Fazenda Buriti-Grande, protestando a inclusão dos lugares acima referidos na área que irá formar o município de Ipiranga. A seguir o senhor Presidente enviou a Comissão Consultiva o balancête do mês de novembro. Ordem do dia: Na ordem do dia foi posto em discussão o projeto de resolução numero trinta e um que pleitêa a criação do município de Ipiranga, em torno do qual o vereador Joel Borges proferiu um discurso declarando estar sentindo a reação causada por diversos políticos deste município que dificulta a formação do futuro município de Ipiranga, infiltrando na consciência dos habitantes dos lugares Buriti-Grande e Tamanduás ideias contrarias a aceitação do referido município, continuando falou aos colegas que criar unidades administrativas é trabalhar pelo progresso do povo ensejando oportunidades de adquirir mais recursos exteriôres, vêr que em todas as fases do govêrno do Piauí criou municípios para difundir melhor a catequese dos naturais, suas leis, multiplicar as fazendas e arrecadação de seus tributos; disse mais não esperar que esta casa composta dos mesmo membros que acedêram aos ecos de Santa Cruz, São Francisco e São José do Peixe, desfeche agora o seu intrave contra o povoado Ipiranga que não é mesmo digno e incapaz, e terminando disse ainda que as assinaturas dos protestos de Tamanduás e Buriti- Grande foram conseguidos a guisa de labias de cabos eleitorais que não querem perder ali seus elementos. A seguir declarou o Senhor Presidente encerrada a sessão. Para constar, eu, Clementino Martins, secretario da Câmara lavrei a presente ata.¹¹⁶ [sic.]

Diante disso, pode-se concluir que alguns políticos foram contrários ao projeto de criação do município de Ipiranga, temendo a perda de vantagens que essas fazendas lhe proporcionavam. Certamente os políticos do povoado Cabeço já estavam pensando em

¹¹⁶Fonte: Livro de Atas da Câmara Municipal de Oeiras, 1959, p. 14.

articular um projeto para elevar a comunidade à categoria de cidade, para assim garantir as continuidades de seus beneficiamentos. De acordo com os relatos do vereador Joel Borges, “os mesmos vereadores que aprovaram os projetos de criação dos municípios de Santa Cruz, São Francisco e São José do Peixe colocavam empecilho contra o mesmo projeto do povoado Ipiranga, sendo que este não é mesmo digno e nem menos capaz”.

Baseamo-nos ainda, no livro de Ata da Câmara Municipal de Oeiras, na sessão do expediente de dezesseis de janeiro de 1959, foi apresentada uma circular assinada por duzentos e vinte e sete pessoas, residentes no povoado Cabeço, afirmando não aceitarem a inclusão do mesmo povoado na área que irá formar o município de Ipiranga. Apresentaram também uma emenda ao projeto número trinta e um assinado pelo vereador Flávio Barbosa de Siqueira, pedindo para ser excluído da área do futuro município de Ipiranga as datas Cabeça e Burti- Grande e os lugares Tamanduá e Cocôs do Tamanduá¹¹⁷.

Todavia, a partir dos registros das Atas, Joel Borges declarou aceitar em partes a emenda do vereador Flávio Barbosa de Siqueira e que oportunamente apresentaria uma contra emenda. Sendo assim, o vereador Joel Borges apresentou, segundo relata a ata de 16 de janeiro de 1959, uma emenda que alterou dispositivo do projeto de resolução número trinta e um de quinze de março de mil novecentos e cinquenta e sete, e da emenda número dezesseis de Janeiro de mil novecentos e cinquenta e nove.

Em contrapartida, a emenda que o vereador Joel Borges apresentou foi discutida e aprovada, segundo os relatos das atas¹¹⁸. De acordo com as informações das Ata de vinte de Janeiro de mil novecentos e cinquenta e nove, o presidente da Câmara determinou que fosse dada nova redação ao projeto de criação da cidade de Ipiranga, para inserir-se nela a emenda aprovada. Convocando uma nova sessão ainda no mesmo dia para discussão e votação do projeto em voga.¹¹⁹

Desta forma, de acordo com os registros da Câmara Municipal de Oeiras, o senhor presidente Raimundo Barroso de Carvalho, na ordem do dia, submeteu a última discussão e votação o projeto de resolução número quarenta e um, que visava à criação do município do Ipiranga com o território a desmembrar-se de Oeiras. A saber:

[...] O projeto de resolução que se vai votar, como todos sabem acrescentou o Senhor Presidente, desde muito vem sendo objeto de apreciação desta casa, e foi originalmente apresentado sob número trinta e um em quinze de março de mil novecentos e cinquenta se sete. Regeitada aquela época, foi a mesma matéria trazida a consideração desta Casa em dezessete de dezembro do ano

¹¹⁷ Idem, p. 15.

¹¹⁸ De 20 de Janeiro de 1959, página 18.

¹¹⁹ Livro de Atas da Câmara Municipal de Oeiras, 1959.

findo e agora em última discussão se apresenta ao veredito dos Senhores Vereadores. Dizendo isto declarou estar congedado falar, digo, congedado palavra a quem quisesse falar a respeito do projeto em tela. Como nenhum dos Senhores Vereadores quizesse discuti-lo, mandou ler primeiramente o projeto, que sofrera nova redação para inserir-se no seu feito as emendas apresentadas logo a seguir os votos aos Senhores Vereadores, tendo se verificado que o mesmo projeto fora aprovado por unanimidade.¹²⁰ [sic.]

Pelo seguinte trecho, percebemos que após ser aprovada a emenda que excluía o território da Fazenda Cabeço e Buriti-Grande, conseguiu-se obter êxito a aprovação do projeto que pleiteava a criação do município Ipiranga, ficando claro e evidente que o grande empecilho foram os interesses políticos que se tinha para a comunidade Cabeço e Buriti-Grande.

Percebemos, que apesar do projeto ter sido aprovado em vinte de janeiro de 1959, houve uma demora para a instalação do município. Apenas em dezessete de junho do mesmo ano, durante o expediente da sessão, constou-se da leitura da cópia do ofício dirigido pelo Senhor Presidente da Câmara ao Excelentíssimo Senhor Presidente da Assembleia Legislativa do Estado, solicitando em abono à vontade do povo do Ipiranga, a criação do município do mesmo nome, com a elevação daquele povoado categoria de cidade¹²¹.

Não foram encontrados os Livros de Atas da Câmara de Oeiras dos anos de 1960 a 1961, dificultando o acompanhamento dos passos dados pelos dirigentes responsáveis pela criação do povoado. Retomando os registros de 1962, foram encontradas atas comunicando o dia oficial da instalação do município Ipiranga.

[...] Falou ainda, no expediente o senhor vereador Joel Borges passa a comunicar que a oito de dezembro vindouro será instalado o município de Ipiranga recém-criado e desmembrado deste de Oeiras, e como membro desta casa, e na qualidade de Prefeito eleito para o dito município, convidava à câmara municipal, ao senhor vice-presidente desta casa, estendendo também o seu convite ao diretor da secretária para assinar o ato¹²². [...]

Segundo a ata da sessão do dia dezessete de novembro de 1962, o senhor presidente, nomeou uma comissão composta de vereadores Dr. Juarez Piauhyense de Freitas Tapety, José Belo de Sousa, e Antônio Holanda Filho, para representar a câmara de Oeiras, no ato de instalação do município de Ipiranga do Piauí. Na fala do presidente da Câmara Municipal de Oeiras, no período em estudo, Japhet Araújo Costa de Albuquerque, mencionou fazer o possível para estar presente no momento da instalação oficial do município de Ipiranga em razão da sua amizade para com o vereador Joel Borges.

¹²⁰Fonte: Livro de Atas da Câmara Municipal de Oeiras, 1959, p.19.

¹²¹Idem, p. 44.

¹²²Idem, p.10.

2.4 A emancipação política de Ipiranga do Piauí

Aprovada pela Câmara Municipal de Oeiras, a proposta de criação do município Ipiranga do Piauí, em 1959 de acordo com os registros das Atas¹²³, foram posteriormente encaminhadas à Assembleia Legislativa do Estado. E, somente em 1962 foi aprovada a criação do município de Ipiranga do Piauí, pela Lei Nº 2061 de 7 de Dezembro de 1960, publicada no Diário Oficial do Estado do Piauí de 29 de Dezembro de 1960.

De acordo com João Borges Caminha¹²⁴, “a independência oficial do novel município se deu no dia 15 de dezembro de 1962”. Porém, Caminha não faz nenhuma explicação por que demorou dois anos até instalarem oficialmente o município. Tal observação não é apenas um aspecto da entrevista deste senhor; durante as outras entrevistas nenhum depoente soube explicar o porquê da demora. O fato é que como pode ser observado na ata a seguir, o município foi instalado administrativamente em quinze de dezembro de 1962. A saber:

Ata de instalação do município de Ipiranga do Piauí:

Aos quinze dias do mês de Dezembro de mil novecentos sessenta e dois, às dez (10) horas em o salão destinado à sede da Prefeitura Municipal deste município de Ipiranga do Piauí, sob a presidência do cidadão Amadeu de Macêdo Reis primeiro suplente do Juiz de Direito da Comarca de Oeiras Estado do Piauí, em exercício, e devidamente autorizada pelo Exmo. snr. Des. Presidente do Tribunal de Justiça do Estado – Robert Wall de Carvalho, em despaixo telegráfico nos seguintes termos: (“249/62 Solicito vossas providencias sentido dar posse Prefeito nomeado novo município Ipiranga desmembrado dessa Comarca pt SDS Des. Robert Wall de Carvalho – Presidente Tribunal Justiça” e com a presenças do Deputado eleito João Ribeiro de Carvalho, representando o Exelentíssimo snr. Governador do Estado, Dr. Tibério Barbosa Nunes, e do Dr. Antônio Barroso de Carvalho representando o sr. Prefeito Municipal de Oeiras; sr. Antônio Holanda Filho representante da Câmara Municipal de Oeiras; srs. José Gonçalves de Moura e Francisco Cortez Rufino representantes dos poderes Executivo e Legislativo da cidade de Santa Cruz do Piauí; srs. Joel Borges e João de Deus Sousa, respectivamente Prefeito e Vice- Prefeito eleitos deste município; convidados especiais: Pe. Benedito de Oliveira Lopes, Pe. Joaquim Rufino da Rêgo, Dr. Joaquim Santos Filho; João Rufino da Silva, Juiz de Paz de Novo Oriente do Piauí; Raimundo de Barros Sobrinho Vice-Prefeito eleito de Inhuma, Hermógenis de Sousa Leal, Juiz de Paz de Inhuma, Luís de Sousa Leal Exator Estadual de Inhuma, Alvaro Ferreira de Sousa, Clóvis de Alencar Freitas 2º Tabelião Público de Oeiras e mais figuras locais: Joaquim Rufino da Silva, João Batista Borges Caminha; da representação de Santa Cruz do Piauí: encontram-se presentes os mrs. Vicente Cortez Rufino Coletor Estadual em exercício e o sr. Comerciante José Cortez Rufino; de todas as autoridades locais e de grande número de habitantes deste município realizou-se a sessão solene de instalação deste

¹²³Livro de Atas da Câmara Municipal de Oeiras, 1959. p. 19.

¹²⁴CAMINHA, João Borges. Op. Cit., 2009.p. 59.

município de Ipiranga do Piauí, criado pela Lei Nº 2061 de 7 de Dezembro de 1960, publicada no Diário Oficial do Estado de 29 de Dezembro de 1960. Declarando aberta a sessão pelo Meritíssimo Juiz de Direito da Comarca de Oeiras, em exercício, cidadão Amadeu de Macêdo Rêis, convidou para compor a mesa o Snr. Farm. João Ribeiro de Carvalho, representante do Exmo. Snr. Governador do Estado, Dep. Antônio Barroso de Carvalho representante do Exmo. Snr. Prefeito de Oeiras, os Revmos. Pes. Benedito de Oliveira Lopes e Joaquim Rufino do Rêgo, e para secretariar os trabalhos da presente reunião o snr. José de Moura Rêgo Rabêlo, escrivão designado para este fim, que secretariou os trabalhos.

Constituída a Mêsá da presente sessão e tendo todos os convidados pelo Exmo Snr. Juiz de Direito em exercício tomada assentada a mêsá, deram-se por abertos os trabalhos iniciados pela leitura do Decreto de nomeação do Prefeito Municipal do novo Município de Ipiranga do Piauí, redigido nos seguintes termos: O Governador de Estado do Piauí; tendo em vista o que consta do processo Nº 8795/62, do Departamento de Administração Geral, resolveu nomear o Sr. Luís de Moura Rabêlo para o cargo de Prefeito Municipal de Ipiranga do Piauí, criado pela Lei Nº 2061 de 7 de Dezembro de 1960 Palácio do Governo, em Teresina, 12 de Dezembro de 1962. (ass) Tibério Barbosa Nunes e Aluisio Soares Ribeiro. Feita a leitura do Decreto de nomeação do Prefeito Municipal de Ipiranga do Piauí, o Presidente da Mêsá convidou o recém-nomeado para prestar o compromisso de lei cujo ato foi feito com grande salva de palmas de todos os presentes. Em seguida o Exmo. Snr. Juiz em exercício declarou solenemente instalado o Município de Ipiranga do Piauí, passando a presidência da Mêsá ao Exmo. Snr. Dep. eleito Farm. João Ribeiro de Carvalho, representante do Exmo. Snr. Governador do Estado, que assumindo os trabalhos congratulou-se com o povo do Município, pela grande batalha que acabava de conquistar, para o progresso do Estado. Concluindo a sua oração franquiou a palavra a quem dela quisesse fazer uso, tendo em continente usado da palavra os Doutores Antônio Barroso de Carvalho e Joaquim Santos Filho, ambos congratulando-se com o povo do município, e formulando votos para que os dirigentes da Comarca e responsáveis pela administração Municipal saibam corresponder a confiança que lhes foi depositada pelos poderes constituídos do Estado. Ainda usou a palavra em nome do povo de Ipiranga do Piauí o jovem estudante Francisco de Assis Rêgo de Moura, que em brilhantes palavras disse do contentamento do povo ipiranguense pelo feliz acontecimento e como nada mais houvesse a tratar, foi pelo snr. Presidente encerrada a sessão, depois de ter agradecido o comparecimento dos presentes; que para constar eu José de Moura Rêgo Rabêlo, escrivão designado para este ato, lavei e presente ata em livro próprio, a qual será assinada pelas autoridades presentes e pelo povo em geral¹²⁵. [sic.]

Conforme o exposto, o povoado Ipiranga foi emancipado político-administrativamente da cidade de Oeiras, passando então a categoria de cidade.

A festa de instalação do município Ipiranga do Piauí foi relatada em sessão na Câmara Municipal de Oeiras, segundo consta informações em atas¹²⁶. O doutor João Ribeiro de Carvalho representante do governador do Estado, na época era governador substituindo o

¹²⁵Fonte: Livro de Atas das Posses Solenes dos Prefeitos de Ipiranga, 1962, p.1 - 4.

¹²⁶Livro de Atas da Câmara Municipal de Oeiras, 1962.

então governador Francisco das Chagas Caldas Rodrigues, que por motivo de ordem superior não pôde comparecer. João Ribeiro de Almeida relata o episódio acontecido:

[...] Assim, teve a oportunidade de presidir, aliás com muita satisfação, ao histórico acontecimento, marco inicial do Ipiranga, como município independente. E pode constatar, o que afirma com sincero contentamento que todos ali vibravam satisfeito, pelo acariciado sonho, havendo se anulado; o que observou, na data memorável, todas as emulações políticas, para ver-se apenas, amavelmente, a cidade que nascia sob as bênçãos de Deus, O ato religioso- a missa de ação de graças com que se abriu o programa, foi assistida pela multidão que enchia a Igreja, silenciosamente, numa edificante e comovedora de demonstração de fé. Dir-se-ia que o Espírito do Eterno sobrepairava, benévolo sobre todos, e que os corações das centenas de criaturas que se achavam sob a nave do templo, numa sístole e diástole admirável; batiam como se fora um só; ritmando a pulsação num compasso único, na harmoniosa orquestração do grande hino da vitória do Ipiranga, e na prece, também única pela grandeza da terra estremecida. Comunicando o acontecimento histórico à Câmara de Oeiras, de que se honra de ser um dos componentes, disse o orador, que aproveitava a oportunidade para congratular-se com o seu nobre colega, Vereador Joel Borges, Prefeito eleito do município recém-inaugurado, e o autor do projeto de Resolução que pediu a criação do mesmo município, pelo prestígio das festas de inauguração, as quais alcançaram grande êxito. O orador discorreu sobre a história do Ipiranga, - antiga feira do Buriti a que respeitável personalidade do Reverendíssimo Cônego Acelino Batista Portela Ferreira, de saudosa memória – o Gestor do Clero Piauiense, como lhe chamou o inolvidável Doutor Elias Martins, - o príncipe dos jornalistas do Piauí, mudara o nome para o de Ipiranga, mais sugestivo e portador de largas esperanças, agora concretizadas com a elevação do povoado a cidade, cujo futuro deseja de todo o ponto promissor. O orador sempre preciso e judicioso terminou o seu discurso, requerendo à Câmara que se dirigisse por ofício ao Prefeito nomeado para administrar a cidade do Ipiranga até a posse do eleito, Senhor Luiz de Moura Rabelo, congratulando-se pelo auspicioso evento e fazendo votos pela grandeza da cidade que acabava de sair do território de Oeiras. Cessados os aplausos com que a casa coroou as palavras do Vereador Senhor Doutor João Ribeiro de Carvalho, levantou-se o Senhor Vereador Joel Borges, que visivelmente emocionado pronunciou ligeiro improvisado de agradecimento ao orador que precedera e que tivera para com a sua pessoa dêle Joel Borges, palavras amigas, generosas palavras que desvaneceram e comoveram. De fato, tendo trabalhado pela criação do município do Ipiranga, esteve à frente de todo o movimento pela organização e cumprimento do programa traçado, e era motivo de sincera satisfação para sua pessoa o ter-se certificado de que a festa agradava a todos, certeza essa a que chegara através do discurso do seu nobre Colega Doutor João Carvalho, recentemente eleito para a Assembleia Legislativa do Estado, discurso que o comoveu, repetiu o orador, porque o Doutor João Carvalho, além de portador de cultura apreciável e de um espírito de escol, representava, no momento, o Poder Supremo do Estado, investido que estava das altas funções do Governador do Piauí, como Delegado que era do Chefe do Executivo Piauiense para representa-lo na solenidade. Aceitava, pois, as palavras benévolas do orador e fazendo votos pela grandeza do Ipiranga, os fazia igualmente porque tenha o Senhor Doutor João Carvalho brilhante e proficiente atuação augusta Assembleia Legislativa do Estado. O orador foi aplaudido pelos seus pares. Depois o senhor Presidente encerrou a sessão, e

convocou outra as quatorze horas de hoje. Para constar, eu Possidônio Nunes de Queiroz, Diretor da Secretaria da Câmara, lavrei a presente ata.¹²⁷ [sic.]

Diante disso, pode-se concluir que as boas relações entre o representante local, vereador Joel Borges, e a elite política da cidade de Oeiras, foram fundamentais para o processo de criação do município, uma vez que este não atendia as exigências jurídico-constitucionais.

É interessante acrescentar que, segundo os registros da Câmara Municipal de Oeiras, em dezesseis de janeiro de 1963, o vereador Joel Borges fez a leitura de um projeto de lei número quatrocentos e setenta e quatro de sua autoria, pedindo a doação das glebas de terras que a prefeitura de Oeiras possuía na cidade de Ipiranga, bem como o prédio do mercado, da usina elétrica, o motor gerador e toda a instalação, o prédio da escola localizada em Furta-lhe-a-Volta, e outros pertences que a prefeitura possuía no município recém-instalado de Ipiranga. Diante disso, o projeto que teria ficado na secretaria da Câmara para ser analisado. Apenas na sessão do dia dezessete de janeiro de 1963 foi aprovado, sendo doados móveis e imóveis ao município de Ipiranga.

Dessa forma, o município foi caminhando lentamente rumo as suas transformações iniciais, como menciona Caminha:

Nascia, pois, uma cidade que pretendia ser livre e acolhedora. E é. Afinal de contas uma partícula viva e atuante do País, que, apesar de pequenina haveria de crescer harmoniosamente com seus cidadãos, brasileiros em direção ao desenvolvimento.¹²⁸

Alguns jornais que circulavam na capital – Teresina- na época, como *O Dia e Folha da Manhã* criticaram duramente a criação de municípios nesse período¹²⁹. Para estes, a essência de tal interesse por parte dos grandes proprietários e políticos permaneceu como fonte de benefícios para uma pequena e privilegiada classe. E que o desejo da emancipação não estava partindo do povo, pois segundo estes jornais, o que estava em jogo não era o interesse da grande maioria da população, e sim o de uma reduzida elite política.

¹²⁷Fonte: Livro de Ata da Câmara Municipal de Oeiras, 1962. p.14.

¹²⁸CAMINHA, João Borges. Op. Cit., 2009.p. 59.

¹²⁹MORAIS, Eliane Rodrigues de. Op. Cit., 2008. p. 96.

2.5 Ações de Fausto: as transformações urbanísticas de Ipiranga.

Tal qual o personagem Fausto do livro de Goethe¹³⁰, a cidade de Ipiranga teve também seus “Faustos”, que são aqueles responsáveis pelo processo de transformações urbanísticas da cidade.

Segundo a *Revista Ipiranga*¹³¹, após a instalação oficial do recém-criado município, foi nomeado para o cargo de prefeito provisório, Luís de Moura Rabelo para desempenhar tal função até organizarem uma eleição que elegeria um prefeito para a cidade.

Sendo Joel Borges eleito o primeiro prefeito constitucional de Ipiranga, que governou de 01 de fevereiro de 1963 a 31 de janeiro de 1967. A composição do primeiro Poder Legislativo do município no ano de 1963, segundo Caminha, foi a seguinte: Joaquim Marinho de Sousa, Joaquim Francisco Fontes, Adão Soares de Jesus, Joaquim Mendes Primo, Lucas Cortez Rufino e João de Deus Sousa¹³².

As primeiras medidas do prefeito Joel Borges estiveram voltadas a questões mais gerais, como construções de estradas gerenciadas pelo Departamento Municipal de Estradas e Rodagens (D.M.E.R.) e a criação e instalações de prédios públicos necessários ao funcionamento da máquina administrativa.

De acordo com o Livro Borrador¹³³, pode-se perceber que as primeiras medidas feitas pelo prefeito Joel Borges foram ao setor de segurança, educação, saúde, arborização e serviços de utilidade pública, como construções e conservações de rodagens, iluminação e limpeza.

A *Revista Ipiranga*¹³⁴ destaca a construção de várias estradas municipais para diferentes centros produtores, vários poços tubulares foram perfurados no interior do município. Na cidade, foram construídos: o prédio da sede da prefeitura (hoje Casa da Cultura Monsenhor Mateus), o posto de saúde, o comissariado de polícia, o chafariz com o motor bomba, a pavimentação poliédrica e a conclusão prédio da usina elétrica.

No mandato do prefeito Joel Borges foi criado o setor local da Campanha Nacional das Escolas da Comunidade¹³⁵ (CNEC), em meados de outubro de 1966. Segundo as

¹³⁰GOETHE, Johann Wolfgang Von. Fausto. Trad. Silvio Meira. Rio de Janeiro: Agir, 1968.

¹³¹NASCIMENTO, Luciano Barbosa do. 40 anos de crescimento. In: *Revista Ipiranga*, Ed. 01. Picos: Artec – Publicidades, Dez. 2002.

¹³²CAMINHA, João Borges. Op. Cit., p. 32.

¹³³Livro Borrador, destinado ao Registro da Despesa da Prefeitura Municipal, 1963.

¹³⁴NASCIMENTO, Luciano Barbosa do. 40 anos de crescimento. In: *Revista Ipiranga*, Ed. 01. Picos: Artec – Publicidades, Dez. 2002.

¹³⁵A Campanha Nacional das Escolas da Comunidade foi fundada em 1943, na cidade de Recife. Na época os professores eram universitários, assim se estendendo por vários estados do Brasil, adentrando o interior de cada

informações da *Revista Ipiranga*, Joel Borges foi escolhido como presidente lançado às bases para a instalação de um ginásio na cidade. O trabalho foi desenvolvido com o objetivo de acabar com o êxodo que se verificava todos os anos das famílias locais para outras cidades onde havia o ginásio, com a finalidade de educar seus filhos. A migração tinha ainda como motivo a busca de oportunidades de trabalho e ascensão social.¹³⁶

Segundo a *Revista Ipiranga*¹³⁷, em 31 de janeiro de 1967, Francisco de Assis Moura assumiu a prefeitura e na sua administração construiu escolas, a Praça da Conceição e o Centro Social. A agricultura e o artesanato tiveram grande incentivo. Outro fato importante nesse período foi a instalação da paróquia pelo Pe. Leopoldo Portela Nunes, em 01 de outubro de 1967, sendo nomeado Pe. José Albino de Carvalho Mendes como primeiro vigário da paróquia Nossa Senhora da Conceição. Neste período, criaram a Lei Municipal Nº 200 de 24 de novembro de 1969 oficializando o dia 15 de dezembro (data da emancipação política) como feriado em todo o território de Ipiranga. Em 1970 a rodovia 316 que passava em frente à cidade e que até então era de piçarra, recebeu pavimentação asfáltica, fato que muito contribuiu para as transformações urbanísticas da cidade. Para a depoente Teresinha Maria de Carvalho Santos¹³⁸, Francisco de Assis Moura foi o prefeito que mais trabalhou no Ipiranga principalmente na parte social.

No ano de 1971, de acordo com o Livro de Ata da Câmara Municipal de Ipiranga, assumiu a prefeitura João de Deus Sousa para um período de apenas 02 anos. Sua administração foi marcada pela construção de barreiros na região da Serra e pela chegada da energia elétrica da Barragem de Boa Esperança. João de Deus Sousa instalou um televisor público na prefeitura para a população assistir na praça, que segundo os depoimentos foi o primeiro sinal de TV da cidade de Ipiranga. A mudança da feira do domingo para o sábado aconteceu também no seu governo. O município de Ipiranga do Piauí continuou a se desenvolver ao longo dos anos e o povo viu crescer a infraestrutura do município, o aumento da população e melhorias da qualidade de vida segundo a depoente Rita Cortez¹³⁹.

um deles, em cidades e lugarejos onde, sua maioria, a presença do ensino público não se faz presente. In: SOUSA, Alane Batista de Carvalho. *A cidade de Santo Antônio de Lisboa: do Rodeador ao desenvolvimento urbanístico (1964 – 1985)*. 2012. 66 f. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2012.

¹³⁶NASCIMENTO, Luciano Barbosa do. 40 anos de crescimento. In: *Revista Ipiranga*, Ed. 01. Picos: Artecorm – Publicidades, Dez. 2002.p.10.

¹³⁷Idem.

¹³⁸SANTOS, Teresinha Maria de Carvalho. *Entrevista concedida a Letícia Mendes Leal*, Ipiranga do Piauí, 18/03/2013.

¹³⁹CORTEZ, Maria Rita Siqueira. *Entrevista concedida a Letícia Mendes Leal*, Ipiranga do Piauí, 21/03/2013.

Em 1977 assumiu Luís Cortez Rufino, segundo o livro de atas de posses dos prefeitos¹⁴⁰. A sua gestão foi marcada pela construção do Ginásio da CNEC (Campanha Nacional de Escolas da Comunidade) ampliação da rede elétrica na zona urbana e instalação do posto avançado do Banco do Brasil, construção de calçamentos, a Praça Joaquim Rufino e a ampliação da zona urbana com o surgimento dos bairros Nóbilis e Santa Catarina.

Como se pode observar, ao passo que o povoado Ipiranga foi adquirindo construções, como capela, cemitério, escola, agência postal, usina elétrica e mercado, estes contribuíram para o crescimento do povoado, crescendo também a vontade de se tornar um município, de conseguir independência, de se desmembrar de Oeiras, nascendo, então, a comissão que tinha por meta alcançar o status de cidade.

Foram vários anos de lutas, projetos, emendas e discussões na Câmara, para que o projeto finalmente fosse aprovado e, assim, instalado o município de Ipiranga do Piauí, que só aconteceu em 15 de dezembro de 1962. Dentre os principais motivos para não aceitarem de imediato o projeto, assim como aconteceu em povoados vizinhos, fica subentendido o interesse político por disputa de território, uma vez que, a demarcação sugerida para a criação do novo município atingiria uma fazenda próxima que pouco tempo depois conseguiu se emancipar.

Contudo, apesar das dificuldades, o município foi instalado e lentamente foi ganhando transformações no espaço urbano. A partir dessas mudanças, compreendemos que não pode existir história e cidade sem a “materialidade, a sociabilidade, a atuação da coletividade e, por conseguinte sem as memórias sociais dos sujeitos que povoam o espaço cidadão.”¹⁴¹ As memórias povoam toda a área espacial da urbe Ipiranga (PI), pois estão por toda parte, sejam fixadas nas paredes do mercado público municipal, na Igreja, na Casa da Cultura, na praça, no clube, nas escolas. É com base nessas lembranças que vamos tentar identificar as várias cidades muitas vezes reais e imaginárias, a partir da memória dos cidadãos, como será apresentado no próximo capítulo.

¹⁴⁰Livro de Atas das Posses Solenes dos Prefeitos de Ipiranga, 1962. p. 17.

¹⁴¹PENSAVENTO, Sandra Jatahy. Op. Cit, 2003. p.11-12.

3 IPIRANGA DA SAUDADE: a cidade construída a partir da memória de seu povo

É o corpo que habita a cidade, ou a cidade que habita o corpo? Assim como os corpos normatizam e subvertem as cidades, caminham e transgridem as normas do espaço urbano, a cidade também habita os homens como parte visível e invisível. São casas, telhados, praças, mas também sentimentos, emoções, lugares guardados na memória. Espaços de práticas e dizeres. [...] A sensibilidade de escutar vozes discordantes, consonantes, ouvidas e caladas, traçou não apenas as linhas de uma cidade que nascia, mas a memória como parte de sua constituição, pois a memória não é apenas lembrar, mas, sim, um trabalho constante.

Marylu Alves de Oliveira¹⁴²

3.1 Um novo olhar sobre a temática cidade: representações de sensibilidade

Nas letras de Ítalo Calvino¹⁴³, a cidade sonhada, quando não realizada, dá lugar às recordações daquilo que um dia se desejou, num constante movimento da imaginação. Os desejos estampados desde a formação da comissão em prol a emancipação de Ipiranga, evidenciadas em livros de atas¹⁴⁴ e em depoimentos, nos trazem recordações de uma localidade que se transformava, onde desejos e utopias eram semeados pela população do povoado em expansão. As cidades são fruto do desejo e, ao mesmo tempo, resultado da ação de quem as vivencia.

¹⁴² Marylu Alves de Oliveira. In: MORAIS, Eliane Rodrigues de. *De Papagaio a Francinópolis*. Teresina: EDUFPI, 2008.

¹⁴³ CALVINO, Ítalo. Op. Cit.

¹⁴⁴ Livro de Atas da Câmara Municipal de Oeiras, 1956. Nos registros do livro de atas, referentes ao ano de 1956, foram lidas 36 atas. A ata de abertura deste livro tem como data 17 de abril de 1956, e a ata de encerramento 19 de dezembro de 1956. Entretanto, neste ano, a ata mais importante para a construção deste trabalho foi a ata de 17 de dezembro de 1956, página 27. Tal documento apresenta a Câmara Legislativa de Oeiras uma comissão composta por pessoas do Povoado Ipiranga que tinha por objetivo conseguir a emancipação política desta localidade. É citado nesta ata o nome de todos os membros da comissão, a saber: Aldemar Cortez Rufino, Antônio dos Santos e Silva, Claro da Silva Rêgo, Cícero de Moura Rabêlo, Enéas José de Carvalho, Francisco de Assis Moura, Inácio de Oliveira Lopes, João de Deus Souza, José Ribeiro de Almeida, José Ferreira Leal, José Zeno de Nunes Lopes, José de Moura Rêgo Rabêlo, Joaquim Mendes Primo, Joaquim Rufino da Silva, João Mendes Pereira, Luiz de Moura Borges, Lucas Cortez Rufino, Licínio de Moura Rabêlo, Raimundo de Moura Rabêlo, Raimundo Coêlho, Cesário Santana Lima e Tarcísio Cortez de Almeida. O vereador Joel Borges também se declarou integrante da delegação que tinha por objetivo a independência do Povoado Ipiranga.

Após a instalação do município em dezembro de 1962, o espaço urbano vivenciou muitas transformações, construções, caracterizando, assim, o nascimento de mais uma cidade no sertão do Piauí. Para muitos moradores, o status de cidade acarretaria uma série de progressos e transformações urbanísticas para Ipiranga, contudo, percebemos que o desenvolvimento desta ocorreu de forma lenta e gradual.

Luiz Lopes Sobrinho¹⁴⁵, por meio do poema “Minha Terra”, baseado nas suas lembranças da terra natal, chama a atenção para o desenvolvimento da cidade de Ipiranga, que segundo o autor, pelo desejo de crescer deixava de ser uma pequena aldeia, e começava a progredir. Este poeta ainda relata sobre as mudanças ao qual passava a cidade de Ipiranga do Piauí. Neste fragmento do poema, o autor exalta seus sentimentos de amor a terra, contemplando ainda o surto de progresso.

Salve! Salve! Ipiranga! Ó minha Terra!
 É teu lema: - “Crescer e Progredir”-
 E, os espinhos, que o teu presente encerra,
 Se cobrirão de rosas, no Porvir!¹⁴⁶

O poeta transmite em suas palavras emoções e subjetividades que podem ser observadas durante toda a obra “Minha Terra”, onde suas lembranças nos remetem ao espaço de saudade, permeada de sentimentos conforme podemos observar em alguns versos [...] “Tudo se foi! Mas, guardo, na memória, os fatos principais do teu passado! [...] Tudo muda, na vida! Eis o destino! Hoje retorno, cheio de saudade! E, as cousas de meu tempo de menino, todas se foram pela eternidade! Já não vejo meus pais!” [...], ou seja, a cidade natal é o espaço da lembrança de infância deste poeta, onde viveu com seus pais. Então, a cidade se tornou, para ele, um espaço nostálgico dos tempos que vivia com aqueles ao qual devotava afeto.

Referente a essa concepção Sandra Jatahy Pesavento¹⁴⁷ em “Cidades Visíveis, Cidades Sensíveis, Cidades Imaginárias” afirma que as cidades são fascinantes, e mostra que isso se dá não somente pelo simples fato de serem espaços de demarcação populacional, de definição do âmbito urbano, mas também pela sensibilidade que elas trazem consigo, já que as representações e as maneiras como os cidadãos se percebem, a partir da cidade e como a representam, são diferentes e vão se alterando com o passar do tempo.

¹⁴⁵Luiz Lopes Sobrinho (1905-1984) natural de Ipiranga, filho de Pedro Paulo, e sobrinho do padre Monsenhor Mateus. Viveu sua infância na cidade de Ipiranga tendo que sair cedo para estudar, mas sempre nas férias voltava a sua terra natal. Formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais em 1935 pela antiga Faculdade Federal de Direito do Piauí, pertenceu à Academia Piauiense de Letras. Foi juiz, Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado do Piauí, professor, escritor e poeta. Sua poesia de mais destaque na cidade de Ipiranga é “Minha Terra” de 01 de outubro de 1967.

¹⁴⁶CAMINHA, João Borges. Op. Cit., 2009. p. 172- 175.

¹⁴⁷PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades Op. Cit., julho de 2007. p. 11-23.

Sandra Pesavento reflete que são inúmeras as formas pelas quais os indivíduos podem representar a cidade, podendo ser através da escrita, música, teatro, imagens, pinturas, fotografias, práticas cotidianas, dentre outras¹⁴⁸.

Baseado nesta ideia, será apresentada, neste capítulo, a cidade de Ipiranga como espaços de multiplicidade de significados, analisadas a partir da memória visual (fotografias) e memórias dos entrevistados. Dessa forma, podemos identificar nas falas dos depoentes as várias percepções de cidades a partir de suas experiências sensíveis.

Neste sentido, Boris Kossoy em “Fotografia e história”, vê na fotografia duas possibilidades: como elemento de recordação, memória, documentação da vida familiar, ou como elemento de informação e divulgação dos fatos, tornando-se assim elemento indissociável da experiência humana, onde o instante captado e a memória caminham paralelamente. Segundo Kossoy:

Fotografia é memória e com ela se confunde. Fonte inesgotável de informação e emoção. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social. Registro que cristaliza, enquanto dura a imagem-escolhida e refletida de uma ínfima porção do espaço do mundo anterior. É também a paralisação súbita do incontestável avanço dos ponteiros do relógio: é, pois o documento que retém a imagem fugidia de um instante da vida que flui ininterruptamente. Ela dá a noção precisa de um micro espaço e tempo representado, estimulando a mente, a lembrança, a reconstituição, a imaginação é para o historiador, uma possibilidade incontestável de descoberta e interpretação da vida histórica.¹⁴⁹

Ainda sobre a utilização de fotografias como memória visual, Ana Maria Mauad¹⁵⁰ apresenta a ideia da fotografia como fonte histórica. Segundo a autora, assim como Jacques Le Goff, esta considera a fotografia simultaneamente como imagem/documento e como imagem/monumento. No primeiro caso, considera-se a fotografia como índice, como marca de uma materialidade passada, na qual objetos, pessoas, lugares nos informam sobre determinados aspectos desse passado, condições de vida, moda, infraestrutura etc. No segundo caso, a fotografia é um símbolo, aquilo que, no passado, a sociedade estabeleceu como a única imagem a ser perenizada para o futuro. Sem esquecer jamais que todo documento é monumento, se a fotografia informa, ela também conforma uma determinada visão de mundo.

As formas de representações apresentadas por Pesavento, utilizadas nesta pesquisa, nos fazem perceber que a cidade pode se mostrar enquanto espaço real e concreto, assim

¹⁴⁸ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op. Cit., 2007. p.11.

¹⁴⁹ KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ática, 1989. p.101.

¹⁵⁰ ESSUS, Ana Maria Mauad de Sousa Andrade. Através da imagem: fotografia e história, interfaces. *Revista Tempo*. Rio de Janeiro, vol. 1, nº 2, 1996, p. 73 – 98.

como um local do imaginário, em que esta é representada a partir da sensibilidade do indivíduo que pode vir a enxergá-la de acordo com seus sentidos e não necessariamente percebê-la como ela é no campo da realidade.

Assim, Sandra Pesavento¹⁵¹ nos mostra que a cidade imaginária, vista a partir do imaginário do cidadão, seja aquela sonhada, odiada, temida ou desejada, pode se tornar, para ele, como o real, como a cidade concreta, uma vez que as representações são impostas como o verdadeiro e o que realmente existente.

Baseado nos pensamentos e percepções da Sandra Jatahy Pesavento, construiremos a história da cidade de Ipiranga do Piauí a partir das representações de discursos e olhares. Enfatizamos os anos 1962 a 1980, período em que esta urbe vivencia mudanças substanciais no seu espaço físico, sendo assim, articularemos como essa materialidade palpável, construções da cidade, e da percepção desta pelos cidadãos.

Ao entrevistar alguns moradores que vivenciaram essas transformações urbanísticas, percebemos que as memórias povoam toda área espacial, pois estas estão por toda parte, sejam fixadas nas paredes do mercado público, no patamar da Igreja, na primeira praça da cidade, no clube, nas escolas, nas memórias que se enraízam em todos os locais. Compreendendo, assim, que não pode existir história e cidade sem a “materialidade, a sociabilidade, a atuação da coletividade e, por conseguinte, sem as memórias sociais dos sujeitos que povoam o espaço cidadão”¹⁵².

Desta forma Halbwachs¹⁵³ observa que “as lembranças são capazes de criar suas próprias cidades, cidades submersas na memória. Mas estas estão a mercê do tempo e das mudanças empreendidas na materialidade do espaço”. A capacidade mental de lembrar e reter imagens de uma experiência passada, bem como de interação entre o indivíduo com o social, onde a memória se torna histórica é partilhada de sensibilidade. O passado é trazido para o presente, reconstruído, em uma operação imaginária de sentido. Inventamos o passado, criamos realidades nos pensamento, ao evocar o que não pode ser mais verificável.

¹⁵¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op. Cit., 2007. p. 11.

¹⁵² PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História* Op. Cit., 2003. p. 11-12.

¹⁵³ HALBWASCHS, Maurice. *A memória coletiva*. [Trad. Beatriz Sidou]. São Paulo: Centauro, 2006. p. 100.

3.2 Múltiplos olhares, diversas memórias e uma cidade: IPIRANGA

Segundo Pesavento, todas as cidades são dotadas de elementos simbólicos e materiais chamados de *ancoragem da memória*¹⁵⁴, ou seja, percorrendo os seus espaços, encontramos lugares que marcam os cidadãos, que os identificam, nos quais viveram fortes experiências, positivas ou negativas, e que são registradas nas memórias individuais. Tais espaços integram uma comunidade simbólica de sentidos, porque mais do que simples locais representam a apropriação direta pelo social.

Nas palavras de Pierre Nora são denominados de *lugares de memória*. Mesmo que estes locais tenham sofrido degradações ou foram suprimidos fisicamente, funcionam como referência identitária para todos da urbe. Para ele, são lugares de memórias: os museus, os centros de documentação, as praças, os prédios, os monumentos e uma infinidade de elementos reais/imaginários que dão sentido de pertença a um povo.¹⁵⁵

Sendo assim, a Praça de Nossa Senhora da Conceição pode ser considerada um lugar de memória para os ipiranguenses, pois é um ponto de recordação presente na fala de todos os entrevistados. Segundo os depoentes¹⁵⁶, este local era o ponto de encontro de pessoas de diversas idades, desde a juventude até as crianças. Ao lado da praça, se encontrava um parquinho infantil onde se tornava o espaço de lazer da criançada do período, em virtude da cidade não oferecer variedades de opção de diversão. A praça também era utilizada pelos casais de namorados, pela família em geral como lugar de lazer. Tal elemento é perceptível na fala dos entrevistados, onde a praça ganhava também uma memória estética, pois era o cartão postal da cidade, espaço para onde os visitantes iam, lugar procurado por pessoas que vinham de outras localidades para conhecer a “famosa” praça.

Dessa forma, podemos perceber pelo trecho da entrevista de Teresinha Maria de Carvalho Santos¹⁵⁷, a seguir, que a Praça Nossa Senhora da Conceição, na década de 1968, apresentava-se da seguinte maneira:

¹⁵⁴PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História, memória e centralidade urbana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p.2.

¹⁵⁵NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. In: Revista Projeto Histórico. São Paulo: PUC, dez. 1993, nº 10. p.12.

¹⁵⁶Maria Rita Siqueira Cortez, Teresa de Jesus Silva dos Anjos, Maria Rosa Damascena Moura e Teresinha de Maria de Carvalho Santos.

¹⁵⁷Professora aposentada. Nasceu na localidade Ipiranga em 11 de maio de 1942. Mora na Rua Antônio Mendes, Nº 75 – Centro de Ipiranga. Teresinha Carvalho como é conhecida na cidade é filha de Enéas Carvalho, que participou da comissão de emancipação política da comunidade. Casou em 1977 constituiu família e residiu na cidade até hoje.

Me recordo que o prefeito Francisco de Assis Moura, “Assisão”, escolheu aquele lugar por ser o coração da cidade, em frente a igreja e a prefeitura. E como o local era grande, significava dizer que era o centro da cidade. Eu me lembro que a praça era linda, bem no meio da praça tinha um desenho que era o mapa do município, onde funcionava a fonte luminosa que lançava jatos de água para cima, era muito lindo de se ver. Eu ficava admirada com aquilo tudo, os banquinhos. Ah! Os bancos era diferentes, tinha encostos, cada banco daquela praça foi doação que o prefeito recebeu na época até tinha o nome da pessoa que deu. A esposa do Seu Assis era muito ligada a plantas, e ela iniciou a arborização dessa praça, com plantas bem floridas. A rua era só areia.¹⁵⁸ [sic.]

Percebemos, durante a entrevista, que essa praça marcou muito a vida dos cidadãos, sendo lembrada com afeto, permeado de emoções e subjetividades, acabando por se tornar um espaço idealizado, onde rememoram-se as brincadeiras, paqueras que hoje, só conseguem ter acesso a partir de esquemas mentais e das fotografias.

Teresinha Carvalho Santos ressalta que antes da construção da Praça de Nossa Senhora da Conceição, a sociedade ipiranguense tinha outro ponto de encontro entre os jovens da época - o patamar da igreja-, descrevendo-o da seguinte forma:

Me recordo que bem antes da construção da praça que foi construída em 1967 ou 1968 por aí, num sei data precisa não. Antes da existência dela o nosso encontro, era o patamar da igreja, lembro direitinho a gente rodeava, rodeava o cruzeiro como se estivesse passeando numa praça. [Risos]. Mas logo quando construiu a praça todo mundo passou a passear e a se encontrar na praça mesmo¹⁵⁹. [sic.]

A partir da informação da depoente, podemos constatar que antes mesmo da construção da primeira praça pública da cidade de Ipiranga do Piauí, já existia outro ponto de encontros utilizados pelos cidadãos. Desta forma, podemos captar pela memória dos sujeitos históricos os espaços de experiências e vivências de sociabilidade da sociedade, que acabaram por guardar estes espaços de representação sensíveis mergulhado de sentimentos e subjetividades.

¹⁵⁸ SANTOS, Teresinha Maria de Carvalho. *Entrevista concedida a Leticia Mendes Leal*, Ipiranga do Piauí, 18/03/2013.

¹⁵⁹ Idem.

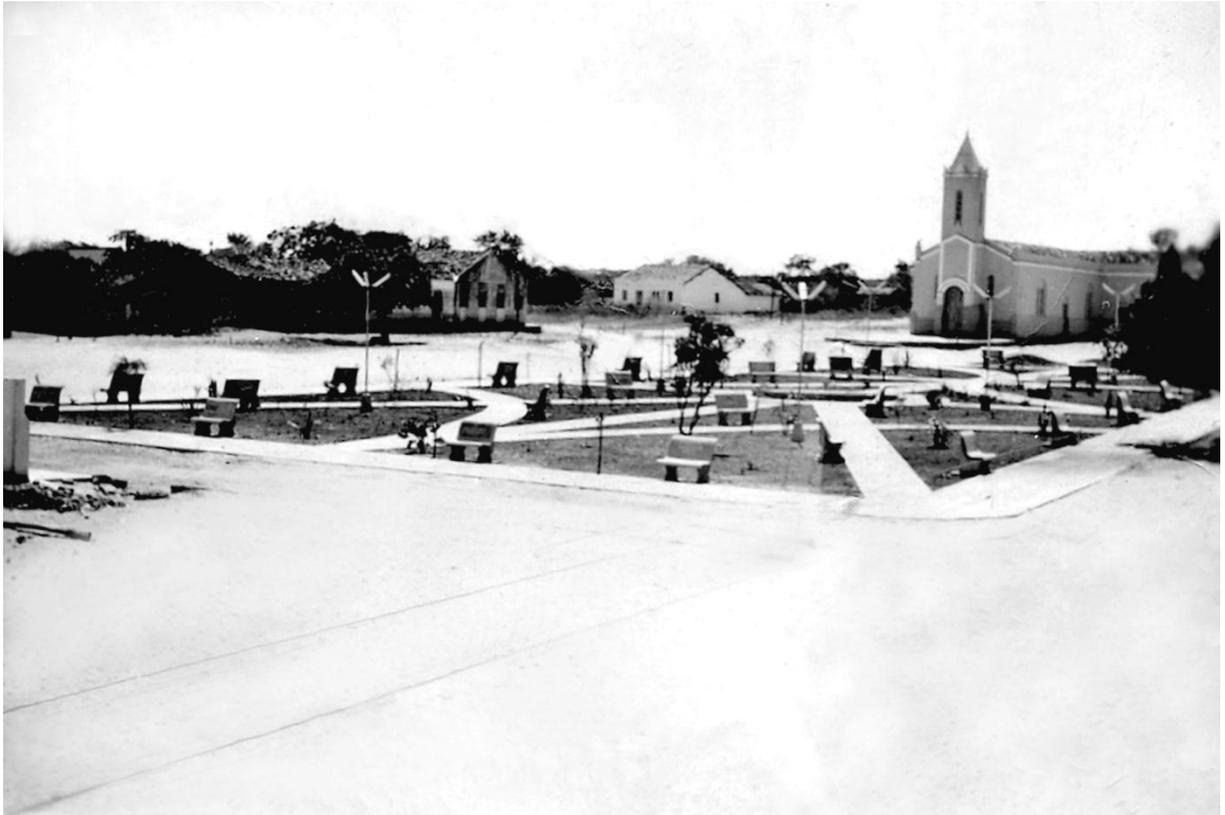


Ilustração 07: Praça de Nossa Senhora da Conceição em Ipiranga do Piauí, 1968.
Fonte: Acervo da Casa da Cultura Monsenhor Mateus

Com formato de um quadrado e bancos fixados próximos a um jardim, percebemos pela imagem acima que a praça tornava-se um local agradável para encontros entre amigos, passeios, especialmente após a missa na Igreja Nossa Senhora da Conceição, e era, sobretudo, um dos espaços preferidos para namoros, em virtude de seu belo aspecto físico e localização. Ainda servia como ponto de encontro, especialmente, dos jovens para a ida a outros espaços de lazer, tal como o Clube Recreativo Ipiranguense (CRI).

A depoente Maria Rita Siqueira Cortez¹⁶⁰ recorda que quando chegou à cidade de Ipiranga não existia a praça. O local onde hoje se encontra a Praça de Nossa Senhora da Conceição, em frente à Casa da Cultura, naquela época, era um local onde funcionava a Prefeitura, tendo outra composição, era formada por árvores, conforme recorda: “lembro que ali era só jatobá, pé de jatobá. Tiveram que desmatar para construir. Fizeram a praça, a praça que veio embelezar a pequena cidade de Ipiranga”¹⁶¹. A entrevistada chega a se emocionar ao

¹⁶⁰ Nasceu em 31 de janeiro de 1948, natural de Amarante – PI, aos sete anos sua família se mudou para a cidade Floriano onde conheceu Luiz Cortez Rufino natural de Ipiranga do Piauí, se casando com ele aos 15 anos em 1963 passando a residir a partir da data do matrimônio na terra natal do seu esposo, onde constituiu família, permanecendo na localidade até os dias atuais.

¹⁶¹ Cortez, Maria Rita Siqueira. *Entrevista concedida a Letícia Mendes Leal*, Ipiranga do Piauí, 21/03/2013.

pegar o álbum de fotografias da família e ver as fotos de seu filho criança brincando com velocípedes na praça, como podemos visualizar na imagem a seguir.



Ilustração 08: Marcos Siqueira Cortez filho da depoente Maria Rita Siqueira Cortez, em 1978 aos 3 anos andando na praça com seu velocípede.

Fonte: Acervo Pessoal de Maria Rita Siqueira Cortez.

Ainda sobre a depoente Maria Rita Siqueira Cortez, esta recorda que adorava aos domingos à tardinha quando arrumava seus filhos e levava-os para brincar no parquinho infantil, ao lado da praça, aproveitando para também conversar com as amigas. “[...] era tão bom, a gente conversava agente levava os filhos para brincar no parque, a praça era a melhor coisa que agente tinha na cidade [...] Foram momentos inesquecíveis que marcaram minha vida [...]”¹⁶².

A narrativa aponta a saudade dos tempos em que ia a praça com os seus filhos, momentos que hoje são possíveis apenas através das lembranças, já que seus filhos cresceram e moram em outras cidades. A saudade ainda se insurge como elemento de dor, uma vez que um dos seus filhos faleceu recentemente.

A praça representa um lugar da cidade de um tempo passado que ficou guardado nas fotografias e nas memórias penetradas de sensibilidade e de representação para os habitantes da urbe. Teresa de Jesus da Silva dos Anjos¹⁶³ em entrevista nos relata que:

¹⁶² Idem.

¹⁶³ Professora aposentada. Nasceu na localidade Ipiranga em 14 de maio de 1944, é casada tem três filhos. Mora na Rua José do Rêgo, na cidade de Ipiranga do Piauí.

A praça era muito bonita. Era linda. Era o único ponto de lazer que a gente tinha, os passeios. Porque eu ainda sou do tempo de rodar a praça, os passeios. Rodando, rodando e conversando com as amigas, não tinha esses negócios de hoje de ir pra bar, de bebida essas coisas não. A praça era um ponto onde a gente se arrumava e ia flertar que era apenas as trocas de olhares, paquera inocente, porque naquela época não era que nem esses namoros de hoje não, as coisas eram mais rígidas e a gente obedecia. Eu ia mais era no sábado e no domingo. Domingo a tarde era aquela criançada para brincar no parquinho. Tinha uma fonte luminosa bem no meio da praça, que era o formato do mapa de Ipiranga, que hoje soterraram e plantaram umas plantinhas em cima. Todo mundo tinha uma foto ali. Era o cartão postal da cidade porque realmente era linda.¹⁶⁴

A praça é o território de excelência das lembranças da narradora, é lá que estão as suas experiências e seus sentimentos da jovialidade. “Paqueras inocentes, porque naquela época as coisas eram rígidas” significa, para ela, que hoje as coisas estão mais liberais, mais flexíveis, onde os namoros ganham outras configurações.

A respeito da fonte luminosa, a qual os entrevistados mencionam, podemos visualizar na imagem a seguir.



Ilustração 09: Crianças na fonte luminosa da Praça de Nossa Senhora da Conceição na década de 1970.
Fonte: Acervo da Casa da Cultura Monsenhor Mateus.

A Praça de Nossa Senhora da Conceição, segundo os relatos dos entrevistados, era o lugar onde possuía o único jardim público da cidade, na década de 1970, sendo considerado o melhor cenário para tirar fotografias, e o lugar mais cobiçado era a fonte luminosa. Na fala de

¹⁶⁴ANJOS, Teresa de Jesus Silva dos. *Entrevista concedida a Letícia Mendes Leal*, Ipiranga do Piauí, 21/03/2013.

uma entrevistada, esta supõe que o prefeito da época, Francisco de Assis Moura, teria consultado um arquiteto para a confecção da planta da Praça Nossa Senhora da Conceição.

Maria Rita Siqueira Cortez em entrevista aborda que:

“Assisão”, prefeito que fez a praça em frente à prefeitura velha, eu acho que ele teve um arquiteto que pensou no modelo da praça, porque minha filha ela não fazia só não. Tem que ter tido algum modelo, um profissional. Foi muito bem pensada. Nossa me recordo com as florzinhas eram lindas e cheirosas. Essa praça me traz tantas recordações boas.¹⁶⁵

Na narrativa de Rita Siqueira Cortez, é perceptível o encantamento que a praça causou, um espaço onde havia beleza, onde a narradora guarda boas lembranças de momentos vividos neste espaço, que reativam experiências e sentidos adormecidos no cotidiano.

Na década de 1970, percebemos que a praça era o cenário preferido pela sociedade ipiranguense para tirar fotografias, sendo uma prática bastante comum entre os casais de namorados, famílias, amigos, dentre outros. Nota-se que a praça funcionava como uma espécie de cartão postal, como mencionaram alguns depoentes. Para Maria Rosa¹⁶⁶, o ângulo de destaque era a fonte luminosa, que segundo a entrevistada “todo mundo tinha que tirar uma foto na fonte luminosa”¹⁶⁷. A entrevistada possui várias fotos na praça, no ato da entrevista e com o suporte das fotografias, a narradora lembra quando namorava com o Antônio Carvalho, seu atual marido. Maria Rosa recorda que na época, Antônio Carvalho teve que viajar para São Paulo em busca de emprego, objetivando conseguir condições financeiras para ambos casarem e, assim, constituir uma família. Então, naquele período, tiraram várias fotografias para ele levar como uma recordação da namorada que ficou em Ipiranga aguardando seu retorno. Sobre este ocorrido a depoente nos informa que:

Tiramos várias fotografias na praça para ele levar de lembrança de mim que na época eu era namorada dele, mas já estávamos pensando em casar. Mas nós não tínhamos condições para nos sustentar, arcar com as despesas de uma casa. Então ele decidiu ir para São Paulo para conseguir dinheiro para poder casar comigo, me sustentar né. Porque naquele tempo as coisas eram muito difícil, não é que nem hoje que o governo dá dinheiro para todo mundo. Então, o Antônio e eu fomos à praça, lugar dos nossos encontros, onde a gente namorava, tiramos várias fotos, na fonte luminosa, no banco. Às vezes pego esses álbuns de fotografias daquele tempo fico olhando e lembrando de muitas coisas boas que já vivi. A praça para mim tem uma lembrança muito especial.¹⁶⁸

¹⁶⁵Cortez, Maria Rita Siqueira. *Entrevista concedida a Leticia Mendes Leal*, Ipiranga do Piauí, 21/03/2013.

¹⁶⁶Maria Rosa Damascena Moura nasceu na localidade Ipiranga do Piauí em 26 de dezembro de 1951. Reside na Rua José do Rêgo, Centro – em Ipiranga – PI.

¹⁶⁷MOURA, Maria Rosa Damascena. *Entrevista concedida a Leticia Mendes Leal*, Ipiranga do Piauí, 18/03/2013.

¹⁶⁸ Idem.



Ilustração 10 e 11: Casal de namorados na fonte luminosa da Praça Nossa Senhora da Conceição, 1973.
Fonte: Acervo Pessoal de Maria Rosa Damascena Moura



Ilustração 12: Casal de namorados na Praça Nossa Senhora da Conceição em 1973.
Fonte: Acervo Pessoal de Maria Rosa Damascena Moura

Na narrativa da depoente Maria Rosa Damascena Moura, percebe-se a importância da imagem como suporte da memória: “às vezes pego esses álbuns de fotografias daquele tempo fico olhando e lembrando de muitas coisas boas que já vivi”¹⁶⁹. Neste discurso, a entrevistada aponta que ao recorrer à fotografia, projeta neste recurso uma possibilidade de revisitar lugares e emoções de um tempo passado que ficou guardado em fotografias.

Esses depoimentos de Teresinha Maria de Carvalho Santos, Maria Rita Siqueira Cortez, Teresa de Jesus da Silva dos Anjos e Maria Rosa Damascena Moura encaixam-se bem no que diz Sandra Jatahy Pesavento acerca das formas de tratar a cidade através dos recursos da história oral, das palavras ditas, através da recuperação dos depoimentos e dos relatos da memória, retrazendo, então, uma experiência do vivido, transmitindo para aqueles que não estiveram na cidade do passado às experiências vividas naqueles lugares que não mais existem, das sociabilidades e ritos desaparecidos e dos valores desatualizados. No entanto, buscando o recurso da História Oral em tempos fragmentados procura-se:

[...] depoimentos e relatos de memória, que retrazem uma experiência do vivido e do possível de ser recuperado pela reminiscência, transmitindo no presente para aqueles que não estiveram na cidade do passado. Fala-se e conta-se, então dos mortos, dos lugares que não mais existem, de sociabilidades e ritos já desaparecidos, de formas de falar desusadas, de valores desatualizados. Traz-se ao momento do agora, de certa forma, o testemunho de sobreviventes de um outro tempo, de habitantes de uma cidade que não mais existe.¹⁷⁰

Nessas falas, percebemos as experiências vividas no espaço da praça, ponto de momentos de sociabilidades dos cidadãos na década de 1970. Nas narrativas, o tempo e o espaço se entrelaçam no momento desencadeado pela lembrança, marcadas de significados e emoções configurando o espaço da praça múltiplas dimensões de memórias e sentimentos.

Conforme fora mencionado anteriormente, a Praça Nossa Senhora da Conceição, além dos passeios, servia também como ponto de encontro para outros espaços de lazer, como a ida ao Clube Recreativo Ipiranguense (CRI) que se localizava próximo à praça. Segundo Lucas Cortez Rufino¹⁷¹, este clube foi criado antes de Ipiranga se tornar cidade, quando esta localidade era apenas um povoado pertencente a Oeiras por volta de 1958. Segundo o depoente, neste clube acontecia festas dançantes.

Sobre o clube, Maria Rita Siqueira Cortez relata que:

O CRI, como todos chamavam, era coberto de palha, era muito simples, mas foi nele que aconteceram as melhores festas da cidade. Lá tinha até carteirinhas para os sócios, que pagavam uma mensalidade por mês para

¹⁶⁹ Idem.

¹⁷⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op. Cit., 2007. p. 20.

¹⁷¹ RUFINO, Lucas Cortez. *Entrevista concedida a Letícia Mendes Leal*, Ipiranga do Piauí, 22/05/2012.

manter o clube, tinha uma diretoria, com presidente, tesoureiro, era muito organizado. Eu fui muitas festas lá. Eu adorava ir festas. Como lá era coberto de palha a gente dizia era muito assim: vamos pra palhoça. Muitos cantores famosos naquele tempo cantaram no CRI. Almir dos The Ferveres, Judiardes, Os Rebeldes do Rio Grande do Norte. As festas de colação de grau do Grupo Monsenhor Lopes, quando eu era diretora da escola, eu fazia lá. Ah não sei se lhe contaram, mas no CRI não podiam entrar mulher falada e nem negro. Funcionou muito tempo assim, só acabou com essas coisas lá pelos anos de 1980.¹⁷²

Percebe-se que, através da narrativa da depoente, suas recordações sobre os momentos de lazer na cidade de Ipiranga. Através da sua fala, podemos identificar que o clube mencionado era coberto de palha, evidenciando que a associação a esse fato, o local também ficou conhecido como palhoça. No entanto, apesar de estruturas simples, segundo Rita Siqueira Cortez, cantores famosos, fizeram shows no CRI. Este clube, além de festas dançantes, também promovia, em seu espaço, festas escolares, como colação de grau. Nesse período, também observamos nas memórias de Cortez, que se estabeleceram critérios para impedir que determinadas pessoas entrassem no clube, como as chamadas mulheres “faladas”, (mulheres solteiras que não eram mais virgens) e os negros.

Na descrição das festas que aconteciam no Clube Recreativo Ipiranguense, Teresa de Jesus Silva dos Anjos¹⁷³ nos informa que, além da interdição de “mulheres faladas” e dos negros, havia ainda outro critério para ter acesso às festas do CRI. Segundo a entrevistada, só era permitida a entrada nas festas de quem tivesse a partir de 15 anos de idade. Dentre as bandas que animavam as festas do CRI constatamos, na memória dos entrevistados, destacaram-se: Barbosa Show Bossa, Bárbaros da Bossa, MC8 – Marcelo e seus 08 componentes, José Augusto, Fernando Mendes e os Magnos de Valença, que foram citados por vários depoentes.¹⁷⁴

Ainda sobre o clube, em algumas entrevistas foi citado que, na década de 1970, atearam fogo na cobertura de palha e até hoje ninguém sabe quem teria cometido tal ato, contudo não podemos descartar a hipótese de ter sido mesmo acidental, uma vez que, o material da cobertura do clube é de fácil combustão. Fazendo uma relação com o texto de Francisco Alcides do Nascimento,¹⁷⁵ sobre o processo de modernização de Teresina nos anos de 1930 e 1940, podemos pensar que, talvez, a cobertura de palha do clube citado refletisse

¹⁷²CORTEZ, Maria Rita Siqueira. *Entrevista concedida a Letícia Mendes Leal*, Ipiranga do Piauí, 21/03/2013.

¹⁷³ANJOS, Teresa de Jesus Silva dos. *Entrevista concedida a Letícia Mendes Leal*, Ipiranga do Piauí, 21/03/2013.

¹⁷⁴Maria Rita Siqueira Cortez, José da Silva Borges, Maria de Fátima de Moura Leal e Teresa de Jesus Silva dos Anjos.

¹⁷⁵NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *Cidade e Memória: O processo de modernização de Teresina nos anos 1930 e 1940*. In: EUGÊNIO, João Kennedy (Org.). *História de vário feito e circunstância*. Teresina: Instituto Dom Barreto, 2001, p. 128-151.

um aspecto da cidade que, durante muito tempo foi pensado pelos técnicos desenvolvimentistas do espaço urbano, identificando-a como atrasada, feia, sendo que este aspecto acabaria por entrar em conflito com o espaço que foi pensado para as cidades modernas, tal como se imaginava que fosse Ipiranga pós-emancipação política. Pelas entrevistas realizadas para a construção deste trabalho, os indivíduos projetam que, pós-emancipação, uma nova cidade surgiria, que estaria enveredando pelo caminho do progresso e da modernidade através das construções, e outros elementos modernos, que deveriam estar se inserindo no cotidiano dos cidadãos. Contudo, segundo os depoentes, o CRI foi reformado, ganhando cobertura de telha, funcionando como clube até na década de 1980, quando depois decidiram reformar o prédio e instalar uma biblioteca no local.

Outro aspecto que foi bastante mencionado nas entrevistas com os cidadãos sobre a história da cidade foi a instalação de um aparelho de TV na praça. Nas narrativas, muitos recordam que no espaço da praça, o prefeito Francisco de Assis Moura colocou uma TV na parede na prefeitura. À noite, as pessoas se dirigiam a praça com o objetivo de assistir a programação da televisão, como podemos observar no trecho a seguir:

O prefeito Assisão cavou um buraco em cima da janela da prefeitura e colocou uma televisão, não cabia tanto gente que juntava na praça. [Risos]. Eu jantava cedo, arrumava a cozinha, lavava ligeiro a louça, e ia para praça, pra poder pegar um lugar na frente. Muita gente ia pra praça assistir, porque a primeira televisão que existiu no Ipiranga foi essa, então era novidade, todo mundo queria ir, então, eu ia era cedo para ficar bem na frente. Vinha gente do interior para ver essa novidade que era a televisão. Tinha gente que levava cadeira, mas eu sentava mesmo era no chão, [Risos], a areinha tão fria. Me recordo que eu assisti lá na praça a novela *Meu pedacinho de Chão*, *A Cabana do Pai Tomás*, *O pavão misterioso*, *O direito de nascer*. Naquele tempo, a emissora era a TV TUPI. Ah, antes de ver na TV a novela *O direito de nascer* ela já tinha passado no rádio. Era radionovelas que chamava, eu acompanhava todos os dias. Porque em 1965 praticamente quase em toda casa do Ipiranga já tinha rádio. Na minha tinha um que era no móvel, bem chique no meio da sala. O Ipiranga já estava se modernizando¹⁷⁶.

Na narrativa acima podemos identificar que, com a chegada da TV na cidade de Ipiranga, houve uma alteração no cotidiano dos habitantes desta urbe, uma vez que, os cidadãos logo que cumpriam suas obrigações se dirigiam para praça para acompanhar os capítulos das novelas. No depoimento, podemos notar que o espaço da cidade, para a entrevistada, passa a ser um lugar moderno, através de elementos como a TV e o rádio que estavam, a partir de então, inserido no cotidiano da população ipiranguense.

¹⁷⁶ANJOS, Teresa de Jesus Silva dos. *Entrevista concedida a Letícia Mendes Leal*, Ipiranga do Piauí, 21/03/2013.

Percebemos durante as entrevistas que, de uma forma geral, a população da cidade de Ipiranga lembrava com muita emoção sobre a Igreja que teria sido construída por volta de 1900 a 1907. Nas imagens abaixo podemos visualizar a Igreja:



Ilustração 13: Fachada da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, Ipiranga do Piauí 1972.
Fonte: Acervo Pessoal de Maria Rita Siqueira Cortez



Ilustração 14: Fachada da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, Ipiranga do Piauí em 2007.
Fonte: Acervo Pessoal de Luís Carlos Vieira Soares.

A Igreja para os cidadãos é considerada um patrimônio histórico cultural da cidade. Há 45 anos foi instalada oficialmente a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Ipiranga, com a nomeação do Padre José Albino de Carvalho Mendes¹⁷⁷, primeiro pároco da cidade. A Igreja passou, ao longo desses tempos, por várias reformas, onde sempre foram preservados sua estrutura inicial. Entretanto, há quase um ano a Igreja, sob nova administração paroquial, teria começado, em princípio, uma simples reforma no teto. Todavia, com alterações de planos, esta acabou sendo totalmente demolida, permanecendo apenas a torre da estrutura original. Com relação a este ocorrido, os entrevistados sentem profunda tristeza pela não valorização da história e do patrimônio arquitetônico da cidade, como apresenta o trecho a seguir:

É lamentável eu lhe dizer, hoje eu olho com muito pesar, pra a situação que demoliram essa Igreja [...] eu me senti muito chocado com isso. A Igreja primitiva, pelo que eu tenho de idade na paróquia de Oeiras, a Igreja primitiva começou com uma ação do Senhor Pedro Paulo [...] ele se juntou com alguns amigos aqui e começaram a construção de uma capela de palha. Nesse tempo, o vigário de Oeiras ordenou Acelino Portela, quem celebrou a primeira missa aqui nessa capela de palha [...] depois de muita luta construíram aqui a primeira Igreja. Construiu, melhorou e o povo ajudou muito carregando telha na cabeça, carregando tijolo, foi uma ação comunitária muito bonita [...] me informaram que Monsenhor Lopes foi quem celebrou missa nessa igreja e essa igreja ficou servindo como paróquia de Oeiras [...] construiu a Igreja em 1900 1907 [...] essa igreja com o passar dos anos passou por várias reformas, e foi passando por reformas até que eu assumir Ipiranga como paróquia, quando eu assumi como paróquia fizeram uma reforma. Modificaram um pouco o altar mor e fizeram uma sacristia atrás do altar mor, daí pra diante foi que as reformas começaram a serem feitas por mim. Não tinha o piso nas laterais completo, faltava um resto aí eu coloquei. Aí eu comecei a pensar numa reforma maior e estudei muito a modalidade de fazer essa reforma. Consultei muito o povo, lutei muito pra fazer pra não tirar a estrutura respeitando o jeito do povo antigo que fez (Só aumentar mais um pouco para comportar mais pessoas.) conservei isso (Não tirar as características, as características da Igreja primitiva. Isso faz parte da história, cada tijolo que ali tinha, a estrutura de todo um contexto histórico que tem referência aos que já morreram e que tanto trabalharam para isso.) E aconteceu isso que eu ainda hoje lamento, e continuo lamentando. Agora, pela manhã, eu dei uma caminhada dentro da Igreja e me deu muita pena, de terem tirado com um trator todo o piso, que me deu muita dificuldade de conseguir, com a pobreza do povo mais consegui, era um piso muito bom e muito bonito, modesta parte [...] Aí chegou um colega meu, e uma das primeiras coisas que ele fez, foi demolir isso aí. Oxalá que ele chegue a concluir, porque eu estou achando difícil, é uma obra enorme e foge das possibilidades do povo. Se ele concluir aquilo ali, é com ajuda que vem de fora, não é como a capelinha antiga, feita pelo povo, carregando telha, a Igreja reformada, feita com a contribuição do povo. Contudo, ele pode até concluir um dia, porém não será mais aquela

¹⁷⁷ Ver fotografia de Padre Albino de Carvalho Mendes, primeiro pároco de Ipiranga, em anexos.

Igreja que começou a história da cidade [...] Doí profundamente em mim do fundo da minha alma. É como se tivesse arrancado um pedaço de mim.¹⁷⁸

Ainda sobre a reforma da Igreja a senhora Raimunda Mendes de Lima menciona:

Meu casamento foi nessa Igreja em 1967, foi o primeiro casamento celebrado quando instalaram a paróquia. Tive 11 filhos, todos foram batizados, fizeram a primeira eucarística, crisma, alguns casaram no religioso, outros só no civil. Tenho 16 netos e todos batizados nesta Igreja, pelo mesmo padre. Essa Igreja faz parte da história da minha vida, da minha família e que meus bisnetos não chegaram a conhecer. Quando passo por perto me dá até vontade de chorar, em pensar que a Igreja que meus pais tanto gostavam de me levar, não existe mais. Antes era no formato de uma cruz. Hoje parece um salão.¹⁷⁹

É perceptível nas narrativas dos mais velhos, utilizadas nessa pesquisa, a referência às suas experiências e sentimentos pela Igreja da cidade, que recentemente vem passando por um processo de reforma. Com isso, tem-se modificado o formato e as características da Igreja original, construídas pelos primeiros moradores da localidade, sendo considerado por muitos habitantes “não uma reforma, mas sim uma construção de uma Igreja nova, totalmente diferente”¹⁸⁰.

No depoimento do primeiro pároco da cidade, Padre José Albino de Carvalho Mendes, cada objeto, tijolo, canto, até mesmo o piso da Igreja tem uma história com os quais se construíram sensibilidades. Espaços que representam as dificuldades e as conquistas que tiveram para a edificação da Igreja. Podemos perceber que o espaço da Igreja na cidade é portador de significado e memória, causando um sentimento de identificação e pertencimento dos cidadãos para com ela, exprimido, por exemplo, quando Mendes menciona “Dói profundamente em mim do fundo da minha alma. É como se tivesse arrancado um pedaço de mim”, para o depoente, a Igreja é como se fosse um pedaço do seu corpo, o que significa o sentimento de pertencimento, identidade, representação, imaginário urbano como explica Sandra Pesavento¹⁸¹.

Baseado nas fotografias 12 e 13, podemos notar que a estrutura da Igreja feita pelos primeiros povoadores da cidade de Ipiranga foi preservada, sofrendo algumas pequenas alterações. Observamos, por exemplo, o patamar da Igreja foi alargado, a pintura foi alterada, foram feitos jardins nas laterais da parte exterior da Igreja. Entretanto, na reforma iniciada em 2012 pensada a princípio somente para troca da cobertura (madeira e telha), pois a mesma

¹⁷⁸MENDES, José Albino de Carvalho. *Entrevista concedida a Letícia Mendes Leal*, Ipiranga do Piauí, 20/04/2012.

¹⁷⁹LIMA, Raimunda Mendes de. *Entrevista concedida a Letícia Mendes Leal*, Ipiranga do Piauí, 14/06/2012.

¹⁸⁰ Idem.

¹⁸¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op. Cit., 2007. p.17.

estava comprometida, terminou por modificar quase toda a construção do templo permanecendo apenas a torre da Igreja como podemos observar nas imagens a seguir:



Ilustração 15: Reformando a Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, Ipiranga do Piauí em agosto de 2012.
Fonte: Acervo Pessoal da Casa Paroquial Nossa Senhora da Conceição.



Ilustração 16: Fachada da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, Ipiranga do Piauí 30 de Março de 2013.
Fonte: Arquivo Pessoal de Letícia Mendes Leal.

Desta forma, podemos compreender que o templo religioso da cidade de Ipiranga existente há quase 100 anos e faz parte da história de vida dos cidadãos, atribuindo sentimento de identidade com o lugar ao qual mencionou Lima¹⁸², ao lembrar que se casou nesta Igreja, onde todos seus filhos e netos se tornaram cristãos, ou seja, receberam o sacramento do batismo. Com base neste exemplo, constatamos que a multiplicidade de sentidos da população ipiranguense invade assim, o campo das representações, histórias sentidas e vividas relevando-nos suas subjetividades e sensibilidades através da memória.

As cidades invisíveis de Ítalo Calvino¹⁸³ são metáforas das construções mentais e paralelamente, da incessante busca humana por significados. As cidades são construções feitas a partir da memória que lhes dá valor e significado. A memória é o pilar dessas construções, edificações e estão interconectadas e vinculadas em nossos espaços geométricos através de ruas, praças, templos, cantos, esquinas (simbólicas) da intrinsecamente e do inconsciente, elas são misteriosas e inefáveis. Através das lembranças, vínculos e identificações, atribuímos as cidades significados. Segundo Ítalo Calvino, cada cidade é única na sua paisagem e na construção do seu espaço pelos seus habitantes, e que o número de possíveis cidades é infinito.

Nas narrativas sobre os lugares de memórias da cidade de Ipiranga, podemos perceber que os cidadãos visualizavam a urbe além do concreto, invadindo assim o campo sentimental. Teresa de Jesus Silva dos Anjos em entrevista nos narra que:

Naquela época era muito bom, muito tranquilo [...] Ipiranga era uma cidade bonita, era gostoso, porque era aquele arreião daqui para a Igreja, parecia aquela areia de praia. Chega era soltinha, daquele jeito. Me lembro muito bem disso daí, sabe ! Porque brinquei muito me rolando nesta areia. Era uns bancos de areia que só parecia com a da praia. Era aquela areinha que você podia ir com um vestido bem branquinho se rolar que não se sujava de jeito nenhum. Chega a gente tinha era prazer de brincar com areia. O que quero te dizer é que era mais tranquilo, era mais obediente. Os filhos obedecia mais os pais num sabe? A gente num vê o que a gente tá vendo hoje. Era difícil muitas coisas, como naquela época médicos. Meu Deus! Muitas mulheres naquela época morria de parto, porque não tinha socorro. Como me lembro, como se fosse hoje da finada Maria de Jesus, primeira mulher de Seu Claro Rêgo. Ela morreu de parto. [...] Mesmo aqui sem médico, morte aqui era difícil, era mais assim parto difícil e a gente não via essas loucuras dessas doenças. Era melhor cem por cento. Eu fecho meus olhos e eu vejo a Ipiranga daquele tempo. Sinto tanta saudade. Ave e como sinto saudade . Saudade da pracinha daquele tempo, das festas do CRI, daquele arreião. A

¹⁸² LIMA, Raimunda Mendes de. *Entrevista concedida a Letícia Mendes Leal*, Ipiranga do Piauí, 14/06/2012.

¹⁸³ CALVINO, Ítalo. *Op. Cit.*

minha querida cidade Ipiranga dos anos 60, 70 e 80 deixou saudades. Oh tempo bom que não volta mais.¹⁸⁴

A fala da depoente deixa de forma explícita o sentimento de pertencimento nos espaços da cidade registrado em sua memória, possibilitando perceber as condições sensíveis da lembrança afetiva. Para Sandra Pesavento, as reminiscências possuem uma ligação muito íntima com os espaços, posto que os monumentos e os lugares imprimem porções de identidade, estabelecendo elos entre o passado e o presente. Durante a narrativa, a depoente cita os bancos de areia da pacata cidade de Ipiranga por volta de 1960, associando a esses “arreião” a praia, quando ela diz que “aquele arreião daqui para a igreja, parecia àquela areia de praia [...] Podia ir com um vestido branquinho se rolar que não se sujava de jeito nenhum [...]” evidenciando a construção da cidade idealizada, dos sonhos, pois nunca existiu uma praia no interior do Piauí, e nem essa areia foi trazida da praia para Ipiranga. A ideia do vestido branco nos faz reconhecer o plano do imaginário, a partir de esquemas mentais, ou seja, a entrevistada idealiza o cenário dos bancos de areia local onde sentiu prazer, brincadeiras da infância, sendo assim, a narradora nos apresenta uma cidade de Ipiranga imaginária, idealizada, permeada ainda de sentimentos, e de saudosismo.

O indivíduo quando lembra, recorda com sentimentos, algo que marcou seu passado e não consegue esquecer, como, por exemplo, quando Dona Teresa dos Anjos rememora a falta de médico na cidade no período em estudo. A depoente chega a citar um nome de uma mulher que faleceu de parto, mas, a cidade daqueles tempos, mesmo com a falta de médico, ainda era melhor. No seu discurso prevalece um passado nostálgico e, ao mesmo tempo, ideal, onde os filhos eram mais obedientes.

Desta forma, nota-se o entrelaçamento de várias cidades, como a cidade visível e invisível, a cidade antiga e moderna. A cidade visível é aquela materializada já a cidade invisível é a remediada pela subjetividade daqueles que articulam “dizeres” sobre a cidade. A cidade invisível existe enquanto registro da memória. São as inúmeras evocações realizadas no sentido de construir uma cidade, que somente existe como recordação, reminiscência. Esses espaços, representados nos depoimentos dos cidadãos, presente em nossa análise pela praça, clube e Igreja. As invenções desses territórios subjetivos somente foram perceptíveis em contato com o sentimento de que espaço e tempo haviam se modificado, diante da

¹⁸⁴ ANJOS, Teresa de Jesus Silva dos. *Entrevista concedida a Letícia Mendes Leal*, Ipiranga do Piauí, 21/03/2013.

constatação de que uma cidade estava sendo “perdida” devido ao processo de demolição de alguns lugares de memória.¹⁸⁵

Neste sentido, surge discurso da cidade antiga, espaço da saudade, a cidade nostálgica com estruturas simples que não oferecem tanto lazer, mas que a sociedade era feliz com seus costumes e tradições, já a cidade moderna é percebida pelo sentimento de perda, descaracterização da urbe onde prédios antigos dão lugar a elementos modernos é o advento do progresso.

Diante de tudo isso, acreditamos que as várias cidades que se cruzam nessa perspectiva existem como materialidade e narrativa, produzindo uma multiplicidade de sentidos e sentimentos. As emoções estavam presentes nos relatos através dos gestos, das entonações das vozes que se alternavam do silêncio ao riso, do falar alto, do sussurrar como se não quisessem expor um passado que lhes eram tão próprios, tão individuais. Falaram com o corpo e com a alma, e dividiram as memórias cujo pertencimento era individual. Sendo assim, compreendemos a multiplicidade de práticas e sentidos e suas formas de representação da cidade a partir de imagens e memórias dos entrevistados.

¹⁸⁵ BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa. *Cotidiano, narrativa e representação na Teresina dos meados do século XX*. (2006) 170 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí: Teresina, 2006.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da leitura dos três capítulos, construídos a partir da análise das memórias, fotografias, revistas, livros de atas das câmaras municipais de Oeiras e Ipiranga, assim como das referências teóricas e bibliográficas utilizadas, pode-se chegar a algumas considerações sobre a história da cidade de Ipiranga do Piauí.

De acordo com o que foi exposto nessa produção histórica, em linhas gerais, procuramos entender como se deu o processo de povoamento do antigo povoado Buriti, observando seu desenvolvimento até sua transição a categoria cidade. A partir deste momento, a urbe vivenciou transformações urbanísticas acarretando em múltiplos olhares dos cidadãos que dão forma e significados a sentimentos, e sociabilidade que se constituem em representação da cidade.

Observou-se que o povoamento da comunidade Buriti está relacionado ao modelo de instalação das fazendas de gado do Piauí e que esta ocupação efervesceu ainda mais pela atração da exploração extrativista da maniçoba existente no local. Tal fato impulsionou a vinda de imigrantes italianos que aqui permaneceram mesmo depois da decadência da borracha.

Aliado a esses aspectos, notou-se a importância da feira configurando-se como uma atividade comercial local, desta forma, percebemos que o antigo povoado teve seu desenvolvimento pela feira e não em função de uma Igreja Católica. Porém, no processo de mudança do nome do povoado Buriti para Ipiranga aconteceu através das mediações religiosas, segundo a memória dos cidadãos.

Ao analisar alguns documentos da Câmara Municipal de Oeiras, constatamos a existência de um projeto que pleiteava a ideia de criação da cidade de Ipiranga do Piauí em 1956, entretanto, somente em 15 de dezembro de 1962 é que de fato é instalado o município. Apesar de algumas justificativas, inclusive de que o povoado não se enquadrava nos critérios mínimos exigidos pela Constituição Estadual vigente na época, fato este verdadeiro, porém, seguindo exemplos de cidades vizinhas que também não gozavam de nenhum elemento exigido por lei, e que, mesmo assim, conseguiram se desmembrar, os ipiranguenses decidiram lutar para emancipar-se. Entretanto, a razão do projeto ter sido vetado, a princípio, aconteceu devido a interesses políticos. À medida que foi alterado o projeto no item de demarcação territorial, este foi aprovado e Ipiranga conseguiu se tornar cidade, e após um ano da conquista ipiranguense, a fazenda pensada a princípio como área da nova urbe é elevada a

categoria de cidade, ficando claro o interesse de alguns políticos de datas próximas ao município de Ipiranga.

Observou-se que a cidade de Ipiranga, após a emancipação política, passou por um processo de transformações urbanísticas realizadas pelos “Faustos” que administraram a urbe do período de 1962 a 1980.

Entre as mudanças ocorridas, vimos que as que mais causaram modificações na vida dos munícipes foram: a praça, pois era o ponto de encontro das pessoas, sendo esta lembrada pelos cidadãos, permeada de sensibilidade e representação; o clube CRI local onde se realizavam as festas; o primeiro sinal de TV da cidade proporcionando entretenimento para a população e aumentando, assim, o fluxo de pessoas que iam à praça, uma vez que, a TV era instalada na parede da prefeitura em frente a praça de Nossa Senhora da Conceição.

Outro aspecto acerca das mudanças que a cidade vivenciou consiste na reforma da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, construída pelos primeiros moradores da localidade. Um espaço permeado de manifestações de sensibilidade, de reconstituição de experiências vivenciadas e de identidades, ligações afetiva, que, segundo os habitantes desta urbe é como “se um pedaço de si tivesse sido jogado fora”. Nas narrativas identificamos sentimentos de pertencimento ao templo religioso, com isso podemos perceber que a que a cidade vai além do concreto, invadindo assim o campo sentimental. Sob essa perspectiva, é considerada a cidade subjetiva, invisível e impressa de sentimentos.

Com o trabalho ainda é possível identificar pela memória dos depoentes entrelaçamentos de várias cidades. Nas narrativas identificamos cidades visíveis formuladas enquanto ideia e moldura de uma materialidade; cidades invisíveis que existem enquanto registro da memória; cidades antigas repleta de arquiteturas velhas, tradições, ruas tomadas por bancos de areia, costumes que remetem simbologias do passado; cidade moderna introdução de elementos que apontam para o progresso, espaços projetados. Tendo em vista os vários discursos entrelaçados de diversas cidades podemos identificar ainda a cidade como espaço de cultura e histórica, pois a urbe é composta por diferentes práticas culturais, e, nesse sentido, é fragmentada, plural, entendida como projeção de pensamentos e discursos que vão construindo, significado e criando um imaginário urbano que abrange a produção e circulação de imagens, sejam essas mentais, verbais ou visuais. Histórica porque o espaço da cidade é permeado de história, esta por sua vez, está escrita nas pedras, prédios, nas construções e destruições. A história transcorreu todas essas cidades aqui mostradas, além de outras que ficaram nas entrelinhas dos depoimentos colhidos desta pesquisa. Acreditamos ainda que a cidade existe como materialidade e narrativa, produzindo uma multiplicidade de sentidos

sobre o espaço citadino. Nesse sentido, as várias cidades que se cruzaram nessa perspectiva possibilitaram significativas contribuições para percepção e compreensão do processo de ocupação, municipalidade e transformações desta pequena urbe.

Ao “findar” este trabalho, esperamos ter contribuído para a história da cidade de Ipiranga do Piauí, e que este possa suscitar outras pesquisas.

FONTES E REFERENCIAS

FONTES

Entrevista:

ANJOS, Teresa de Jesus Silva dos. *Entrevista concedida a Letícia Mendes Leal*, Ipiranga do Piauí, 21/03/2013.

CORTEZ, Maria Rita Siqueira. *Entrevista concedida a Letícia Mendes Leal*, Ipiranga do Piauí, 21/03/2013.

LIMA, Raimunda Mendes de. *Entrevista concedida a Letícia Mendes Leal*, Ipiranga do Piauí, 14/06/2012.

BORGES, José da Silva. *Entrevista concedida a Letícia Mendes Leal*, Ipiranga do Piauí, 12/03/2013.

MENDES, José Albino de Carvalho. *Entrevista concedida a Letícia Mendes Leal*, Ipiranga do Piauí, 20/04/2012.

MOURA, Carolina Francisca de. *Entrevista concedida a Letícia Mendes Leal*, Ipiranga do Piauí, 07/02/2013.

MOURA, Maria Rosa Damascena. *Entrevista concedida a Letícia Mendes Leal*, Ipiranga do Piauí, 18/03/2013.

RUFINO, Lucas Cortez. *Entrevista concedida a Letícia Mendes Leal*, Ipiranga do Piauí, 22/05/2012.

Manuscritos:

Livro de Atas da Câmara Municipal de Oeiras, 1956.

Livro de Atas da Câmara Municipal de Oeiras, 1957.

Livro de Atas da Câmara Municipal de Oeiras, 1958

Livro de Atas da Câmara Municipal de Oeiras, 1959.

Livro de Atas da Câmara Municipal de Oeiras, 1962.

Livro de Atas das Posses Solenes dos Prefeitos de Ipiranga, 1962.

Livro Borrador: Registro das despesas da Prefeitura Municipal de Ipiranga, 1963.

Jornal e revistas:

Jornal de Picos, Ano VI nº 173, Picos Piauí 12,13 e 14/12/1987. S/N.

NASCIMENTO, Luciano Barbosa do. 40 anos de crescimento. In: *Revista Ipiranga*, Ed.01. Picos: Artecom – Publicidades, Dez. 2002.

SOARES, João Batista Fontes. Um pouco da história local. In: *Revista Origem*. De onde vem o nome do cantinho que eu moro? Ed.01. Picos: Gráfica Brito. Nov. 2009.

SOARES. Lady Ana da Silva. 40 anos da Paróquia Nossa Senhora da Conceição. Ipiranga do Piauí. In: *Revista Comemorativa*, Ed.01. Picos: Halley S.A., 2007.p.05

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Robério Bôto de. *Projeto de cadastro de fontes por água subterrânea do Estado do Piauí*: Diagnóstico do município de Ipiranga do Piauí. Fortaleza: CPRM, 2004.

ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de. Italianos em Picos-PI: imagens e narrativas. In: *Gente de longe histórias e memórias*. Teresina: Halley, 2006.

BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa. *Cotidiano, narratividade e representação na Teresina dos meados do século XX*. (2006) 170 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí: Teresina, 2006.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. *Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável: Território Cidadania do Cariri – MDA/SDT/AGROPOLOS*. Fortaleza: Instituto Agropolos do Ceará, 2010.p. 19.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMINHA, João Borges. *Ipiranga do Piauí*: Recordações da cidade e do campo: terra de Brejo e Buritizais. Teresina: Gráfica do Povo/EDUFPI, 2009.

CHOAY, Françoise. *O urbanismo: utopias e realidades, uma antologia*. 6ª ed. São Paulo: Perspectivas, 2005.

CRUIKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: revelando algumas questões. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (Org.). *Usos e abusos da história oral*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ENCICLOPÉDIA e dicionário internacional. [S.l.:s.n], 195_. p. 6956-6960.

ESCRIBANO, Francesco. *Descalço sobre a terra Vermelha*. Tradução Carlos Moura. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

ESSUS, Ana Maria Mauad de Sousa Andrade. Através da imagem: fotografia e história, interfaces. *Revista Tempo*. Rio de Janeiro, vol. 1, nº 2, 1996.

SOUZA, Célia Ferraz; PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Orgs.) *Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa*. 4ª ed. rev. Ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

FICO, Carlos. *O regime militar no Brasil (1964-1985)*. São Paulo: Saraiva, 1999.

FONSECA, Graziani Gerbasi. *Os italianos de Picos: esboço para a história das relações entre o Golfo de Policastro e o Sertão Nordeste a partir de 1870*. Teresina: EDUFPI, 2004. p.247.

FREITAS, Sônia Maria de. *História Oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas, 2002.

GOETHE, Johann Wolfgang Von. *Fausto*. Trad. Silvio Meira. Rio de Janeiro: Agir, 1968.

HALBWASCHS, Maurice. *A memória coletiva*. [Trad. Beatriz Sidou]. São Paulo: Centauro, 2006. p. 100.

IBGE: Cidade de Ipiranga: Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=220480>>. Acesso em: 05 de abril de 2013.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ática, 1989.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5ª ed. Campinas: Unicamp, 2003, p. 419.

MARX, Murilo. *Cidade no Brasil terra de quem?* São Paulo: Nobel: EDUSP, 1991.

MORAIS, Eliane Rodrigues de. *De Papagaio a Francinópolis*. Teresina: EDUFPI, 2008.

MOTT, Luiz R. B. *Piauí colonial: população, economia e sociedade*. Teresina, Projeto Petrônio Portella, 1985.

MUNFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *Cidade e Memória: O processo de modernização de Teresina nos anos 1930 e 1940*. In: EUGÊNIO, João Kennedy (Org.). *História de vários feitio e circunstância*. Teresina: Instituto Dom Barreto, 2001.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. In: *Revista Projeto Histórico*. São Paulo: PUC, dez. 1993, nº 10. p.12.

PENSAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. Cidades Visíveis, Cidades Sensíveis, Cidades Imaginárias. *Revista Brasileira de História*. UFRGS, v. 27, n. 53, p. 11-23, julho de 2007.

_____. *História, memória e centralidade urbana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p.2.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *A importância da borracha de maniçoba na economia do Piauí: 1900 – 1920*. Teresina: UFPI: Academia Piauiense de Letras, 1994.

_____. *Economia piauiense: da pecuária ao extrativismo*. 3 ed. rev. Teresina: EDUFPI, 2006.

REIS, Amanda de Cássia Campos. *História e memória da educação em Oeiras – Piauí: de meados do século XVIII à primeira metade do século XX*. Teresina: Expansão/EDUFPI, 2009. p.89.

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

ROSENDAHL, Zeny. *Hierópolis: o sagrado e o urbano*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

SANTOS, Oligiane Oliveira dos. *Diretas Já: Entre as práticas e representações da sociedade picoense de 1980*. 2011. 66 f. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2011. p. 11.

SILVA, Tonny César Barbosa da. *A Cidade de Dom Expedito Lopes: desenvolvimento urbano e social (1964 – 1980)*. 2012. 84 f. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2012. p. 19.

SOUSA, Alane Batista de Carvalho. *A cidade de Santo Antônio de Lisboa: do Rodeador ao desenvolvimento urbanístico (1964 – 1985)*. 2012. 66 f. Monografia. Universidade Federal do Piauí: Picos, 2012.

SOUZA, Célia Ferraz. Construindo o espaço da representação: ou o urbanismo da representação. In: SOUZA, Célia Ferraz, PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Orgs.) *Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997.

ANEXOS

TRECHOS DA ENTREVISTA COM LUCAS CORTEZ RUFINO



Queria que o senhor me falasse um pouco sobre os italianos que vieram e ocuparam essa região, pois o livro de Graziani Gerbasi Fonseca “Os Italianos de Picos: Esboço para a História das relações entre o Golfo de Policastro e o sertão nordestino a partir de 1870”, cita o município de Ipiranga como um dos lugares que estes italianos viveram, percebi que o senhor é entrevistado neste livro. Como foi que a família do senhor veio parar aqui no antigo povoado Buriti?

É foi sim minha filha. Na elaboração desse livro ele passou por aqui, teve conversando comigo aqui. Ele é meu parente talvez Longe, né. Somos descendes de italianos. Sobre os italianos eu sei que eles saíram da Itália talvez por a crise, como tem essas crises aqui de seca, lá tem também ou tinha, e conseqüente mente, a.. houve uma revolução lá um negocio e eles não suportavam essas coisas, eles habitavam em Palermo região da Calabria e resolveram sair, naquele tempo o Brasil estava atraindo muita gente com a cultura do café e dá cana de açúcar, então eles vieram chegaram no Rio, eram muitos, eram um navio com muitas famílias chegaram no Rio ai se debandaram, uns foram para o Sul e outros vieram aqui para o nordeste e se acharam ali pelo Pernambuco de maneira que vieram até Exu no Pernambuco, de lá, se destacou outros para o Ceará Campos Sales e Crato, e destes ai foi que veio alguns pra aqui pro Piauí. Também atraídos pelo, porque naquele tempo se iniciava a cultura da cana de açúcar mais também tinha influência à exploração da Borracha de maniçoba que tinha em abundancia aqui e era uma grande coisa para o comércio, e ficaram por aqui trabalhando ai gostaram e se deram bem que eram os meus antepassados Lucílio Cortes e Matheus Cortes e demais familiares deles.

Então como foi que começou a atração de pessoas para o povoado Buriti?

A atração foi por causa da borracha de maniçoba, era uma espécie de frota aqui nessa praça. Colocava um caixão no chão, tipo uma mesa, debaixo das faveiras e ficaram comprando a borracha dos borracheiros, maniçobeiros, com eram tratados, e vendendo as mercadorias, ai começou.

O senhor sabe quando foi que se iniciou essa feira?

A primeira feira foi no dia dois de dezembro de 1902.

O senhor sabe me informar onde seus pais viviam antes de vim para o povoado Buriti?

Meu Pai veio do município de Picos, agora mais antes de Picos ele ainda morou um tempo no Ceará, em 1877 por ai. Meu pai veio atraído pelo comércio, que ele tinha tendência pra o comércio, menino ainda, adolescente de 16 pra 18 anos, arranjou um credito lá nos comerciantes de Picos e trazia mercadoria, e comprava borracha levava, é tanto que ele não foi, não assistiu a primeira feira, mas assistiu a segunda, *certo*, por isso, daí se deu bem e nunca mais saiu daqui.

O Senhor mencionou a feira da maniçoba, ai eu queria que o senhor falasse um pouquinho sobre essa feira se ela pode ter impulsionado o crescimento desse povoado a tal ponto de se tornar cidade?

A feira influenciou mais a maniçoba vigorou até mais ou menos 1910, 1912, por ai assim, quando tem... Fracassou o comércio externo da borracha e aqui foi substituída pela agricultura a lavoura de cana, mandioca, certo, a borracha foi substituída por isso. E ai nas feiras começaram a comercializar outros produtos, a rapadura por exemplo.

O senhor se lembra em que lugar era realizado a feira?

Aqui quando eu me entendi já se dava ali onde é o mercado, o ponto de encontro era ali.

O senhor sabe informar quando foi construída a igreja?

A construção da primeira capela, no lugar onde hoje ainda é a igreja, uma capelinha eles cobriram de palha e taparam de adobo se tinha e foi em 1903. Ai foi quando foi celebrada a missa pelo Conego Acelino Portela. Em 1904 ai já começou, que construíram uma capelinha melhor, fizeram celebraram a missa com mais entusiasmo, ai criaram a padroeira Nossa Senhora da Conceição, encontraram a imagem ai de 1904, veio em 1908. Meus pais gostavam de dizer que construíram outra melhor em 1908, trabalharam de 1908 a 1928 quando vieram terminar a igreja. E hoje minha filha, cadê. Derribaram tudo.

O Senhor sabe por que Ipiranga e não mais Buriti? O nome, porque antes era povoado Buriti ai porque mudar esse nome?

(risos) Minha filha o negocio é que naquele tempo eles achavam que, os representantes aqui, o nome Buriti achava muito feio, ai pediram, porque naquele tempo o nome de um lugar assim mudava era sempre, era os padres, era o pároco que vinha e ai a gente pedia ai eles no altar ai eles diziam o lugar de hoje em diante vai ter esse nome. Ai foi lá o padre, o Cônego Acelino pra mudar o nome que eles estavam vendo que ia desenvolver o povoado, então já precisava mudar o nome.

Eu queria que o Senhor falasse um pouquinho sobre Joel Borges.

Joel Borges foi, na minha opinião, foi um herói, hoje eu posso dizer isso pois eu era adversário dele, mas ele é o que ele se diz também que ele criou a cidade o município não foi sói ele, entendeu. Porque naquele tempo em 55, 56, quando criaram, quando emanciparam os povoados Santa Cruz, São Francisco e São José dos Peixes desmembraram do município de

Oeiras, e nós aqui ficamos assim com um pouco de inveja, um negócio assim, ai eles, ai a gente ficou um tanto revoltado, porque eles deram independência às prefeituras, os políticos de Oeiras deram dependência a esses outros povoados e não deviam ao Ipiranga se nós nos achávamos em condições iguais a eles, ou melhor, pois toda vida nos fomos bem servidos de transporte. Ai começamos com um trabalho pra gente conseguir isso, uma turma de jovens ai pensamos numa delegação, uma comissão mesmo para brigar, lutar pela emancipação de Ipiranga ... mas ai Joel Borges era vereador representante do povoado, ai fomos a ele, ai estava aparecendo isso ai estava querendo, o Ipiranga estava querendo, o povo estava, e ele prontamente se prestou. E ai minha filha entramos nessa briga.

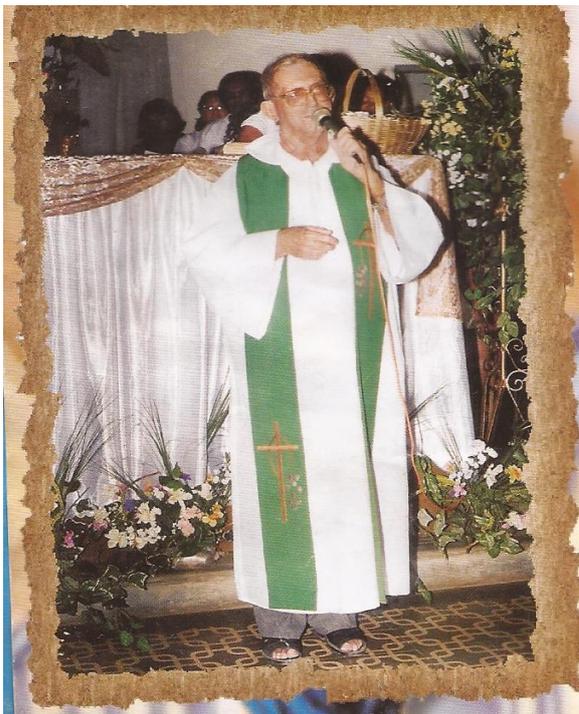
Agora já partindo da ideia da emancipação, de se tornar independente, quem de fato organizou o movimento de emancipação?

Alegávamos que faltava assistência por parte de Oeiras, que eles não se interessava por nada daqui, se interessava, por explorar alguma coisa que aqui tinha, tirar os recursos, os recursos, por exemplo a arrecadação de impostos, outras coisas era pra lá, mas aqui num via nada desses impostos, porque impostos são pra ajudar as coisas do desenvolvimento do estado, eles não, não dava nada pra aqui era pra eles só desenvolvia lá Oeiras aqui o povoado num tava nem.. ai o povo começou a entender isso, porque antigamente o povo era apaixonado ah era Oeiras, tudo mundo era Oeiras, Oeiras era que era a salvação de tudo, num entanto num salvava nada, num valia nada, num tinha nenhum, nenhum proveito, uma estrada aqui que era pra fazer, não fazia, essa rodagens que toda vida teve movimento aqui, rodagens mas quem fazia era os proprietários daqui mesmo, faziam a maior parte, ele num davam nada então, num estava dando futuro nenhum para o povoado Ipiranga. Então se Oeiras cedeu para Santa Cruz, São Francisco e São José dos Peixes porque Ipiranga não, né. Tínhamos grupo escolar, prédio de mercado tinha várias coisas, tinha igreja, ou seja, tinha como ser sede de município.

Seu Lucas, como se deu realmente esse processo de emancipação do povoado? A comissão foi a Câmara municipal de Oeiras, criaram o Projeto?

O projeto que pensava na ideia de criar o município no dia 17 de dezembro de 1956, é tanto que foi daqui uma comissão de apoio a ele, neste dia, nos fomos para a câmara, eu fazia parte dessa comissão. Ai o projeto assim, o vereador cria o projeto e encaminha a presidência da câmara e vai levado ao conhecimento da prefeitura, do município, né, ai lá é que esse projeto pra ser aprovado tem que ter a maioria dos vereadores, dos votantes num é, ai aquela grande dificuldade porque eles não votava, não votavam a favor, porque tinha outros interesses. Foi serviço pra ele controlar os vereadores pra dar a maioria que Joel Borges num tinha, ele encaminhava o projeto os vereadores, mais presidente colocaria em pauta pra ser votado, quando terminava rejeitado, era preciso ele tornar bater na mesma tecla. Nessa luta ele foi até 1960. Ai foi instalado dia 15 de dezembro de 1962.

TRECHOS DA ENTREVISTA COM JOSÉ ALBINO DE CARVALHO MENDES



O Senhor foi o primeiro vigário da localidade, pode me informar em que ano chegou ao Ipiranga?

Eu cheguei aqui no dia 1 de outubro de 1967. Quando cheguei o prefeito era Francisco de Assis Moura. Uma coisa que me recordo de quando cheguei aqui era que Ipiranga tinha muito brejos, e nesses brejos tinham muito buriti, cana-de-açúcar, rapadura, muitos engenhos aqui na região e ainda hoje existem alguns resquícios. Quando eu cheguei aqui ainda tinha um engenho de madeira aqui atrás, só existia esse. Porém, depois eu descobri que teve um período que tinha uns 30 engenhos de madeira aqui na região. De madrugada era bonito, agente acordava com eles moendo a cana, aquele barulho.

Sobre a história da construção da primeira igreja da comunidade, você sabe nos falar alguma coisa? Quando o Senhor chegou ao Ipiranga já havia igreja igual ela era até 2011?

Havia uma igreja de pequeno porte, que a principio era uma capela e ampliaram e melhoraram um pouco dela. É lamentável eu lhe dizer, hoje eu olho com muito pesar, pra a situação que demoliram essa igreja. Exatamente, por isso que eu me senti muito chocado com isso. A igreja primitiva, pelo que eu tenho de idade na paróquia de Oeiras, a igreja primitiva começou com uma ação do Senhor Pedro Paulo, que era o dono desse sítio da Lili doces, do Zeno Lopes. Ele morava aí, ele tinha vindo de Picos e tinha comprado uma propriedade e morava nessa propriedade. Ele se juntou com alguns amigos aqui e começaram a construção de uma capela de palha. Nesse tempo o vigário de Oeiras ordenou Acelino Portela, quem celebrou a primeira missa aqui nessa capela de palha, depois disso chegou com a mudança da capela de palha que passou para o Monsenhor Lopes, que era dessa família Lopes, que morava ali no forte, e ele tinha construído uma igreja na Inhuma. Aí ele passou para construir aqui a primeira igreja. Construiu, melhorou e o povo ajudou muito carregando telha na cabeça, carregando tijolo, foi uma ação comunitária muito bonita e segundo me informaram até eles mesmo tinham aqui essas moças velhas da várzea que agente chamava, quando eu cheguei ainda tinham. Então elas me informaram que ele foi quem celebrou missa nessa igrejinha e essa igrejinha ficou servindo como paróquia de Oeiras, então passou a ser da paróquia de Oeiras. Quem construiu a igreja nesse tempo, em 1900 1907, quem construiu a igreja construiu um cemitério também (fica perto da casa da dona Terezinha Rabelo). Aquele era o único cemitério que tinha aqui e que construíram para a igreja, patrimônio da igreja, por isso

as sepulturas receberam uma consagração especial. O cemitério tornou-se da igreja e foi consagrado. Depois já na minha gestão de padre, aí foi que o Joel Borges junto com o Assis de Moura, O João de Deus construíram esse cemitério lá na boa vista.

E a padroeira? Você sabe como foi essa escolha de Nossa Senhora da Conceição como padroeira da paróquia de Ipiranga?

É, de fato escolheram Nossa Senhora da Conceição como padroeira, eu não me lembro o ano. Mas, escolheram Nossa Senhora da Conceição devido a uma devoção que o povo tinha a ela lá em Oeiras, onde tem até uma igreja por esse nome. Aí eles construíram uma igreja aqui e trouxeram a imagem, me informaram que essa imagem veio de Parnaíba, me parece até que foi o Monsenhor Lopes que trouxe essa imagem de Nossa Senhora da Conceição pra cá, e aí começou essa devoção a ela, que se radicou.

O senhor sabe me dizer como vivia a sociedade ipiranguense nesse período?

Eu sei, mais ou menos. Era uma sociedade ruralista e se concentravam muito na igreja e no mercado. Eram igreja e comércio, que faziam a forma da sociedade. Hoje está diversificada, apareceram outras igrejas de outros créditos. (naquele período só existia a igreja católica) E existia um mercado que eu não sei quem foi que fez (foi anterior, ainda era quando era povoado pertencente a Oeiras, aquele mercado, ele foi bem antigo, antes de se tornar cidade, já havia aquele mercado). Até me disseram que foi um Rochinha Neto de Oeiras, que era prefeito e fez esse mercado e depois ampliaram. Fala-se que tinha muita pobreza. Muita, e eu acho que ainda tem, em partes. A pobreza era extrema, e, por você falar em pobreza eu me lembrei agora de um aspecto. Oxalá, que não seja esquecido. A igreja se envolveu muito com os períodos de seca, num sei agora que esse período que se envolva porque estamos vivendo um período de seca. No ano 1970, eu já estava com 2 anos e pouco aqui no Ipiranga e surgiu uma grande seca. Então eu vivi tão agoniado em ver a situação do povo pobre, passando necessidade, passando fome, sem emprego nenhum, sem fundo rural, sem aposentadoria, nada, o povinho velho eram os que mais sofriam. Aí eu comecei andar por aí a fora adquirindo recursos. Certa vez eu saí daqui, em cima de uma caçamba até Agricolândia, fica perto da Estaca Zero, eu fui lá arranjar colocação, pra poder colocar uns trabalhadores aqui de Ipiranga pra escapar, recebendo aqueles salariozinhos do trabalho. Depois eu fiz promoções indo a muitos lugares, eu fui a Salvador, fui a Fortaleza, fui a Vista Alegre do Alto no interior de São Paulo e arranjei um bocado de ajuda. Eu arranjei muitos gêneros alimentícios, carradas e carradas, arranjei muitos medicamentos, pra ajudar o povo vencer a crise de saúde que a seca ia provocar.

Essa seca aconteceu em que ano?

Em 1970, mas ela se repetiu em 1984, em 1990, me parece que foi. E em tudo isso eu dei assistência, arranjei alimentos, vestimentas, arranjei redes para os pobres. Só redes, eu arranjei 3 mil lá em Fortaleza e distribuí aqui pra o povo, não aqui na cidade. Nesse tempo tinha uns acampamentos aí na margem da rodovia, que era de pedra, e o governo botou só pra emergências, só pra ocupar o povo, e eu andando vi que muitos estavam dormindo no chão, debaixo das árvores. Aí eu fiz uma viagem a Fortaleza e arrumei com um amigo meu, Pedro

Filomena, que, era um português muito rico, cheguei lá e contei a situação pra ele, e ele mandou deixar aqui 3 mil redes pra distribuir com esse povo. Chegou aqui até meia-noite pra o povo não ver, senão avançavam. E a recomendação dele foi essa: Você distribua através da polícia a noite, porque se o Senhor for distribuir de dia, o povo que tá ai na cidade vai avançar, e toma o lugar do pobre no interior. Por isso eu tive varias noites de agonia, viajando tarde da noite, distribuindo as redes, levava a lanterna junto com um soldado que me acompanhava, e ai distribuía a redes. Pegava no pé da pessoa “toma essa rede, vá armar agora pra você”.

O senhor sabe quais foram os primeiros proprietários das terras aqui em Ipiranga?

Bom, eu sei que essa família de Pedro Paulo, fizeram uma doação de uns terrenos para assistência a igreja, que esses é que são terrenos da igreja. Eram, porque grande parte foram negociados. Aconteceu o seguinte: Quase a cidade de Ipiranga pertencia a igreja, os terrenos dali da prefeitura velha até perto da serra, tudo era da igreja, e era mata, isso ai era uma mata enorme, você num chegou a ver não, era mata virgem mesmo. E então quando veio essa construção, essa construção do asfalto, desviaram a estrada, saiu do centro e passou a circular por acolá, entrando na mata.

A primeira entrada antes dessa BR foi a da Rua Genésio Leite, próximo ao posto de saúde?

É essa ai mesmo, a da boeira. Passava ali em frente ao mercado, num passava nem aqui. Ai eu consegui, juntamente com Dom Augusto outro benefício pra o povo pobre sobretudo os do interior, foi lotear essas terras e vender a preço de banana, bem baratinho pra cada pessoa do interior, que queria botar o filho pra estudar e não tinha condição porque não tinha onde mora. Eu fiz o loteamento e vendi bem baratinho pra eles, pra botarem os filhos aqui. Ai foi uma contribuição para a expansão da cidade. Mas, além disso, outros terrenos pertenciam a outras famílias, os Rufinos, Cortez, Moura, Borges, Leal, Soares, os Mendes e outros que não me recordo no momento.

FOTOGRAFIAS



Praça Nossa Senhora da Conceição, Ipiranga-PI: Grupo de jovens em 1969.
Fonte: Arquivo Pessoal de Maria Rosa Damascena Moura



Praça Nossa Senhora da Conceição, Ipiranga-PI: Grupo de Rapazes, 1970.
Fonte: Arquivo Pessoal de Maria Rosa Damascena Moura.



Praça Nossa Senhora da Conceição, Ipiranga-PI: Família reunida, fotografia das crianças, 1970.
Fonte: Arquivo Pessoal de Maria Rosa Damascena Moura.



Ao fundo a fonte luminosa da Praça Nossa Senhora da Conceição, Ipiranga-PI, 1970
Fonte: Arquivo Pessoal de Maria Rosa Damascena Moura.



Praça Nossa Senhora da Conceição, Ipiranga-PI, Bancos doados.1975.
Fonte: Arquivo Pessoal de Maria Rita Siqueira Cortez.



Festa no Clube Recreativo Ipiranguense (CRI), 1972.
Fonte: Acervo Pessoal de Maria Rita Siqueira Cortez



Vista área da cidade de Ipiranga em 1990.
Fonte: Acervo da Casa da Cultura Monsenhor Mateus



Vista área da cidade de Ipiranga em 2004.
Fonte: Acervo da Casa da Cultura Monsenhor Mateus



Posse do primeiro vigário Padre José Albino de Carvalho Mendes, 1º de outubro de 1967.
Fonte: Acervo da Casa da Cultura Monsenhor Mateus.



Centro da cidade de Ipiranga em 1964
Fonte: Acervo da Casa da Cultura Monsenhor Mateus.

Ata de Instalação do município ^{Piauí} de Ipiranga do Piauí.

Aos quinze dias do mês de dezembro de mil novecentos e sessenta e dois, às dez (10) horas, em o salão destinado à sede da Prefeitura Municipal deste município de Ipiranga do Piauí, sob a presidência do cidadão Amadeu de Macedo Reis primeiro suplente do juiz de Direito da Comarca de Oeiras Estado do Piauí, em exercício, e devidamente autorizado pelo Exmo. sne. Des. Presidente do Tribunal de Justiça do Estado - Robert Walt de Carvalho, em despacho telegráfico nos seguintes termos: (" 249/62 Solicito vossas providências para que dae posse Prefeito nomeado novo município Ipiranga desmembrado dessa Comarca - pt SDS Des. Robert Walt de Carvalho - Presidente Tribunal Justiça" e com a presença do dep. eleito João Ribeiro de Carvalho, representante o Excmo.íssimo sne. Governador do Estado, Dr. Cibício Barbosa Nunes e do sr. Antônio Bureosa de Carvalho representante o sr. Prefeito Municipal de Oeiras; sr. Antônio Holanda Filho representante a Câmara Municipal de Oeiras; ses. José Gonçalves ^{de Moura} e Francisco Cortez Rufino representantes dos poderes Executivo e Legislativo da cidade de Santa Cruz do Piauí; ses. Joel Boregas e João de Deus Sousa, respectivamente Prefeito e Vice

Ata de instalação do município de Ipiranga, 15 de dezembro de 1962.
Fonte: Câmara municipal de Ipiranga Piauí.

